



PUC-SP

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO

RAFAEL AMADOR MEDEIROS CORREA

QKCUIER...UMA SUBVERSÃO!

MESTRADO EM PSICOLOGIA SOCIAL

**SÃO PAULO
2023**

RAFAEL AMADOR MEDEIROS CORREA

QKCUIER...UMA SUBVERSÃO!

MESTRADO EM PSICOLOGIA SOCIAL

Dissertação apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para obtenção do título de Mestre em Psicologia Social, sob a orientação da Profa. Dra. Carla Cristina Garcia.

SÃO PAULO
2023

BANCA EXAMINADORA

O presente trabalho foi desenvolvido com apoio da FUNDASP (Fundação São Paulo) com bolsa 100%.

This study was financed with support of FUNDASP (Fundação São Paulo) with 100% scholarship.

“Existe uma boa maneira de categorizar os corpos? O que as categorias nos dizem? As categorias nos dizem mais sobre a necessidade de categorizar os corpos do que sobre os próprios corpos.”

BUTLER, Judith.

AGRADECIMENTOS

A todxxxxs que em qualquer medida contribuíram para a existência dessa pesquisa e para o meu processo de formação.

À minha família, por ter fomentando direta ou indiretamente em mim rebeldias contínuas ao longo dos anos na formação das minhas criticidades.

À professora Carla, pela compreensão, amor e despertar pela continuação dessa pesquisa, que me encheu de novas reformulações de mim. Além de tudo, é uma brilhante amiga, educadora e feminista!

À Tatá, por ser uma amiga incrível, uma pessoa de coração lindo, alguém que amo demais, que me inspira a não desistir e torna tudo incrível.

À Bruna Kury por ser mais que uma entrevistada nesta pesquisa. Por ser inspiração, troca, amiga e alguém especial em meu coração e atitudes.

Aos tantos amigxxxxs que já são parte da minha trajetória e aos tantos que fiz até aqui, sempre me colocando para cima, me energizando, me dando ânimo, e compartilhando pensamentos.

Lembro de vocês todos os dias, amarei vocês todos os dias. E tudo isso também é para e por vocês.

Aos coletivos anarcos, aos kuircores, aos anarcokwirs, às dissidências sexuais e monstras de todos os tipos, às transviadxxxxs resistentes de todos os modos, às lutas diárias cheias de resistência.

CORREA, Rafael Amador Medeiros. QKCUIER... Uma subversão! 2023. 196 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2023.

RESUMO

Esta dissertação tem como objetivo entender como o qckuier subverte a partir dos saberes libertários e decoloniais noções hegemônicas e normativas de corpo, sexo e sexualidade desafiando a necropolítica e as tecnologias operantes do necropoder. Refletindo que as normatizações, como observação emblemática diante dos processos de inserção e aceitabilidade sociais, tornam-se armadilhas de reprodução a partir de aspectos da hetero-conduta, do higienismo introjetado por meio da limpeza de imagem (mostrar-se alguém aceitável), motivando, inclusive, classificações imperativas de reconhecimentos específicos (como uso de siglas que demarcam identidades fixas e agendas comportamentais). Corpos e vidas que não se encaixam nessas demarcações delimitadas são os alvos da violência estatal e discursos conservadores, cujas existências fazem-se diariamente uma resistência, e, portanto, potência às táticas e saberes libertários importantes, que não contribuem com as estatísticas da morte e nem com padrões comportamentais das posturas, permanecendo, assim, alta subversão. Para esse aprofundamento será utilizado a metodologia fronteira de Gloria Anzaldúa e a epistemologia monstra de Paul Preciado, tal qual interconexões temáticas voltadas ao anarquismo cuir, decolonialidade, coletividades em solidariedade e sociabilidade e críticas à pós-modernidade e manutenções do necropoder utilizando reflexões de Achille Mbembe.

Palavras Chave: queer; estudos queer; decolonização; necropolítica; anarquismo; libertário; resistência; subversão.

CORREA, Rafael Amador Medeiros. QKCUIER... ¡Una subversión! 2023. 196 p. Disertación (Maestría en Psicología Social) – Pontificia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2023.

RESUMEN

Esta disertación tiene como objetivo comprender cómo qckuier subvierte, desde saberes libertarios y decoloniales, nociones hegemónicas y normativas de cuerpo, sexo y sexualidad, desafiando la necropolítica y las tecnologías operativas del necropoder. Reflejando que las normas, como observación emblemática frente a los procesos de inserción y aceptabilidad social, se convierten en trampas de reproducción desde aspectos de heteroconducta, higienismo introyectado a través de la limpieza de imagen (mostrarse como alguien aceptable), motivador, incluyendo clasificaciones obligatorias de reconocimientos específicos (como el uso de siglas que delimitan identidades fijas y agendas conductuales). Los cuerpos y las vidas que no se ajustan a estas demarcaciones delimitadas son objeto de la violencia estatal y de los discursos conservadores, cuyas existencias se hacen cotidianamente de resistencia y, por ende, de poder a importantes tácticas y saberes libertarios, que no contribuyen a las estadísticas de muerte y tampoco con patrones conductuales de posturas, quedando así en alta subversión. Para esta profundización se utilizará la metodología de frontera de Gloria Anzaldúa y la epistemología del monstruo de Paul Preciado, así como interconexiones temáticas centradas en el anarquismo, el cuidado, la decolonialidad, las colectividades solidarias y sociables y la crítica a la posmodernidad y el mantenimiento del necropoder a partir de reflexiones de Achille Mbembe.

Palabras clave: queer; estudios queer; descolonización; necropolítica; anarquismo; libertario; resistencia; subversión.

CORREA, Rafael Amador Medeiros. QKCUIER... A subversion! 2023. 196 p. Dissertation (Masters in Social Psychology) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2023.

ABSTRACT

This dissertation aims to understand how qckuier subverts, from libertarian and decolonial knowledge, hegemonic and normative notions of body, sex and sexuality, challenging necropolitics and the operative technologies of necropower. Reflecting that norms, as an emblematic observation in the face of social insertion and acceptability processes, become reproduction traps from aspects of hetero-conduct, introjected hygienism through image cleaning (showing oneself as someone acceptable), motivating , including mandatory classifications of specific recognitions (such as the use of acronyms that demarcate fixed identities and behavioral agendas). Bodies and lives that do not fit these delimited demarcations are the targets of state violence and conservative discourses, whose existences are made daily a resistance, and, therefore, power to important libertarian tactics and knowledge, which do not contribute to the statistics of death and nor with behavioral patterns of postures, thus remaining high subversion. For this deepening, the frontier methodology of Gloria Anzaldúa and the monster epistemology of Paul Preciado will be used, as well as thematic interconnections focused on anarchism, care, decoloniality, collectivities in solidarity and sociability and criticism of postmodernity and maintenance of necropower using reflections by Achille Mbembe.

Key Words: queer; queer studies; decolonization; necropolitics; anarchism; libertarian; resistance; subversion.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Pôster divulgado pela Netflix Brasil para promoção do <i>Queer Eye Brazil</i>	36
Figura 2 – Pichação destacando a frase “ <i>Not gay as in happy, but queer as in fuck you</i> ”, que reflete o posicionamento hardcore/underground sobre atitudes não-dóceis de sexualidades.....	39
Figura 3 – Imagem da bandeira LGBTQIAPN+.....	43
Figura 4 – Bandeira utilizada para expressar o gênero não-binário.....	47
Figura 5 – Fotografia de Gloria Anzaldúa.....	57
Figura 6 – Imagem do livro <i>Borderlands/La Frontera</i>	58
Figura 7 – <i>Missionário sendo comido pela onça</i> , Noé León, 1907.....	65
Figura 8 – A América Latina representada pelo artista uruguaio Gustavo Wenzel em <i>All around this World - Latin America</i> mostrando a enorme riqueza cultural dos países.....	73
Figura 9 – Trabalhadores e trabalhadoras LGBT+ em manifestação pública contra a ditadura civil-militar brasileira, lutando por sobrevivência e contra a discriminação.....	81
Figura 10 – Quadrinho ‘Parto Deshumanizante’ do livro <i>Monstrans: experimentando horrores híbridos</i> de Lino Arruda - artista transmasculino brasileiro -, que trata sobre animalidades híbridas, seres fantasmagóricos e monstruosidades amorfas que compõem uma corporalidade dissidente.....	86
Figura 11 – Fotografia de Achille Mbembe.....	90
Figura 12 – Imagem do livro <i>Necropolítica</i>	97
Figura 13 – Cena do filme <i>Apocalypse Now</i> de Francis Ford Coppola apresentando uma perspectiva adaptada de todo horror acontecido durante a Guerra do Vietnã com interferência direta dos Estados Unidos como política de contenção do comunismo durante o período da Guerra Fria.....	101
Figura 14 – Charge de Latuff representando o ex-presidente Jair Bolsonaro.....	106
Figura 15 – Charge de Junião sobre a herança colonial e escravocrata do Brasil..	106
Figura 16 – Edições selecionadas do jornal <i>Lampião da Esquina</i> sobre diferentes assuntos abordados como matéria de capa.....	108

Figura 17 – Trecho poética-dissidente retirado do livro <i>Não vão nos matar agora</i> de Jota Mombaça.....	113
Figura 18 – Obra do artista Christian de Lima apresentado na exposição "AnarcoQueer".....	114
Figura 19 – Fotografia de Paco Vidarte.....	123
Figura 20 – Imagem do livro <i>Ética Bixa</i>	125
Figura 21 – Página inicial do <i>website</i> independente de Bruna Kury.....	132
Figura 22 – Logotipos-manifestos de apresentação utilizados pela Coletiva Vômito.....	134
Figura 23 – Bruna Kury na performance <i>Gentrificação dos Afetos</i> com Gil Porto Pyrata em 2021.....	136
Figura 24 – Fotografia de Bruna Kury na manifesta PORNOPIRATA de 2017.....	139
Figura 25 – Performance com part. da Diana Pornoterrorista Festival de Pós porno An*rmal, 'DesCulonización', Cidade do México, 2017.....	143
Figura 26 – Faixa/bandeira feita por Bruna Kury escrito "MATE O BRANCO DENTRO DE VOCÊ" (frase do ex pantera negra e anarquista Lorenzo Kom'Boa).....	148
Figura 27 – Foto de Performance Coletivo Coiote na Marcha das Vadias no Rio de Janeiro (Copacabana) em Julho de 2013.....	154
Figura 28 – Ação "lxs desgeneradxs" de Ludditas sexxxuales na exibição do livro e ensaio filosófico <i>Ética amorosa del deseo libertario y las afectaciones libres y alegres</i>	154
Figura 29 – Colectivo Queer Resistance em manifesto ANTI-PRIDE & A.C.A.B. na Cidade do México em Parada do Orgulho LGBTQ+ em junho de 2019.....	155
Figura 30 – Divulgação de <i>Quem Soul Eu</i> no Instagram.....	159
Figura 31 – Álbum <i>Trava Línguas</i> no Spotify.....	160
Figura 32 – Post sobre a música <i>mate & morra</i>	161
Figura 33 – Post sobre a música <i>eu matei o Júnior</i>	163
Figura 34 – Post sobre a música <i>quem soul eu</i>	165
Figura 35 – Post promocional sobre o álbum <i>Trava Línguas</i>	167
Figura 36 – Captura de tela de campanha virtual promovida durante mês do Orgulho por plano de saúde LGBTQIAPN+ <i>friendly</i> para conscientização e proteção da saúde	

mental	nessa
população.....	170
Figura 37 – Fotografia de Paul Preciado.....	173
Figura 38 – Pôsteres virtuais libertários produzidos pela coletiva Monstruosas.....	177
Figura 39 – Manifesto divulgado pela Coletiva Monstruosas com foto tirada na Marcha das Vadias de 2013 de uma performance realizada pelo Coletivo Coiote criticando religiões cristãs supremacistas, cuja intervenção resultou em debate sobre criminalização e questões sobre suposta heresia.....	181
Figura 40 – Bandeira anarcoqueer.....	187

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO: corpos-bomba dy explosiones sudakas!.....	21
1. REVISITANDO O QKCUIER.....	33
1.1 Centelhas da indefinição.....	41
1.2 LGBTQIAPN+:	45
1.2.1 Não-Binária.....	49
1.3 Pós-Modernidade: interrompendo com a ideia de um pós.....	53
1.3.1 DeCULOnial: o grotesco pós-humano.....	57
2. ANZALDÚA: La frontera metafórica como experiência.....	59
2.1 Corpo é política: uma perspectiva latino-americana decolonial.....	67
2.2 As subalternidades falam! Você escuta?.....	75
2.3 Reinventar-se: uma diferença incômoda.....	83
3. A AMPLITUDE DE MBEMBE.....	92
3.1 Na perspectiva da Necropolítica.....	99
3.2 O inflamar da vida para além da morte.....	107
4. CONEXÕES PULSANTES.....	115
4.1 Anzaldúa e Mbembe em sintonia.....	116
4.2 Contribuições de Paco Vidarte: rotas de fuga y fogo vivenciando éticas bixxas.....	124
5. ORGANIZAÇÃO E LUTA.....	128

5.1	Entulhos de rebeliões acumuladas, merda e purpurina: uma troca cwyuer-crítica!.....	137
5.2	Subpolíticas desviantes: desprogramações sociais por coletivos latino-americanos.....	151
6.	MENOS QUEDAS, MAIS TRAVA LÍNGUAS: revirando o existencialismo com Linn da Quebrada.....	159
6.1	Declínio da sanidade mental: ody à corpa-(r)existêncy.....	169
6.2	O fim deste mundo que conhecemos: a ascensão de rebeldias inflamatórias.....	177
	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	183
	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS: dialogias de desprogramação.....	188

INTRODUÇÃO

corpas-bomba dy explosiones sudakas!

Em um estudo anterior, foi realizado um aprofundamento com objetivo de questionar até onde o qkcuier latinoamericano permitia o enfrentamento à normalidade social. Para isso, foram elaborados três capítulos de aprofundamentos temáticos. O primeiro capítulo analisou três pontos importantes: crítica ao gênero, noção de raça e análise historiográfica. O segundo capítulo caminhou pelo explorar através da *Frontera* metafórica decolonial, interseccional e *mestiza* de Gloria Anzaldúa refletida em seu livro *Borderlands/La Frontera* (1987) somando a isso reflexões sobre subalternidades expressivas e a reinvenção incômoda das corporeidades. O terceiro capítulo apresentando as inflamações de (r)existências por meio de atitudes libertárias e artísticas, promoveu a ruptura com os códigos normativos de corpo, sexo e identidade, cujo aprofundamento passou pelos manifestos no funk, nas poéticas, usos e desusos pelas vivências anormais, relações com as práticas políticas anais e o processo de “enviadescer” de Linn da Quebrada doravante análise das letras de música que estão em seu álbum de estreia intitulado *Pajubá* (2017).

A partir dos questionamentos elaborados nas considerações finais da trajetória kwyrizada traçada por ânsias explosivas de inquietações e mutações, deixou-se em aberto possibilidades de seguir pelos fluxos, fluidos e aterros antinormativos sem cair nas objetividades racionais e hegemônicas com formulações de respostas engessadas, mas aproveitando os questionamentos para tecer outras potências de questionamentos, com isso, também novos tópicos de estudos, táticas e refletir a dimensão libertária para as mudanças que aconteceram no mundo, mas não limitaram nem cessaram por abolir estruturas da norma que produzem os silenciamentos e regulamentações neocoloniais.

Para esta dissertação, os devires da anormalidade se estendem e viajam por desprogramações sociais com o objetivo de entender vivacidades erráticas e suas inflamações movidas a gasolina, fogo, revoltas, motins, multidões,

movimentações e construções rebeldes de sociabilidade, solidariedade, organizações coletivas e táticas e/ou rotas de fuga de corpos dissidentes contra a morte, as quedas e os alvos criados, portanto, de modo geral, interroga: como o qckuier subverte a partir dos saberes libertários e decoloniais noções hegemônicas e normativas de corpo, sexo e sexualidade desafiando a necropolítica e as tecnologias operantes do necropoder?

Movendo passos para não capturar e direcionar as análises como um projeto estável, individualista e programável, recaindo sobre as tipificações neoliberais de produção de hipóteses ou nas armadilhas das conclusões intocáveis e preexistentes, tornando emparelhado sob noção de que se é, quando na verdade se está estando e infecciona o mundo normal com reinvenções do estar - propósito do cuir decolonial em transformação constante, contínua e contracultural - três pontos específicos serão aprofundados na dissertação tornando o debate amplo e celebrando autonomias kuyrs libertárias:

1. Trazer à tona a ideia de indefinição como contribuição direta aos saberes e potência antipolítica promovidos pela revolta e contrarresposta agressiva do kuir a partir do aprofundamento decolonial, libertário e além-teórico, abordando dimensões radicais que não se fixam por ontologia estrita, mas permite fluidez para rever as armadilhas criadas nesse processo vinculado ao Movimento LGBTQIAPN+ e cravados como pós-modernos, recordando o porquê a motivação das atitudes libertárias kwirs se distanciam de toda imobilidade para promover solidariedade, corporeidade combativa e sexopotência.
2. Retomar conceitos decoloniais, interseccionais e dialógicos do *queer* terceiro-mundista de Gloria Anzaldúa pela mutação da *Frontera* (1987) e utilizando-a como metodologia fronteira, abordando também por meio do ensaio *Necropolítica* (2018) de Achille Mbembe conceitos como política de morte, soberania, estado de exceção e reconfigurações constantes das tecnologias do biopoder com o necropoder. Isso permite unificar os dois autores para adentrar os horizontes das relações de conflito das corpos dissidentes sobrevivendo ético-esteticamente, fomentando autogestão e

deslocamentos normativos, pensando este processo como conexões pulsantes, trazendo as contribuições de Paco Vidarte e outros referenciais que auxiliam no processo de uma atitude libertária, maricona e refletindo a solidariedade sociabilizada por rotas de fuga y fogo.

3. Explicitar as ações que rompem com a morte sistêmica e o Estado, assim, produzindo (r)existências coletivas e subversivas latinoamericanas em seus ânios inversos à lógica da cisheteronormatividade alimentada também pelo patriarcalismo, racismo e capitalismo neoliberal. São as coletivas que perturbam a norma através de organização e luta horizontais, antiestatais e descentralizadoras da disposição hegemônica universal oferecida neste mundo de cooptações reformistas e compulsoriedades performáticas. Para isso, uma entrevista realizada com Bruna Kury, fundadora da Coletiva Vômito, desperta atenção em uma troca afetiva para pensar como existência, performances subversivas, atitudes anarquistas e questões decoloniais atravessam e efervescem as guerrilhas e encruzilhadas das resistências libertárias que impulsionam vivências caleidoscópicas e antirrepressivas, trazendo também as subpolíticas desviantes com suas ressignificações sudakas, recusas institucionais e devir nômades de desassimilações experimentais para criar as revoltas com alegrias e afetos, além das novas contribuições artísticas de Linn de Quebrada enquanto inflamação.

Para aprofundar, inicialmente, pontos voltados ao problema da pesquisa é importante ressaltar que não é um problema de origem das verdades e difundidas a discursar por teorias, em nome das corpas dissidentes ou clamar justiça burguesas que incorporam pactos de regenerações retocadas. Aqui, como problemática cambiante e dos colapsos, não quer soluções rápidas, diretas e conclusivas, nem poderia sê-lo, se estamos lidando com campos de horizontalidades que corrompem ensinamentos programados a respeito de corpos, sexualidades e identidades, cuja racionalização traduz-se por formatos morais, legalizados e jurisprudentes de cidadania ou pela gestão das resiliências como produtora de inércias. O problema, portanto, encontra pelos entrefluxos, passagens subterrâneas, encruzilhadas, alianças raivosas e no desmoronar de muros os seus gozos libertários, penetrando as pregas ingovernáveis, ocupando e resistindo com desobediências e desvios suas

próprias formulações de respostas que mutam. Não serão provas científicas, acadêmicas e de circunstâncias metodológicas e epistemológicas a provar nada, pois os princípios dissertativos e filosóficos são margens de observação que não precisam se estacionar por adequações doutrinárias policiais nem ditar as regras universais tendo em vista as temáticas apresentadas.

Iniciando esse vagar de desejos, prazeres e heresias libertárias, a Necropolítica, segundo o pensamento de MBEMBE (2018), está ligado diretamente ao processo de compreensão do caráter da morte enquanto entendimento do *continuum* colonial atrelado à dimensão neoliberal e nas construções das soberanias introjetadas nos discursos sobre liberdade, individualidade e territorialização. Ao analisar a Biopolítica foucaultiana a partir de uma dimensão decolonial, aprofundou-se nos processos do poder e legitimidade relativos ao campo social, capturando os propósitos construídos a partir de diálogos elaborados nessa construção do ser subjetivo autorregulado, a qual analiso a partir de diretrizes discursivas de “*seja você mesmo*”, quando, na verdade, é parte dos mecanismos do jogo da política da morte. Sendo assim, tal qual existe contemporaneamente essa perspectiva de um construir-se ou tornar-se emancipado das etiquetas coloniais, patriarcais e dos preconceitos, impulsionado pelas ações - inclusive de *marketing* - por múltiplas territorialidades que reforçam a ideia de orgulho de si, orgulho identitário incitado e articulações políticas expressivamente resilientes, ainda existem corpos animalizados e pervertificados espalhados pela cartografia dos castigos no estatal-capital. A partir disso, é possível entender bem sobre quais vidas merecem existir e quais são meros corpos relegados, matáveis e/ou descartáveis.

Ao pensar em sujeitos, a partir da noção de sujeição individualizada nos mais diferentes aspectos, é que se criam inimigos do progresso e da normalidade. Para existir progresso, busca-se a ordem; para tal ordenação, os olhares se direcionam no seguimento das normas do positivismo eurocêntrico instituídas pela semelhança postural ou mais adaptável, tornando mais fácil exercer a (auto)vigília nas relações e controle estrutural acerca das instituições, sendo necessário sujeitar-se ou correr os riscos da aniquilação - soando como uma escolha proporcional, como se prevalecesse uma.

Mesmo na lógica capitalista, não basta a superprodutividade ou ferramenta contínua de abastecimento da mecânica da vida pelos parâmetros do universalismo categórico e vertical. É preciso que anexado a isso, corpos monstruosos tenham serventia como bem de troca e serventia, senão em nada auxiliam nas ferramentas de governamentalidade e instrumentalização da divisão do trabalho social neoliberal e arquiteturas de manutenção saudáveis à população e seus repulsivos às margens. Impõem como necessário ao bem-estar da normalidade que amam as gestões calculistas higienizantes das diferentes mecânicas que incluem, inclusive, o outro não-branco, não-hetero, não-cisgênero, sendo qualquer recusa um terrorismo à normalidade, tratada como guerra apocalíptica onde barbárie vira eufemismo. Ademais, lembre-se que não existe ou existirá asseguramento de permanências subversivas e desviantes no âmbito civil-estatal, uma vez que o essencialismo de bases neocoloniais e heteronormativas instituem premissas instrumentais de policiamento, jurisdição, políticas públicas de restauração ou os mais diferentes mecanismos de pacificação, cooptação e domínios para garantir a qualidade normativa.

Dando aprofundamento ao que apresentei em *QKCUIER... Uma indefinição!*, mantém-se mais que primordial seguir recuperando “do pensamento de Anzaldúa a quebra das barreiras do silêncio, dar um significado orgânico às coisas que tentam exorcizar e matar diariamente, inclusive do eu-interior, intencionando cadáveres funcionais por serem de fácil leitura” (p. 55) Ao analisar o impacto (r)existente de táticas subversivas de viver, é que a necropolítica cria um de seus alvos a exterminar. A expressividade *qkcuierizada* parte de um incômodo com as normas, as falácias da aceitação, as condutas que englobam um projeto performático de existir e as ideias burguesas reformistas das agendas e culturalizações LGBTQIAPN+ estáveis e cômodas. O que está em *La Frontera*¹ é risco, é desconstrução da permanência estratégica e empreendedora do *modus operandi* heterocompulsório, e, portanto, tratada como sem valor de propósito real ou moral-producente. Não há como discorrer sequer sobre ideias de

¹ A *Frontera* em Anzaldúa (1987) é utilizada tanto como metáfora política quanto premissa direta à divisão entre o México e os Estados Unidos. Uma potência poética e resistente de análise sobre como as fronteiras são feitas para serem atravessadas e superadas, derrubando com elas o sentimento de imutabilidade, de ordenações coloniais e demarcações de morte e poder universalista.

protecionismo governamental e planetário em pontos como esse, pois também faz parte das aparelhagens dos desvios e horror das fiscalizações do Estado.

As corpos anormais sempre apresentaram luta, no sentido não apenas de enfrentamento, mas também por buscarem suas sobrevivências no rompimento com a morte duramente imposta em um processo a qual “as fronteiras e os muros que supostamente mantêm as ideias indesejáveis do lado de fora são hábitos e padrões de comportamento arraigados; eses hábitos e padrões são o inimigo interno. Rigidez significa morte”. (ANZALDÚA, 1987, p. 79, *tradução nossa*)² Sendo assim, além das batalhas constantes contra a heteronormatização terrorista - cujo ápice está na interrupção das inventividades por meio da assimilação fixa -, exercem saberes libertários intrínsecos ao processo de ressignificação subjetiva nas performances ético-estéticas rompendo a ótica imposta por neocolonialismo, marginalização, enclausuramento e imobilidade das possibilidades de estar estando, construindo as revoltas pela saída dos critérios imediatistas de ser, de fazer parte, de construir bases para inclusão espetacular regulatória, sendo alicerce desse inteiro nominável e colocado em caixas dentro de caixas em seus empilhamentos de uma nova docilidade.

Para além da efetividade da autodeterminação centrada nos processos de quebra dos códigos de condutas/posturas, conduz à usabilidade do *queer* por diferentes opções de escrita ou palavras exatamente como um modo de reflexão decolonial, justamente por romper com a mentalidade estrangeira (em principal, euro-estadunidense) diante do processo das linguagens de demarcação, desenvolvendo rigorosamente a ruptura com a caracterização de ser uma subalternidade presumível, uma vez que situa

O momento onde teoria sai do papel, da Academia, das mãos de um pensamento reflexivo para se fazer atitude, que é diária, constante e enérgica. A América Latina sempre se mostrou um espaço sociogeográfico repleto de reflexões, efeitos e considerações que demonstram na própria raiz histórica uma atuação resistente e reivindicativa. Com a fomentação do kwir e dos seus elementos transviados, atravessa direto os ciclos dos determinismos, produzindo resistências, que não são resilientes, são potentes, cheias de fogo! (CORREA, 2018: 12-13)

² “*The borders and walls that are supposed to keep the undesirable ideas out are entrenched habits and patterns of behavior; these habits and patterns are the enemy within. Rigidity means death*”.

Nessa trajetória, o uso da linguagem mutante, fluída e dissidente coloca-se como parte referencial da subversão, já que mesmo com a existência do termo positivado *queer*³, ainda não abarca as potencialidades e rompimentos coloniais ao se falar de um panorama latino-americano. QKCUIER, KUYR, CUIR, TRANSVIADAGY, VADIALISMO, entre tantas outras menções subversivas, não demarcando um território de captura estatal nas tecnologias generificadas ou das siglas amontoadas por saber os funcionamentos específicos da pressão heteroterrorista e essencialista-determinista universalizada na própria linguagem, inventam, reinventam, rompem, reerguem e vivem a autonomia libertária de (auto)expressões que intrigam e desconectam padrões.

A partir desses enfrentamentos é que se constituem as provocações anárquicas, tal como as contracondutas corpóreas que não fazem parte de uma imersão administrativa. Não é possível monitorar, calcular ou racionalizar o quanto ou como essas corporeidades e existências se desmantelam do imaginário subentendido e subscrito. Parte daí a importância de celebrar um cenário antinormatizador, a qual esses alienígenas, esquisites, despudorados não aceitam capitalizações por denominações biotípicas, cientificistas e alavancadas com bases genocidas, exploratórias e patologizantes. Em consequência, a necropolítica intenta demarcar suas localizações por diferentes radares em expansão dos silêncios na produtividade do óbito para propiciar as quedas, o cair dos anormais. Seus efeitos confinam forças e entendem propositalmente que suas flexibilizações contribuem para instituir um caráter justo, pacífico e sanitário. Um viável discurso de crueldade fascistóide!

O interesse, deste modo, é trazer à tona a vida, as rotas de fuga e os movimentos. As movimentações libertárias tornadas práticas (ações diretas), contínuas e flamejantes, como parte da cessação desses mecanismos de

³ A teoria *queer* pensa os sujeitos e as práticas sexuais que ultrapassam a oposição homossexual/heterossexual, mulher/homem, apontando para a variedade e diversidade das subjetivações e das práticas que não se enquadram no que Judith Butler (2003:48) chama de gêneros inteligíveis, “aqueles que mantêm e instituem relações de coerência e continuidade entre o sexo, gênero, desejo e prática sexual”. O *queer* descreve os gestos ou modelos analíticos que mostram as incoerências da suposta relação estável, revelando que a heterossexualidade não é natural, antes efeito do poder, do controle e da regulação social. (PINO, Nádia Perez. **A teoria queer e os intersex**: experiências invisíveis de corpos des-feitos. Cad. Pagu, Campinas, n. 28, p. 161, 2007).

controle, evidenciando as diferentes diferenças dos cenários culturais, rompendo discursos sobre resiliência para explicitar que não há colaborações com as mortes milimetricamente pensadas. Construir um novo roteiro de resistências, alegrias, desconfortos e corpos livres é olhar os molotov em cacos são estilhaços que se espalham feito peste obstinada a arruinar os sucessos e regalias da norma.

À vista disso, pensar a vida para além da morte é justificatório por si só para construir esta dissertação que exterioriza as secreções e vômitos dos descontentamentos com a normalidade e suas invenções massivas como resultado de organizar manutenções do planeta Terra em poderio ocidental dominante para ter certeza da prevalência de um único tipo humano a ser vivido. Na recusa a essa ideia de Humano, as animosidades quírs inumanas contrarrespondem e contradizem pelo olhar anarquista e descentralizador tudo o que envolve a discussão sobre corpos e mortalidade, saboreando e interrogando paralelamente resistências latinoamericanas subalternas, ilustrando pela imprecisão a ideia de *Frontera*. Os corpos existem por entre muros sólidos; é a demarcação da legalidade estatal globalizante e capitalista no âmbito geográfico, mas também simbólico aos aspectos repressivo-comportamentais do cotidiano. Não permite ultrapassagens, mudanças, possibilidades sem cooptação, apenas velhos acordos de paz e assistencialismo benevolente que paira por seus arredores limitando revoluções e autonomizações. Portanto, mudar a rota aos indesejados que nela transitam e não procuram por pontos cômodos a se estabelecerem, destruindo as raízes de tradições que não se alteram. Resistir à morte e resistir em vida são dois tópicos importantes para uma existência de coletividades afetuosas livres e intempestivas.

Situar como norma e necropoder caminham juntos é parte desse aprofundamento. Isso nos inflama de desprogramações sociais, favorecendo críticas às mecânicas frequentes, compreendendo como os alvos são criados e dispostos entre discursos, regras, arranjos simétricos e falsos protecionismos. Apontar os dispositivos que vão se estabelecendo para a marcação cerrada em torno das existências subversivas escancara os ciclos presunçosos de culto às liberdades através da reiteração neoliberal, mercadológica, reformista, colonial, compulsória e patologizante. Clichês como “ser diferente é normal” ou que “tudo

bem ser diferente” já apontam para um processo cisheteronormativo hegemônico centralizador e que não diz respeito às diferentes diferenças. Se existem as diversidades, o que significa ser não-diverso? Aquilo que é centro. Insubmissões monstruosas não são nem querem ser nada, muito menos centro da existência, logo a norma veste-se de centro, colocando diversidades inalteradas à condição conciliatória e cercadas de códigos de condutas moldáveis como peças, beneficiando completamente o que por tanto tempo se impôs como universal pelas ferramentas-armadilhas de reformas.

Importante, também, associar as instrumentalizações entre higienização de corpos subversivos e extermínios estruturais (que podem ser muitos: com armas letais, desdêns, aprisionamentos, imposições, violências civis gratuitas), escancarado como há enunciadores que perpetuam os ditames soberanos e dominantes camuflados pelos discursos de família, igreja, polícia, supremacia, hegemonia, farmácia, bons valores, entre outros:

“[...] uma nova sensibilidade cultural emerge, na qual matar o inimigo do Estado é um prolongamento do jogo. Aparecem formas de crueldade mais íntimas, sinistras e lentas.

[...]

Matar se torna um assunto de alta precisão.

[...]

Essa nova era é o da mobilidade global. Uma de suas principais características é que as operações militares e o exercício do direito de matar já não constituem o monopólio exclusivo dos Estados, [...] emerge um mosaico de direitos de governar incompletos e sobrepostos, disfarçados e emaranhados, nos quais sobejam diferentes instâncias jurídicas de *facto* geograficamente entrelaçadas, e nas quais abundam fidelidades plurais, suseranias assimétricas e enclaves.” (MBEMBE, 2018: 22; 47; 52-53)

Nesta pesquisa, ao seguir intencionalmente a linha do Programa de Pesquisa de Mestrado de Psicologia Social a qual discute sobre *Aportes da psicologia social à compreensão de problemas sociais*, justamente por abordar a presença das ações libertárias qkcuierizadas frente aos diferentes momentos sombrios, fascistas e hierárquicos, evidenciando as (r)existências subversivas e desobedientes que vão se mobilizando em diferentes momentos. É exatamente a multidisciplinaridade dialógica dos estudos científicos por caminhos

anti-prescritivos, não-conformistas e que repensam os formatos epistemológicos para produzir revolução. Mostrar através de outros novos olhares como as relações estão mutantes, porém os engessamentos permanecem e precisam ser conflitados e superados em prol de uma formação de consciência sudaka, mestiça e decolonial. Um impulso justificatório que supera teoria e potencializa as práticas, que para além disso, revela a não passividade de corpos consideradas disponíveis à violência e morte; é sobre falar da vida explosiva e revoltada que não vai escolher ceder para não morrer, mas combater as políticas de morte.

Enquanto dimensão anti-teórica que não cria negociações, mas investigações libertárias de liberdades inventadas e que se transfazem, transmutam, transgridem e combatem monoculturas, a metodologia fronteira (que está vinculada na epistemologia feminista decolonial) permite um caráter exploratório das elaborações e sabotagens ao modelo cisheteronormativo do mundo à dissertação no decorrer da pesquisa, pois, como já referenciado, Gloria Anzaldúa é uma autora que discute no traçar dessa metodologia ininterrupta com livros como *This Bridge Called My Back: Writings by Radical Women of Color* (1983) e *Borderlands/La Frontera: The New Mestiza* (1987), entre outros materiais autorais, artigos, poesias e participações acadêmicas, o foco nas questões de decolonialidade em torno do corpo e da sexualidade, reflexões de autocuidado, interação com essa perspectiva fronteira (sempre muito forte apesar do passar do tempo) e evidências de uma narrativa de si (contribuinte à autodeterminação como resposta aos projetos de governança normativa), além de flexões da linguagem antihegemônica. Seus aparatos de reflexão se direcionam exatamente para essa noção de saberes libertários tão importantes à (r)existência dissidente.

Já a epistemologia mostra de Paul Preciado surge do descontentamento do filósofo, pesquisador e autor com a própria epistemologia em si, sempre validada, composta e lançada ocidentalmente como ponto central de uma ciência que comporta comodamente a cisheteronorma e as patologizações enquanto modos cartesianos e racionais de saber-poder. A monstruosidade que ele reflete é crítica e corajosa ao intitulado Humano, cujo fenômeno arquitetônico é ter qualidades

sancionadas na ótica de legitimações do higienismo universal. Com isso, expõe as regulações da Humanidade colocando-se no centro e acima de todas as outras coisas vivas e predispostas ao extermínio pelo empilhar de categorias rígidas que dispõem o mundo a usar corpos, sexos, fármacos e mecânicas compulsório-performáticas como espelho do natural, da norma. Isso pode ser aprofundado em seus livros como *Testo Junkie* (2008), *Um apartamento em Urano: Crônicas da travessia* (2019), *Manifesto Contrassexual* (2020) e na obra mais recente *Eu sou o monstro que vos fala: Relatório para uma academia de psicanalistas* (2022), todas sendo interconectadas às contribuições filosóficas dissidentes que não querem redizer fatos, mas lida com experimentos que abandonam por completo os pactos com as políticas sexuais dicotômicas e homologadas pela biopolítica na era farmacopornográfica.

Essas relações fronteiriças e monstruosas acontecendo e causando falhas/panes nessas sistêmicas normalizantes, junto ao enfoque da Psicologia Social através da contextualização sócio-histórica, tem por finalidade as transformações e expressividades dialógicas que mostram o movimento e suas práticas nos dando a oportunidade de ressaltar críticas em relação aos símbolos/signos, linguagens calculistas e consciência cadavérica de ordem universalmente hegemônica.

Para este tipo de pesquisa, portanto, lidamos com o aprimoramento de ideias libertárias, além de escancarar os artifícios de controle da normatização no social. O discorrer é flexível - do lodo aos excrementos -, de modo que transite e trace outras conjunções em consideração às mais variadas táticas ao fato estudado, caracterizando, assim, uma percepção entre político, social, cultural, psicológico e decolonial.

A análise qualitativa é a via de escolha, exatamente por investigar uma realidade que não pode ser quantificada. Esse tipo de análise trabalha com o universo de práticas, atitudes, performances e desmantelamentos, correspondendo a um espaço mais profundo de afetividades, guerrilhas e fenômenos aos quais não podem ser reduzidos por determinantes fixos de

qualquer tipo. Dentro da relação kuirizada por abordagens qualitativas que não preza por buscas de qualidade comum ou de vantagem à norma, o delineamento da pesquisa está em manter a alegria e organizar as revoltas pelos desvios contínuos de não se limitar a nada nem arestas do governável e governamental.

Dividido em seis capítulos, esta dissertação tem fluir próprio para estar em continuação, no ponto de mutação para além de garras neoliberais e pós-modernas, pois fomenta novos desdobramentos e inquietações.

A partir do molotov da subversão kuirizada, fica o impacto da (r)existência pelas subpolíticas desviantes e contraculturais como processo explosivo ao encarar de frente táticas de antinormatização, também alcançando diferentes olhares para os tipos de dispositivos que existem em torno dos corpos, sexualidades e identidades, evidenciando, assim, rompimento, desconstrução, refazer intenso, diário e direto. Sem capturas dos padrões oferecidos ou que permeiam as ofertas falsas do neoliberalismo.

O fazer anarquista cuir é diário, um fazer do estar estando sem a rigidez das possibilidades únicas e tão somente disponíveis, portanto, que desperte o entendimento de riscos, horrores, fascismos e soberanias, mas jamais se interrompa nisso, permitindo criações coletivas, retomada historiográfica latinoamericana de resistências (para além dos genocídios), as pulsões de revolta (para além do inconformismo estático) e chances a quem lê de pensar nos seus próprios rompimentos com classificações que reiteram diminuições e/ou correções impositivas.

Que esta dissertação, ao Estar, atue libertária pela manifesta das vidas livres!

1. REVISITANDO O QKCUIER⁴...

QKCUIER... Uma Indefinição!⁵ é um manifesto político-sexual libertário apresentado como Trabalho de Conclusão ao curso de Ciências Sociais da PUC-SP em 2018. Nele encontram-se críticas que surgiram a passos iniciais para que novas discussões pudessem ser continuadas. Uma vez que os debates sobre corpo/sexo/sexualidade nunca se encerram, pois os códigos de performatividade e vigilância heteroterrorista se mantêm presentes e constantes em nossas vidas. Para cada viés de normatividade, há uma armadilha. Para cada comportamento, há um padrão inflexível a ser correspondido.

No primeiro capítulo desse projeto anterior, encontram-se três movimentos complementares: *crítica ao gênero, noção de raça e análise historiográfica*. A partir dessa interligação foi realizado o seguinte processo:

“Primeiramente, essa crítica ao conceito de gênero se firmou na construção da masculinidade, mais propriamente latino-americana, levantando o debate sobre o que é ser “homem”, as imposições e vigílias que cercam esse papel performático e a colaboração disso para uma ideia de heteronormatividade e andro-falocentrismo. Em segundo, a noção da raça veio de encontro ao fato que existem diversos acordos entre os homens para pertencerem neste círculo (que não engloba só os brancos), e o mesmo acontece com todas as outras figuras que fazem parte das construções sociais, significando assim que somos interseccionalidade, repletos de diferentes diferenças, que necessitam de uma flexibilidade em prol de não universalizar uma posição única de entender o mundo e o que foi se firmando nele. Com esse pensamento, vem a análise historiográfica para discutir a diferença existente entre “*queer*” (exclusivamente euro-estadunidense) revendo as maneiras de escrever, falar, construir, remontar, rever, avaliar, criticar e ‘estar’ na América Latina, atravessando as fronteiras do pensamento e entendendo que nossa luta por sexualidades libertárias se deu de modos não similares.” (CORREA, 2018: 11)

⁴ A opção de escritas como Qkcuier, Cuir, Kuyr, Kuir, Kwyr, Kwier, Qwir, Kuerrr, bem como transviadagy, transviade, errátik, entre outras denominações, são afrontamentos e ressignificações acerca dos estudos *queer* exclusivamente euro-estadunidenses, tomando, assim, uma posição política mais decolonial, anti-hegemônica, anti-estruturalista, antirracista e prioritariamente sudaka e anarquista. Essa forma transgressora de escrita vem por instigações provocadas por Gloria Anzaldúa em seus escritos com contribuições também diretas de Pêdra Costa in: COSTA, P. V. F.; NOGUEIRA, F.; LOBO, M.; LIMA, R. *Cuir, Kúia or Qua? Bodies' epistemologies and tactics for identity deconstruction in Latin America*. 2014.

⁵ CORREA, Rafael A. M. QKCUIER... Uma indefinição! 2018. 120f. Trabalho de conclusão de curso (Bacharelado em Ciências Sociais). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2018. Disponível em: https://issuu.com/kucetaerratika/docs/qkcuier_uma_indefini_o.

Como a masculinidade e o posicionamento generificado⁶ das coisas podem e devem ser entendidos como constructos sociais, por que não questionar sobre o que é afinal ser homem, macho, masculino? Em que momento seu poder (literal ou alusivo) se tornou deliberativo? Como consequência do patriarcalismo que ronda as relações diretamente/indiretamente é preciso dimensionar os fatos para perceber que a mensagem *ser apenas um rapaz latino-americano* cantada por Belchior ainda trata-se o Outro geolocalizado no discurso hegemônico e existem os expulsos dessa irmandade latina naturalizando os *Outros do Outro*, sempre posicionados na inferioridade e sentindo na pele todas as complexidades que permeiam esse vínculo adverso. Isso se dá exatamente porque “em relação às masculinidades, [...] ser homem é, nesse sentido, a interpelação a não ser uma “mulherzinha”, objetivo do qual será demandado a dar provas durante toda a sua vida, no convívio e no pertencimento à casa dos homens. Dois valores-pilares aí se destacam: a virilidade sexual e a laborativa. O primeiro coaduna-se com a ideia de um “comedor sexual ativo”. Já o segundo afirma a ideia de produtividade, cuja chancela de êxito é o acúmulo de riquezas.” (BAERE; ZANELLO e ROMERO, 2015: 625)⁷.

Há um critério difundido de raízes coloniais sobre o que é ser Homem (em termos de gênero e de humano/humanidade). De detalhes sutis às representações disseminadas, construiu-se essa noção de virilidade que alcança outras existências e define binarismos na realidade sociocultural, universalizando como verdade absoluta em vários pontos do globo. O que fica esquecido nesse processo é que:

“O ser colonizado se torna o sujeito de uma diferença em que é “quase o mesmo, mas não exatamente”, o que significa que o colonizado pode incorporar todos os elementos da cultura colonizadora, mas nunca será como um deles. A mímica é uma imagem imperfeita, pois a própria imagem física do colonizado o denuncia aos olhos do colonizador. Pode no máximo ser culturalmente como um deles, mas seus traços físicos o denunciam e o coloca em uma zona de desconforto, pois

⁶ O termo *generificado* (vindo de *generificação*) surge através de estudiosos do *queer* para expressar subjetivamente a mentalidade presente e recorrente nos projetos da cultura, a qual vincula específico gênero binomial (masculino/feminino) de acordo com a premissa tornada naturalizada, sendo, dessa forma, condicionado pelas genitálias, propósitos deterministas e ações impositivas no campo social.

⁷ BAERE, Felipe de; ZANELLO, Valeska; ROMERO, Ana Carolina. *Xingamentos entre homossexuais: transgressão da heteronormatividade ou replicação dos valores de gênero?*. Revista Bioética, Brasília, v. 23, n. 3, p. 623-633, dez. 2015. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1983-80422015000300623&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: julho 2022.

fisicamente sempre será um nativo, um não europeu, o não branco.” (ALMEIDA; NEVES, 2012: 129-130)

A partir dessa lógica, se consolidam as violências hierárquicas. Tentar ao máximo ter a aceitação do opressor pode resultar em reconhecimento (que não passa de algo fictício) e uma impressão alienante de fraternidade, mas a realidade é que continua sendo inferiorizado, marginalizado e segregado. Em consequência, essa mímica do Outro incorpora as armas coloniais - acreditando em uma horizontalidade - e reproduz o pensamento vertical-agressivo aos seus Outros no passado e no presente. Fazer parte do fraterno significa associar-se às formas específicas de afeto e ter sua autenticidade fálica confirmada. Resta-nos pensar: não estaria a categoria homem buscando uma inclusão⁸ da mesma forma que ridiculariza os Outros (considerado opostos) por vindicar isso?

Seguindo para o segundo capítulo há contribuições diretas na investigação da autora Gloria Anzaldúa, estando⁹ pilar que sustenta o processo de pesquisa anteriormente e permanece totalmente presente na pesquisa atual, pois trata justamente de pontos ilustres para o olhar do kuir fronteiriço. *Frontera*, essa, que precisa ser transitada por resistências vivas, questionamentos impactantes e incômodos contínuos. Será possível resumir a totalidade do (des)conhecido com nomeações e nomenclaturas, afinal? Pode-se concluir que NÃO. A *mestiza* não se resume a um releu simbólico, trata-se de cada pessoa do Sul Global reconhecendo os impasses da existência, as diferenças que transitam pelas vidas sendo o Outro, os Outros do Outro, as condições deterministas impostas, as feridas abertas e ao mesmo tempo camufladas do processo miscigenatório, imprimindo alto autorreconhecimento mutante e reitera a primordialidade de falar-se sobre diferentes diferenças e interseccionalidade dialógica.

É no pensamento anzalduano que as forças da decolonialidade ganham espaço dentro da discussão sobre cuyr. Um lembrete importante de que optar por rompimentos teóricos da normatividade instituída não é suficiente. Trata-se de

⁸ Essa questão da inclusão será aprofundada no subcapítulo 1.1 trazendo os pontos necessários enquanto luta política, entendendo questões sociais, mas abordando também críticas sobre o reforço da heteronormatividade compulsória que paira sobre esse termo.

⁹ O verbo ‘estar’ imprime propositalmente um antagonismo ao verbo ‘ser’, enaltecendo o pensamento anzalduano de fluidez e existência fronteiriça.

práticas diárias de luta (auto)crítica e particularidades geopolíticas: os movimentos de contraconduta não possuem uma História Geral definitiva, não compartilham de um mesmo ponto de partida, não passam pelas mesmas violências e situações históricas, portanto incorporar somente elementos teóricos disponíveis pode recair na estagnação de um debate que precisa ser aprofundado. É justamente refletir sobre a perpetuação de certas ideias, não utilizando as mesmas ferramentas para compor a desaprovação, mas permitindo entender as multiplicidades inventivas.

Explorar e (re)inventar é uma habilidade enérgica dos não-brancos que a homogeneidade faz parecer algo exclusivo do euro-estadunidense, ocupar lugares e promover resistências é um marco histórico-político do Sul Global por vezes ignorado propositalmente, aprisionar em posição de objeto de estudo e nunca sujeito de estudo é sempre conveniente. O que Anzaldúa nos encoraja é transpirar pelos poros tamanha inconformidade: da recusa aos rótulos a criar novos significados - tudo é transitoriedade volátil. Nada é definição, nada é linha de chegada, nada é esclarecimento. Pelo contrário, é uma viagem com inúmeras travessias, pular de muros, reviravoltas e encontros/desencontros.

A decisão de trazer suas experiências pessoais - que ao mesmo tempo são contribuições para outras vozes terceiro-mundistas - reflete uma liberdade anômala. Liberdade, essa, que não está no dicionário. Que não está em declarações de direitos e deveres. Que não está limitada ao capital. Está na capacidade de descobrir para si uma vida libertária tornando a narrativa uma obra de arte não tradicional ao sempre *estar* ao invés de ser.

“Eu tenho tão internalizado o conflito fronteiro que às vezes sinto que um anula o outro e somos zero, nada, ninguém. Às vezes eu não sou nada nem ninguém. Mas mesmo quando não sou, eu sou.” (ANZALDÚA, 1987: 63, tradução nossa)¹⁰

Não ser nada/ninguém e também ser para Anzaldúa é transitar essa *frontera* do estar. Percorrer lugares demarcados por linhas imaginárias coloniais, que também são metáforas, bem como fluxos multiculturais, indica transgressões da

¹⁰ “I have so internalized the borderland conflict that sometimes I feel like one cancels out the other and we are zero, nothing, no one. A veces no soy nada ni nadie. Pero hasta cuando no lo soy, lo soy.”

sexualidade, culturalidade e maneiras de se posicionar sobre si. Trata-se de se colocar sob risco constante conscientemente e zombar desse perigo.

Como abordagem do terceiro capítulo, há um aprofundamento político sobre organizações artísticas, socioculturais e de grande rebeldia decolonial em torno da cena latino-americana kuyryzada. O manifesto trilha para o além-teórico¹¹ e entra na *inflamação da (r)existência!*

É possível acompanhar e atestar consequentemente:

O momento onde teoria sai do papel, da Academia, das mãos de um pensamento reflexivo para se fazer atitude, que é diária, constante e enérgica. A América Latina sempre se mostrou um espaço sociogeográfico repleto de reflexões, efeitos e considerações que demonstram na própria raiz histórica uma atuação resistente e reivindicativa. Com a fomentação do kwir e dos seus elementos transviados, atravessa direto os ciclos dos determinismos, produzindo resistências, que não são resilientes, são potentes, cheias de fogo! Esse é o papel de grupos latino-americanos direcionados contra o heteroterrorismo, como os núcleos libertários Coletivo Coiote (Brasil) e o Ludditas Sexxxuales (Argentina). Além disso, veio de contribuição conjunta o funk, que a partir desse olhar alternativo, tira do centro o 'falo-alfa' e passa a cantar sobre políticas anais (ações pelo cu), mantendo o afastamento original existente no ritmo da perspectiva burguesa de sexo, mas colocando outros enfocos, se fazendo assim manifesto político, contracultural e desterritorial. E para encerrar, Linn da Quebrada traz sua contribuição criativa e rebelde, no qual a mesma diz enxergar o brilhantismo das incertezas: "poder existir sendo assim, existir mudando de ideia, existir mudando a minha estética. Poder existir me sendo por completo, me assumindo enquanto dúvida, me assumindo enquanto o que me disseram que era imperfeição." (LINN DA QUEBRADA, 2017, *Huffpost Brasil*). Isso cria as proximidades da transviadalidade, das expressões-manifesto, das artes repletas de fúria, autodefesas e ataques. (CORREA, 2018: 12-13)

É importante sabermos que há diferentes eixos de reflexões críticas por meio da ação direta político-artística para questionar tudo isso que é instaurado como natural no meio social - sempre colocado numa posição de impermeável e imutável, deixando a presunção narrativa de que nada é construção social, mas fruto de um processo catalogado, identificatório e pressuposto. Como se não houvesse uma demarcação histórica ocidental que superestimou o patriarcalismo,

¹¹ Além-teórico, levando em consideração que se enquanto teoria é engessador, ultrapassar isso é salientar a ação e apresentar alternativas práticas para aqueles que tanto questionam ironicamente ou se questionam sobre como enfrentar as normas deterministas.

heterossexualidade, racismo, normatividade e vários outros conceitos mecanicistas de poder sobre os corpos, comportamentos e empreendimentos da vida/morte das pessoas, principalmente das indesejadas/es e à serviço dos interesses brancos, coloniais, masculinos e de fácil acesso ao abuso, violência e extermínio.

Pensar no fomento das análises nesse primeiro manifesto é continuar resgatando e aprimorando, principalmente, o impacto dos discursos. Assim como *queer* é uma expressão pejorativa norte-americana que foi positivada ao que concebemos por bicha, viado, boiola, baitola, muitos outros termos vêm ganhando força política mundialmente, no entanto, sem pensar contrapesos... Palavras como resiliência, empoderamento, diversidade, representatividade, entre tantas outras que vão surgindo, atribuem uma ideia prejudicial que denota fraqueza, meritocracia/superioridade, distanciamento, afonia vs. idolatria, por exemplo.

Problemáticas reais que se encaminham para discursos esvaziados e totalmente inexpressivos politicamente, permitindo a palavra *queer*, por exemplo, ser foco de produção de *reality show* da Netflix Brasil (a partir de direitos cedidos por produções norte-americanas) apadrinhando esses quase-mantras neoliberais:

Figura 1 – Pôster divulgado pela Netflix Brasil para promoção do Queer Eye Brazil



Fonte: Reprodução do Twitter.

Torna-se mais prático incluir vocabulários aparelhados que objeções ao impacto do que é dito e também não-dito. O importante é agradar, mas quem e com que finalidade? Aliás, fazer da linguagem uma narrativa influenciável não é limitar as potencialidades? Não seria o discurso um emprego de forças e posicionamento? Quando não examinamos as palavras, não estamos mantendo-as no lugar de poder que as colocaram, sem dar uma ressignificação impactante? Se sempre recordamos do ditado de que “*as palavras carregam poder*”, efetiva-se o grande risco de não avaliar onde e como são empregadas. O capitalismo não é somente sobre imprimir cédulas e salvar a economia. É sobre como é possível se apropriar de agendas políticas, bandeiras, expressões e temáticas para manter a roda girando e existências específicas adestradas com migalhas.

O questionamento principal dessa investigação anterior era *até onde o qkcuier latino-americano permite o enfrentamento à normalidade social?* Tal qual o kuyrrr, a resposta é vasta e paralelamente infinita. Isso, porque, continua estando, continua construindo saberes e não quer responder através de absolutismos. A cada passo dado pela apropriação capital, inventam-se novas formas de resistências. A cada caixa que vai surgindo para reger/limitar, novas práticas explodem o puritanismo e limitações dando infinitude às sujeiras, ao indeterminado e à falta de regras condicionadas. Da estética visual ao corporal ao comportamental, nada é uma procura pelo êxito da aceitabilidade. É a verdadeira prática do grotesco que não aceita a condição de exotismo¹². É sobre estar nos limites da excentricidade sem precisar de posturas sujeitadas, holofotes negociados e/ou reiterar convicções. São práticas libertárias de fazer diário sem manual de conduta.

“Precisamos levar em consideração que dimensionar esse pensamento não apenas nos faz se atentar a não cair nas armadilhas das tecnologias de gênero, sexo e da cultura. Tem como princípio uma visão radical de que a transviabilidade subalterna se trata de autodefesa com as mais diferentes armas. É tornar a luta do existencial algo além-Estado, além-espera, além-direitos. É situar que a legalização do punitivismo não irá deslegitimar a violência diária contra as diferentes sexualidades manifestadas no campo social, que por serem descaracterizadas de traços e leituras práticas, se fazem propícias ao extermínio pela compulsoriedade da normatividade, do heterocentrismo e da neocolonização. Encontrar rotas de fuga é a perspectiva radical e

¹² Exotismo advém da palavra *exótico*, fruto dessa herança colonial violenta, que trata dessa forma e com esse ponto de vista tudo que é não-branco, não-ocidental, não acessível à compreensão medíocre do colonizador, colocando, assim, num lugar de inferioridade e “curioso”.

adversa de não permitir que qualquer pessoa ou instituição possa dominar e controlar a ação dos corpos, que agem pela arte (como música, por exemplo), pelo pornoterrorismo, pelas ações de rua, pelas ações pelo cu, pelas transgressões quando causam intervenções sobre si, descobrem a potencialidade de seus corpos, não se deixam ser nomeados por inteiro, passeando pelo que é visto como “ser”, tornando tudo temporário e incerteza.” (CORREA, 2018: 10)

Há uma chama inabalável na incerteza das coisas que nos rodeiam. Naquilo que nos vem à mente enquanto esquisito, mas atrativo. Trata-se de AUTODETERMINAÇÃO para recusar rótulos, mecânicas, desejos alheios de uma normalidade. Em cada pessoa que deseja ajustar o outro à realidade, suspeita-se um desejo mal resolvido de rebelar-se para descobrir outras potencialidades de viver e ressignificar o mundo.

Logo, essa estrutura erguida para impregnar ideais hegemônicos nos corpos exprime essa captura do *queer* para dentro da sigla, tornando-a reconhecimento emparelhado a qual nunca foi nem pretende ser. Essa desaprovação entra em pauta nos subcapítulos subsequentes com ênfase no objetivo desta pesquisa: *evidenciar epistemologicamente pela decolonialidade e pelas políticas anarquistas à subversão contracultural, antinormativa e dos trópicos/Sul Global táticas contra o necropoder/necropolítica.*

1.1 CENTELHAS DA INDEFINIÇÃO

Figura 2 – Pichação destacando a frase “*Not gay as in happy, but queer as in fuck you*”, que reflete o posicionamento hardcore/underground sobre atitudes não-dóceis de sexualidades



Fonte: Flickr

Seguindo pelas análises e capturas do projeto anterior, conforme explicitado no capítulo 1, cujo debate promovido no objetivo geral traçou possibilidades de rompimento com a normalidade social, a escolha de aprofundar pontos através da INDEFINIÇÃO permitiu extrapolar os limites do socialmente aceitável, apoiando-se na marginalidade libertária do viés sexual e no descontínuo da seguridade das assimilações identitárias para construção de novos olhares móveis ao que parecia complexo ou inviável de mobilidades possíveis.

A ação de trilhar pela transviadagy desvencilhando conceitos promovidos como normais é uma atitude nômade, embaralho aos sistemas contínuos de

tradição. Esse hackeamento¹³ proposital é grande estímulo de vitalidade e pulsação, destacando as existências da mutação radical. Afinal, se existe uma homogeneidade discursiva que performa arquétipos binários, o que supostamente impede corpos de não apenas questioná-las, mas infringi-las? Medo da violência? Insegurança de uma vida infortúnia? No entanto, refletindo a fundo, a violência institucional não segue visível aos cidadãos espectadores? Ela, enquanto banalização da bravura e herança de ideal masculino, já não é algo negativamente perplexo dentro das condutas posturais? O medo de sofrê-la de diversas maneiras - o que é compreensível - não seria ao mesmo tempo uma redundância articulada, tendo em vista sua disponibilidade gratuita de acontecer independente de seguir cartilhas comportamentais ou discordar? A extravagância, o grotesco, o anormal, o depravado, obsceno, promíscuo, herético são apontamentos seculares, circunstanciais à barreira que divide modelos aceitáveis ou desapropriados de portar-se no mundo limitado a uma compreensão específica de regime sexual.

Por intermédio da tradição - aqui entendendo o tradicional como um aspecto daquilo que foi tornado símbolo institucional, não sendo autenticidade histórica firmada -, o regime sexual armou-se de marcadores da diferença. Diferença, essa, que não pensa multiculturalismos, vozes amplas, dialogias contínuas, circunstâncias modificadoras; restringe-se à diferença dos marcadores eficientes: um território determinista dos fins que não passa pelos meios - o binarismo. Logo, a título de exemplo, a indefinição vem como fuga do cárcere que está sob comando da heterossexualidade compulsória, que conseqüentemente buscará meios de aprisionar/erradicar ou conciliar termos/arranjos inclusivos, temendo a queda de lugares satisfatórios que auxiliam na sistematização do social e civilizatório. Pontuado isso, interrogar o porquê não há divergências amplas à tradição, à disposição de todas as coisas, esse comodismo instaurado e apaziguado, desmorona a noção utilitária de distribuição de papéis e seus empreendimentos, interrompe o *Ê* (convicção) da equação racionalista, torna-se perigoso demais à condição do tipo humano condicionado por marcos biológicos, científicos, psicológicos, pedagógicos/educativos e ministrados de compreensões dogmáticas.

¹³ Hackeamento deriva da palavra em inglês *hacker*, cujo substantivo “*to hack*” equivale na língua portuguesa à “gambiarra”: uma forma improvisada, criativa e ousada de modificar sistemas, códigos e ferramentas que se subjugam seguras e blindadas, cuja tática prova o contrário.

Pode-se afirmar que a indefinição resultaria, resulta ou resultará no fim da tradição? Lidar com afirmações é recorrer às armadilhas da congruência estigmatizada. O foco não está na virtude, sucesso, ápice, vitória, mas está na inquietude da incógnita, a qual prioriza movimentos e táticas no aqui e agora, não empreendimentos. O que desassocia ambos, respectivamente, é a relação com o Poder: empreender resulta em estratégias pontuais que padronizam relações de força hierarquicamente (domínio e detenção); já as táticas libertárias seguem contramão ao empreendimento, porque entende o fracasso a partir das possibilidades infinitas de novos fracassos, sem gerir o Poder como esfera central.

Basta associarmos a ideia de que o colonialismo (enquanto laboratório de violências sob refinamento) e a colonialidade (enquanto regência a longo prazo dos resultados obtidos) concebeu-se exatamente na proposta do êxito a qualquer custo. Logo, a definição de sucesso está no *status* do domínio, tal qual na construção de seu revés: a derrota. Um testamento do código binário, o antagonismo demarcado, a capacidade de invalidar existências em favor da posse, anseio por títulos, garantir a partir da humilhação do Outro extenuado a prerrogativa do triunfo. Isto posto, os grandes êxitos das maquinarias coloniais - que se estendeu como molde para *produzir as guerras* ao redor do Globo - estão na dissimulação, conversão, domesticação, submissão, dominação, apropriação e supressão. Ações que estabeleceram um projeto furtivo de civilização/civilidade, porém arquitetando as peças definidoras do civilizatório, assim, certificando a autenticidade da hegemonia mediante diretrizes convenientes e redigindo narrativas heróicas para autopromoção, altivez e soberania.

Agir com motivações anticoloniais e enaltecer reflexões decoloniais, sobretudo pontuando libertariamente/anarquicamente a indefinição de todas as coisas que conhecemos intensifica as perspectivas de SUBVERSÃO. Ou seja, coloca à prova todo temor da fragilidade envolto ao sacro, ao tabu e das instituições consagradas à luz da normatividade hegemônica enquanto primazia, favorecendo, assim, criar, ocupar e impelir esferas de transgressões que não confinam-se mediante limitações do que configura crivelmente/moralmente o transgredir, mas constrói excentricidades e oportunidades de exceder uma ótica segura de

interpretação acerca do que orla e prescreve a normalidade, em especial, em relação ao gênero, sexo, sexualidade e identidade.

Em vista disso, indefinir para subverter é frenesi de encruzilhadas a qual o sucesso não é ápice nem ressalto, pois a ação política desconstrucionista vinculada nesse trajeto qckuiryzado simboliza expressão contracultural, criaturas desviantes, combates/conflitos diretos a todo tipo de policiamento comportamental, viabiliza organização de movimentos rebeldes, resistentes e dissonantes de normas regulatórias que qualificam/tutelam o bem estar conveniente à cultura. Portanto, vidas que carregam os rótulos de anormalidade, subalternidade e descontentamento aos costumes regulamentares exercitam o prazer de unir-se em pluralidade para rasgar o véu das fabricações performáticas e as repetições das convenções.

Ressaltar todos esses pontos é também questionar: “Se a própria subversão é condicionada e restringida pelo discurso, então, como podemos dizer que há efetivamente subversão?” (SALIH, 2013, p. 95)¹⁴ Precisamos retomar passos históricos que possibilitaram essas transformações, analisando desde lutas anteriores do próprio movimento LGBTQIAPN+ (tecendo críticas coesas) até chegar à discussão temática da concepção kuir radical influenciada por diversos tópicos, como: as ciências sociais, os anarquismos, os feminismos e os estudos decoloniais; fortalecer esse arsenal é incorporar horizontes de apoio, sem descartá-los, no entanto, revisando-os para repensar conceitos dados como consolidados caminhando diretamente à fluidez volátil e desconstruções constantes.

Através dessa dimensão, os capítulos 1.2 e 1.2.1 abordarão algumas averiguações a respeito do LGBTQIAPN+ enquanto movimento (a qual a sigla Q precisa ser revista) e a questão não-binária tão discutida atualmente.

¹⁴ SALIH, Sarah. *Judith Butler e a Teoria queer*. Tradução e notas de Guacira Lopes Louro. 1. Ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.

1.2 LGBTQIAPN+

Figura 3 - Imagem da bandeira LGBTQIAPN+



Fonte: Pinterest.

O movimento LGBT¹⁵ possui e incorpora várias lutas ao longo da história em relação a reconhecimento de direitos e que se estendem até os dias atuais. A partir disso, foi estabelecida uma agenda política para pautar tópicos importantes que tratam de inclusão, saúde e vitalidade plena aos sujeitos que não se reconhecem na esfera da heterossexualidade e/ou identidade normativa.

Levando em consideração todas as marginalizações que acompanham a vida desta comunidade, procuram sempre evidenciar as mudanças que precisam acontecer urgentemente, inclusive dimensionando a luta política como articulação para meios de alcance em torno da América Latina e outras regiões precarizadas, algo que não pode ser descartado devido aos impactos globais gerados e contra ondas reacionárias que se fazem contínuas.

¹⁵ Hoje a sigla está atualizada para LGBTQIAPN+ abrangendo pessoas que são Lésbicas, Gays, Bi, Trans/Travestis, Queer/Questionando, Intersexo, Assexuais/Arromânticas/Agênero, Pan/Poli, Não-binárias e mais.

O problema central é: estariam as diferentes configurações de Estado interessadas em tornar isso real? Será que se todos os tópicos da agenda política ganharem um *check mark* (✓) significa o fim das opressões/retaliações e todas as diferentes diferenças se sentirão solidarizadas/resguardadas? Realmente essa agenda política consegue vincular as demandas principais da comunidade e contempla os atravessamentos violentos tão variáveis sofridos?

Para além disso, o neoliberalismo ocidental midiático se propôs a abordar uma forma de culturalização das minorias, construindo imaginários estereotipados a qual é vinculado na sociedade como verídico. Isso quer dizer que através dessa incorporação alastrando-se pelos meios de comunicação e informação, estabeleceu-se homogeneizações definitivas na qual todo LGBTQIAPN+ é de tal forma, age de tal forma, vive de tal forma, ama de tal forma, convive com seus comuns de tal forma - tudo se torna uma ideia cravada de assimilações sem diferenças: uma produção massiva de narrativas. Conduz uma premissa de fórmula ou verdade absoluta de ver a comunidade, a qual termina sendo adotada também por empresas e outros setores da esfera econômica, jurídica e social.

Esse processo configura caixas sob caixas. Quanto mais fácil é classificar certos indivíduos, mais fácil é condicioná-los ao confinamento de existir com limitações, favorecendo por completo o corretivo sexológico no meio social. Se a heterossexualidade é o normal, a diversidade é subordinada à imagem e semelhança da limpeza dos indesejados: sanitização comportamental e/ou higienismo fúnebre.

“Não cabe mais expulsá-las do convívio. O intuito é limpá-las, recuperá-las, domesticá-las, e enquadrá-las nos padrões instituídos. Todos os olhos se voltam para elas. É preciso vigiá-las. Elas serão aceitas pela sociedade, parcialmente, caso estejam cumprindo as normas instituídas. Diante disso, as pessoas que gostam de gente do mesmo sexo assumem condição de servos nesse cenário, esquecendo sua prática de artistas, que as leva à criação da vida, do sexo e de práticas inusitadas. Nessa dimensão inusitada, elas extrapolarão até mesmo a relação com o mesmo sexo, passando a navegar no oceano de práticas flutuantes, onde acenam os instintos.” (JÚNIOR, 2007: 227)

No entanto, vale reflexão: revisitando toda historicidade latino-americana (totalmente controversa) a qual apresenta desigualdades crescentes e problemáticas

sociais inúmeras, as políticas públicas são muito necessárias. Infelizmente não é possível se alicerçar em utopias quando se trata da realidade social, seja do Brasil ou do Sul Global. As assistências estatais são verdadeiramente resultado das tiranias contra culturas e povos, do mecanicismo capital que prega discursos meritocratas, das inserções euro-estadunidenses como modelo hegemônico (resultante do colonialismo e neocolonialismo), saída de ditaduras civil-militares para supostas fundações democráticas e muitos outros impasses/retrocessos acompanhados de avanços ínfimos. Isso acaba obrigando a recorrer ao Estado, principalmente nas metrópoles, para garantir o básico da subsistência, o que inclui pessoas LGBTQIAPN+ que são pobres, vivendo em bairros desfavorecidos e às vezes com alguma enfermidade ou deficiência.

Muitas armadilhas são perceptíveis nessa trajetória, sujeiras varridas para debaixo do tapete, instauração de *modus operandi* das sexualidades/identidades são criadas, então o reforço de que Kuyr não é identidade nem teoria inerte se faz imprescindível. O Q presente na sigla é de Questioning/Questionando, voltado às pessoas que ainda não sabem como situar suas orientações sexuais ou identidades de gênero com exatidão; estão em seus processos pessoais de descoberta, construindo e desenvolvendo suas percepções em relação a isso.

Os estudos kwir estão em outro plano de ação: na dimensão libertária de não mais prender-se à discussão sobre aceitabilidade, tolerância e/ou inclusão, mas agir em prol do não-identificável, inominável e jeito potencialmente nômade de existir com potencialidades, autodeterminação e inflamação de resistências. Na anormalidade está sua morada, nas linhas de fuga dos cárceres binários/culturais estão suas inteligências incendiárias, nas possibilidades de mudar esteticamente o corpo, no massacre do gênero¹⁶ impositivo, essencialista e naturalizado, no implodir diário de categorizações e/ou caixas que aumentam de tamanho uniformemente ao aumento das cobranças de encaixe eficiente, nas fragilidades dos afetos sem pudor ou de recorrer a esconderijos, nas possibilidades de construir novos significados para todas as coisas sem defini-las por inteiro.

¹⁶ É importante também ressaltar a precisão sobre debater criticamente relações de gênero enquanto parte do processo de falar sobre diferentes diferenças na categoria 'mulher', as violências que cercam essa tecnologia, as lutas feministas diversas contra o patriarcado e pensar juntos no rompimento dos imperativos de generificação.

Caminha para longe da performatividade, dessa busca incessante por corresponder a uma performance do corpo-sexo e dinâmicas mentais confinadoras. Não dá para ser identidade, porque não quer se assimilar a nada/ninguém nem se diferenciar de nada/ninguém. Quer estar nada! Precisa ser nada para renascer todo dia com outros planos de tocar o terror na compulsoriedade normativa heterossexual-generificada-biologizante. Trata-se das mudanças, fluxos, movimentos ininterruptos, mutantes, grotescos, inesperados, desterritorializados, rebeldes, fluídos, fomentados pelo sentimento anti-capitalismo, anti-racismo, anti-puritanismo, anti-imposições religiosas ou cívicas. Não há onde chegar, não há ponto final... tudo é partida, tudo é oportunidade crítica de fazer alterações ao estar.

Muitos aprendizados vêm com isso. A começar pelo pensamento: nascemos assim mesmo ou criamos uma relação estrita sobre o que é *ser*? Somos o nome do nosso Registro Geral, somos dados vinculados ou que preenchemos, somos as definições que colocamos para nós quando nos auto-descrevemos, somos qualidades/defeitos, somos bons/maus, somos vida/morte. Somos excessivamente... Somos o que, no fim das contas?

Transformamo-nos assim como as sexualidades e/ou identidades se transformam. Requer uma experiência ingovernável passar pelas descobertas sexuais/identitárias até a injusta cooptação pela estrutura cultural categorizada. Cabe a cada um de nós realizar as recusas analógicas corajosamente para viver mais do que é oferecido enquanto normal, padrão, certo, moral, adequado, natural e irrefutável.

Aproveitando a particularidade do subcapítulo em torno do LGBTQIAPN+, faz-se essencial discorrer a respeito da sigla *N* também e tecer alguns pontos críticos sobre isso a seguir.

1.2.1 NÃO-BINÁRIE

Figura 4 - Bandeira utilizada para expressar o gênero não-binário



Fonte: orientando.org

À nível de reforço, entende-se até aqui que *cuwyr* não é sobre ser, não é gênero nem identidade nem orientação nem parte da sigla. Entende-se popularmente por termo guarda-chuva¹⁷, algo erroneamente disseminado; também não é teoria, são estudos e manifestas explosivas. Sobretudo, não se insere na identificação de não-binariedade.

O não-binarismo revisa especificamente os aspectos da linguagem e tecnologias de gênero, interferindo à saída do binarismo pronominal *A* e *O* definidos, respectivamente, aos gêneros feminino e masculino. Nos Estados Unidos colocam como *they/them*, o que para português brasileiro está caracterizado no uso opcional do *U* ou *E* (sendo o mais utilizado), por exemplo: *meninE*, *amiguE*. Trata-se de uma linguagem neutra, diferenciando o pronome para elucidar que a pessoa não identifica-se como nenhum dos dois gêneros. Está fora da perspectiva binária constituída como universal.

A linguagem, especificamente, é algo muito importante de ser analisado nesse debate, pois traz à tona a questão sistêmica de controle/tecnologia das

¹⁷ Por termo guarda-chuva, *queer* é compreendido como um englobamento de assuntos ou representação do universo LGBTQIAPN+. Há também os que colocam *queer* como identidade sexual incorporado à sigla 'Q'. As duas ocasiões são equivocadas.

palavras e o Poder. Basta pensarmos sobre as próprias mudanças de linguagem que foram acontecendo ao longo do tempo: *vossa mercê* que se alterou para *vosmecê* até chegarmos ao atual *você*. Por mais que seja uma exemplificação coloquial da linguagem, é uma mudança em relação às formas de tratamento. Isso expressa os dinamismos dos códigos discursivos, os artefatos remodelados culturalmente e a precisão em produzir outros/novos aspectos de comunicação.

Ao falar em corpo, não podemos esquecer que a linguagem está incorporada. O corpo não é oco, tem expressividade própria antes sequer de conciliar a fala. No entanto, em torno do corpo há um condicionamento anterior bem específico de introjeção do gênero. Os corpos tornam-se esclarecidos nas práticas linguísticas por uma normatividade que permeia entre o biologizante e o congênito resultando em quem é o que. Quando uma pessoa anuncia: — “*eu não me identifico como nenhum dos dois*” - **BOOM!** - a histeria coletiva ganha forma. “*Como assim você não se identifica? Você nasceu x ou y. Você tem pênis ou vagina. Não existe isso de não se identificar...*” - inicia-se uma pregação devotada e fervorosa em defesa do normal.

“Enquanto na dualidade a relação é de complementaridade, a relação binária é suplementar, um termo suplementa o outro, e não o complementa. Quando um desses termos se torna “universal”, quer dizer, de representatividade geral, o que era hierarquia se transforma em abismo, e o segundo termo se converte em resto e resíduo: essa é a estrutura binária, diferente da dual. De acordo com o padrão colonial moderno e binário, qualquer elemento, para alcançar plenitude ontológica, plenitude de ser, deverá ser equalizado, ou seja, equiparado a partir de uma grade de referência comum ou equivalente universal. Isto produz o efeito de que qualquer manifestação da alteridade constituirá um problema, e só deixará de fazê-lo quando peneirado pela grade equalizadora, neutralizadora de particularidades, de idiosincrasias.” (SEGATO, 2012: 122-123)

É interessante observar politicamente sobre como a proposta não-binária de linguagem tem sido crescente. Por lógica, parece instigante em vista do androcentrismo prevalecente. O não-binário tem uma relação de soma construtiva e modificação do *status quo*. Também toca na ferida de ondas conservadoras políticas, sociais e religiosas que prezam por um discurso de naturalização generificada estrita e impensável de renovação. Confundir e conflitar a norma é de

grande precisão no que corresponde às políticas de existências múltiplas interseccionando e dialogando.

À nível de curiosidade, o N na sigla foi incluído recentemente como salvaguarda da luta política e existência dessas pessoas que buscam se desvencilhar das terminologias consideradas tradicionais. Ainda, como parte de levantamento recente:

“Uma pesquisa realizada na Faculdade de Medicina de Botucatu (FMB) estimou que a proporção de indivíduos identificados como transgêneros ou não-binários na população adulta brasileira é de aproximadamente 2%. O levantamento, o primeiro deste tipo realizado na América Latina, ouviu seis mil pessoas em 129 municípios de todas as regiões do país. Para os pesquisadores envolvidos no trabalho, os resultados reforçam a urgência de políticas públicas de saúde voltadas para estes grupos, que em números absolutos chegam a quase 3 milhões de indivíduos.

[...]

Os resultados da pesquisa apontam que pessoas identificadas como transgênero representaram 0,69% da amostra, enquanto indivíduos não-binários representaram 1,19%.” (JORGE, 2021)¹⁸

Constituir um processo neutro da linguagem, de fato, não garante igualdade, inclusão e recepção às pautas inseridas na agenda política LGBTQIAPN+. Porém, para qual minoria do Estado burguês normativo se pode garantir? Se vamos analisar criticamente a não-binariedade, façamos pelo propósito certo: o gênero neutro/não-binário não deixa de ser um marcador generificado. O que isso quer dizer? O Estado, o capitalismo neoliberal e todas as formas de regularidade darão um parecer positivo, vendendo produtos todo Junho, trazendo debates à mesa política, até mesmo levando ao universo acadêmico assuntos relacionados, mas a soberania societal do necropoder - como será observado nas apurações mbembeanas - ainda é legitimado e torna banal e descartável todo tipo de compreensão fora da norma ou termina de absorver de vez o pronome *E* como definidor de um terceiro gênero uma vez que não se prende aos outros dois. Portanto, por mais que se anuncie não ser relacionado à policiamento da linguagem,

¹⁸ JORGE, Marcos do Amaral. *Estudo pioneiro na América Latina mapeia adultos transgêneros e não-binários no Brasil*. Jornal da UNESP, São Paulo, 2021. Disponível em: <https://jornal.unesp.br/2021/11/12/estudo-pioneiro-na-america-latina-mapeia-adultos-transgeneros-e-nao-binarios-no-brasil>. Acesso em: ago. 2022.

mas sobre reconhecimento de existências em deslocamento, a complexidade é grande em tornar compreensível que mudanças acontecem no mundo, na linguística crítica, na estética mitológica do viver autodescobertas e/ou não-pertencimento aos princípios difundidos no universalismo, assim como precisa-se visar e revisar e repensar o uso desse *E*, pois as chances são imensas de partir a favor de saberes estruturais e institucionais.

Pensar horizontes que não se limitem a um modelo estrutural requer coragem e terrorismo às imposições. A estrutura prevê hierarquias e demonizações sobre corpos desviantes, tentando ao máximo tornar tangível, aceitável e admissível certas autoafirmações, mas vê como uma ameaça dismantelar a linguagem.

Promover o pensamento libertário qkuyrizado está exatamente em mostrar a potência positiva dos dismantelamentos da linguagem, mesmo que usando o *E*, porém fora dessas dimensões categóricas de um resgate de gênero, de uma linguagem esterilizada, indo em direção ao grotesco. Sair dos parâmetros normativos é considerado esquisito, muito pós-moderno ou fora de sintonia com a realidade. No entanto, estamos falando de qual realidade? O real é plural e insurgente demais para armazenarmos mais uma caixa do universal. Para além do *E*, que seja aproveitado todas as outras letras à disposição que embaralhem as programações normativas de gênero.

A sociabilidade é uma base de apoio, suporte e motivação para dimensionar essas enunciações não-binárias libertárias tanto nos manifestos quanto em performances ou no próprio conduzir errático das vivências desobedientes às ordenações conclusivas pelas performatividades, explorando outros formatys que não formule a invenção de uma tecnologia de terceira via de gênerE demarcadE, construindo, na contrapartida, os repúdios, colapsos e conexões coletivas livres.

1.3 PÓS-MODERNIDADE: *interrompendo com a ideia de um pós*

Outro ponto essencial de averiguação relacionado ao manifesto cuir é evidenciar epistemologicamente como a promoção de uma teoria *queer* inserida em movimentos pós-modernos, pós-modernistas e de pós-modernidade tornam-se tão equivocadas quanto a ideia de um Q sendo identidade, sigla ou definição.

Atualmente há discussões sobre a promoção da teoria *queer* inserida nesses debates pós-modernos. Isso está frisado entre dois momentos: a modernidade iluminista centrando o sujeito em sua identidade e na pós-modernidade descentrando pela concepção de *morte do sujeito* entendendo identidades fragmentadas. Ou seja, a crise da identidade gerida por utopias totalitárias baseadas na razão e na ciência para identidades múltiplas se opondo ao universo do indivíduo e centralização do ser humano integral.

O grande problema dessa questão toda é que sujeito, vivo ou uni-extinto, estipula uma continuidade ou descontinuidade do indivíduo do Norte Global historicamente, pois o Sul Global nem sujeito histórico na dita modernidade é considerado, dirá pensar pós-modernidade. Basta analisar as explorações que aconteciam no Sul pelo Norte, além das guerras, conversões religiosas, escravização, concepções primitivo *versus* soberano e todas as catástrofes que a colonialidade promoveu, a qual matar a ideia de sujeito não matou a colonialidade, apenas a rearticulou aos propósitos do avanço capitalista.

Segundo Stuart Hall¹⁹ (1992), com a crescente histórica dos movimentos do Humanismo Renascentista e do Iluminismo entre os séculos XVI e XVIII, também o Protestantismo, há a queda da influência católica dando ao indivíduo uma maior centralidade sobre a produção de tudo (sem influência divina) e mais relevância ao projeto de racionalidade e cientificismo. Descartes com o *cogito*, Locke com o *sujeito*

¹⁹ Partindo de uma referência contextual e apontamentos do livro “*A identidade cultural da pós-modernidade*” do autor.

da *ação-consequência*, entre outros pensadores, influenciaram essa visão centralizada do ser: os passos iniciais da modernidade. Porém, a ampliação capitalista, os mecanismos técnico-industriais e movimentações históricas constantes deram base para um aprofundamento mais complexificado sobre o ser/identidade, indo desde o rompimento aos dogmas, tradições, concepções previamente dadas até o viver/abraçar organizações coletivas, novas experiências subjetivas pessoais e de consumo, além de um vislumbre inquieto sobre pontos como a liberdade vs. subordinação.

“Esse contexto define os indivíduos historicamente e não biologicamente o que faz com que o sujeito assuma identidades diferentes em diferentes momentos históricos e que não estão unificadas em torno da construção pragmática do “eu”.

[...]

A identidade plenamente identificada, completa, segura e coerente é uma fantasia. Ao invés disso, à medida que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante de identidades possíveis com cada uma das quais poderíamos nos identificar – ao menos temporariamente.

A noção de multiplicidade do sujeito é uma evidência teórico-prática dessa realidade social de transição e como o eixo da modernidade já não resiste mais às novas inserções no campo da cultura, do desenvolvimento científico e social, o projeto da pós-modernidade concebe um homem que resiste às vozes inovadoras e instáveis deste contexto e passa a figurar entre o sujeito tradicional com princípios modernos ou partir para o experimental campo da concepção do sujeito pós-moderno.” (LIMA, 2016: 69)

A partir disso vem os preceitos da pós-modernidade, na qual, objetivamente, está relacionada - a partir de um campo bem universalizado - com as mudanças sociais no modo de agir das pessoas cuja crise de identidade maximizada levou à *morte do sujeito* e sua descentralização. Nela, estão correntes de pensamento que são colocadas nesse processo como parte da edificação pós-moderna por romperem com as barreiras de uma estabilidade para adentrar a complexidade e afirmar uma humanidade partilhada entre normais e suas criações de anormalidade.

O qkuyir decolonial dos Trópicos junto aos horizontes libertários provoca demasiadamente: por que diabos tentar adicionar uma nova caixa de orientação filosófica/situacional para estudos que estão procurando rompimento com essa

demarcação temporal que exige ponto de encontro com correntes teóricas sistematizadas e previsíveis?

Se estamos falando da possibilidade de pensar ações, resistências e atitudes inflamatórias, começa-se analisando a interseccionalidade (raça, classe e gênero) de modo analítico anulando marcadores e/ou limitadores de pensamentos monoculturais pelo eurocentrismo/hegemonismo enquanto ferramenta de posicionamento autêntico (ditando onde começa, onde termina e fazendo apagamentos nos entremeios).

Além disso, um campo teórico *queer* estritamente euro-estadunidense trata-se de estudos abstracionais sobre pessoas subdesenvolvidas, subalternas e/ou não-brancas através das correntes da geolocalização imperial, dando à teoria e fala dominante vantagens acadêmicas/especializadas sobre a disseminação/distribuição de ideias, construindo um campo recolonizado por entenderem que suas impressões conseguem contemplar a todes identicamente.

Também podemos refletir não sobre o pós-colonialismo (até mesmo que para vestir esse rótulo muitas coisas precisam ser superadas, reparadas e descentralizadas), mas certamente um *neocolonialismo*:

“Os efeitos da revolução industrial criaram, portanto, a necessidade do neocolonialismo. E enquanto permanecer a *relação de forças* por ela gerada em nível mundial, o conceito de neocolonialismo será atual. Ele corresponde a toda uma etapa histórica da sociedade. A partilha da África no final do século XIX é um momento do neocolonialismo. A abolição da escravidão no Brasil é um momento do neocolonialismo. A negação dos direitos dos negros e dos indígenas na América Latina é outro momento do neocolonialismo, etc. O Estado mais forte da sociedade industrial permite não só colonizar as terras do outro, mas de *modo plural*, a alma do outro. Isso pode ser feito hoje pelo rádio, pelos jornais, pela mídia em geral e não como era antes, apenas pela *catequese* e pelas mercadorias.” (BARBOSA, 2011: 08)

E ilustrar através de María Lugones como a colonização exploratória criou essa cultura de distinções por meio da subordinação, menosprezo, aniquilação junto ao projeto androcêntrico paradigmático:

“A hierarquia dicotômica entre o humano e o não humano [surge] como a dicotomia central da modernidade colonial. Começando com a colonização das Américas e do Caribe, uma distinção dicotômica, hierárquica entre humano e não humano foi imposta sobre os/as colonizados/as a serviço do homem ocidental. Ela veio acompanhada por outras distinções hierárquicas dicotômicas, incluindo aquela entre homens e mulheres. Essa distinção tornou-se a marca do humano e a marca da civilização. Só os civilizados são homens ou mulheres. Os povos indígenas das Américas e os/as africanos/as escravizados/as eram classificados/as como espécies não humanas – como animais, incontrolavelmente sexuais e selvagens. O homem europeu, burguês, colonial moderno tornou-se um sujeito/agente, apto a decidir, para a vida pública e o governo, um ser de civilização, heterossexual, cristão, um ser de mente e razão.” (LUGONES, 2014: 936)

É importante lembrar que enquanto a *morte do sujeito* tem um ponto simbólico no fazer científico oscilante da pós-modernidade euro-estadunidense, Gloria Anzaldúa (com sua situação de estar no Tex-Mex) já nos alertava sobre a *morte arquitetônica do não-ser* para todos aqueles que não possuem opção de morrer apenas simbolicamente. Porém, segue incentivando sempre a rirmos na cara do perigo diariamente - ser uma encruzilhada, uma coisa sem *fronteras*. O ódio contra certas existências está sempre no marcar.

“Marcar é sempre “rebaixar”. E quando eu defendo colocar Chicana, tejana, de classe operária, poeta dykefeminista junto a meu nome, eu o faço por razões diferentes daquelas da cultura dominante. As razões deles são marginalizar, confinar, e conter. Meu rotular a mim mesma é para que a Chicana e lésbica e todas as outras pessoas em mim não sejam apagadas, omitidas, ou assassinadas. Nomear é como eu faço minha presença conhecida, como eu afirmo quem e o que eu sou e como quero ser conhecida. Nomear a mim mesma é uma tática de sobrevivência.” (ANZALDÚA, 2017: 02)

Em um processo onde abordamos a qkcuyrização decolonial, ser inominável (desconsiderando as caixas preestabelecidas para nós desde o nascimento) e ao mesmo tempo nomear a si e a certos pontos sobre a própria narrativa atribuindo ressignificações tem um impacto imenso nesse processo. É não mais usar as armas de controle do mestre, mas prover nomeações dissidentes simultaneamente. Não se trata de demarcar a si, mas situar historicamente seu entendimento sobre coisas sem deixar que isso defina a si como um todo. Você está estando, mas não significa que você não observa enquanto (r)existência histórica inconformada. A morte de si pode ser simbólica (renascimento), mas não precisa seguir manuais de instruções.

2.3 DE CULONIAL:

o grotesco pós-humano

“Parece que tudo o que tínhamos feito no passado, atualmente se amotina e se harmoniza dentro do que São Foucault descrevia em seus anos na História da Sexualidade e que mesclado com os anos de maravilhoso feminismo finalmente acabam no que Santa Butler inscreveu como queer. Sou uma nova mestiça latina do Cone Sul que nunca pretendeu ser identificada taxonomicamente como queer e que agora, segundo os novos conhecimentos, estudos e reflexões que provém do Norte, encaixo perfeitamente, para os teóricos de gênero, nessa classificação que me propõe aquele nome botânico para minha mirabolante espécie achincalhada como minoritária.” (PERRA, Hija de., 2014/2015, p. 3)²⁰

Vivenciar a experiência monstruosa de existir é um trâmite que não cabe às limitações do fator pós-moderno (nessa suposta premissa de identidades fluídas, fragmentadas e conflitantes, mas ainda tão sistematicamente demarcadas), quiçá ao padrão humano. Radicalmente, seguindo pela curadoria das abominações, vale dizer: *pós-humano*; ao ser tão fora dos moldes pontuais da ciência, da academia, da psicologia ou dos ditames duais/universais, incorpora uma presença alienígena anômala que distancia toda materialidade e aportes da humanidade/humanismo e leituras da corporalidade gestual/comportamental compulsória cotidiana.

Pensar em *queer* circunscrito como termo pejorativo do Norte e estilhá-lo como insuficiente ao Sul é dimensionar aportes do subcapítulo anterior – o que está inserido na *morte do sujeito* quando esse imaginário de sujeito ou consequências de sua morte desconsidera sujeitos específicos (a animalidade subalterna) junto ao estopim dos deslocamentos pela imprevisibilidade (a destreza do grotesco)? Significa, nesse intermédio, que as vidas deslocadas da norma pairam sobre um limiar sudaca y audacioso paralelamente? Significa, ademais, que suas impressões *del CULO* tornam o incompreensível uma reviravolta adicional a essa dinâmica? Daria assim para discorrer sobre latente narrativa da *hipertranviadagy*

²⁰ PERRA, Hija de. *Interpretações imundas de como a Teoria Queer coloniza nosso contexto sudaca, pobre de aspirações e terceiro-mundista, perturbando com novas construções de gênero aos humanos encantados com a heteronorma*. Revista Periódicus, Salvador, n. 2, nov./abr. 2014/2015. Disponível em: <https://portalseer.ufba.br/index.php/revistaperiodicus/article/view/12896/9215>.

neo-decolonial aos passos do nomadismo? Será perigoso ou irreverente permear por essa ideia antagônica ao fac-símile normativo tendo em vista a absorção capitalizada de tantas teorias, impressões e significados?

Para pensar acerca do mal estar da era pós-moderna, é necessário giro decolonial e repensar: existiu em algum momento o bem estar da era moderna para considerados inumanos do Sul? Existiu/existe, sequer, algum bem estar real àqueles que de alguma forma fogem dos rótulos? Questionar isso não é apenas inscrever a crítica à pós-modernidade, mas avaliar historicamente através disso todas as marginalizações que acompanham estigmas do julgamento e depreciação aos condenados/as/es de suas rebeldias no 'cu do mundo' (locais onde ninguém se importa a qual carrega os vestígios/marcas da tirania anglo e eurocêntrica).

Portanto, del CULO se faz o pós-humano, del CULO agita-se corpos inomináveis, del CULO se elabora novas mestiçagens, del CULO rompe-se as barreiras de autoridade sobre o corpo, sexo, sexualidade e gênero, del CULO encerra-se o papo de moderno e pós-moderno tão banal; A perspicácia de produzir originalidades contraculturais (indo na corrente contrária da universalização) consideradas exóticas e profanas é o que ilustra a fúria da grotesquidão que mentes limitadas não podem alcançar.

A partir disso, a originalidade (auto)narrativa de Gloria Anzaldúa entra como ponte e *frontera* para mergulharmos em uma amplitude emocionante do disruptivo. A paixão anzalduana pelo grotesco subalternizady e pelo encontro de uma reconfiguração ressignificativa de Eu (yo) dá ligamento para seguirmos essa jornada de fogo, revolta e combate.

2. ANZALDÚA: *la frontera metafórica como experiência*

Figura 5 – Fotografia de Gloria Anzaldúa



Fonte: Austin American-Statesman

Because I, a mestiza,
continually walk out of one culture
and into another,
Because I am in all cultures at the same time,
alma entre dos mundos, tres, cuatro,
me zumba la cabeza con lo contradictorio.
Estoy norteadada por todas las voces
que me hablan
Simultáneamente.
(ANZALDÚA, Gloria, 1987, p. 77).

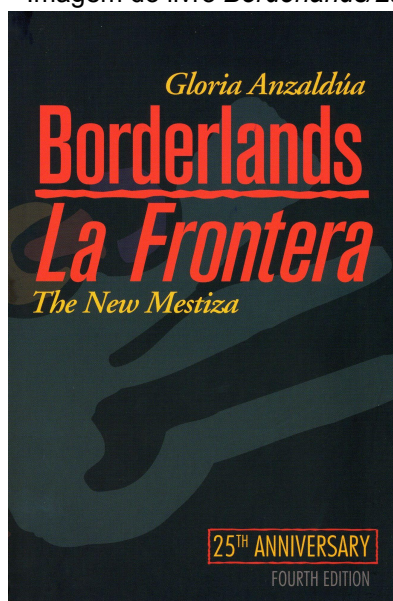
Gloria Anzaldúa, ante à sua autoenunciação, que segundo ela não diz nada sobre si, pois é composta de múltiplas impressões, merece amplo destaque por sua sensibilidade no processo da escrita, cujo reflexo advém de suas muitas leituras em momentos de descanso das suas jornadas de trabalho em plantações até alcançar a vida universitária. Sua história se tece na trajetória ativista desde os anos 1950 até o fim de sua vida, contribuindo diretamente na sua versatilidade criativa por intermédio de poesias, contos, narrativas autobiográficas, relações e contatos com a História em torno de seu ambiente de nascimento, crescimento e questionamentos das

imposições em torno disso, propiciando as ideias de fronteira e de hibridismo, sendo também precursora destes para discussões sobre identidade, cultura, sexualidade, problemáticas raciais, diálogos feministas da diferença e maior participação latina, principalmente das mulheres, na criação-defesa de suas teorias e elos solidários.

“Não podemos deixar que nos rotulem. Devemos priorizar nossa própria escrita e a das mulheres do terceiro mundo. Não podemos educar as mulheres brancas e carregá-las pela mão. A maioria de nós deseja ajudar, mas não podemos fazer para a mulher branca o seu dever de casa. Isto é um desperdício de energia. Em muitas ocasiões — mais do que gostaria de lembrar — Nellie Wong, escritora feminista asiático-americana, foi chamada pelas mulheres brancas para fornecer uma lista de asiático-americanas que pudessem dar conferências e workshops. Estamos em perigo de nos reduzir a fornecedoras de listas de recursos.” (ANZALDÚA, 2000: 231)

Uma de suas obras mais importantes e reconhecidas é *Borderlands/La Frontera: The New Mestiza* (1987), cuja proposta foca-se nas transições e contatos que se estabelecem da mestiçagem, implicando as variabilidades pertencentes e/ou decorrentes disso, como pensar a impressão *queer/cuir*, o qual parte de uma visão anzalduana muito própria na noção de mutabilidade, que foi empregado posteriormente por Teresa de Lauretis, porém fica nítido a invisibilização dos aspectos contributivos cercados pela voz terceiro mundista e sapatão da autora, que provou ter muito a enunciar e provocar com suas interrogações ao mundo pós-moderno.

Figura 6 – Imagem do livro *Borderlands/La Frontera*



Fonte: Amazon.

A mesma já nos elucidou que “a escrita é uma ferramenta para penetrar naquele mistério, mas também nos protege, nos dá um distanciamento, nos ajuda a sobreviver.” (ANZALDÚA, 2000, p. 232) E falar sobre tudo que cerca os acessos a essa *frontera* permite encontrar formas de se manter em vida, de encontrar refúgio, de ter o efeito material e simbólico das travessias e clandestinidades.

Tal “epistemologia de fronteira é uma das respostas críticas dxs subalternxs ao projeto da colonial/modernidade, uma alternativa para o combate de ações fundamentalistas, que ainda mantém como premissa o reconhecimento de uma única via epistêmica para o acesso ao conhecimento, por meio da universalização como produtora de verdade.” (ROSA, 2017, p. 35) E como parte fundamental dessa crítica temos a/e/o chicana/e/o²¹, cujas opiniões que transitaram/transitam tem o objetivo de defender a identidade étnica ao mesmo tempo que estimula a reconstrução identitária sobre outros ângulos, abrindo espaço para entender as relações de poder existentes e suas configurações. Levando em consideração sua discussão sobre as subjetividades do sujeito feminino (no qual a mesma também se insere) fazendo-se peça e ferramenta da consciência fronteiriça, utiliza de complementos que enriquecem a obra por meio de uma narração ilimitada, sendo assim, expansiva, agregando a cada passagem um novo aprofundamento, para interrogar mais sobre a (e sua) condição humana, que já viera cercada pela internalização do pensamento hegemônico ocidentalizado, porém inova ao fazer uso cambial de variedades linguísticas, que caminham do inglês ao espanhol, até línguas indígenas (como o nahuatl²²), sobressaindo a intenção em não perder aquilo de tão belo da cultura latina, que intencionalmente é apagada dos registros, das passagens hereditárias, pelas zonas de civilização/civilidade. Usa de tal recurso recuperador propositalmente.

“Porque os olhos brancos não querem nos conhecer, eles não se preocupam em aprender nossa língua, a língua que nos reflete, a nossa cultura, o nosso espírito. As escolas que frequentamos, ou não frequentamos, não nos ensinaram a escrever, nem nos deram

²¹ “Alguém que vive nos EUA e que nasceu no México ou cujos pais vieram do México.” (CHICANO. Tradução nossa. Dicionário online Cambridge Dictionary. Disponível em <https://dictionary.cambridge.org/dictionary/english/chicano>. Acesso em: jul 2022.)

²² “Língua falada pelos astecas na época do descobrimento do México. O idioma continua a ser utilizado até os dias de hoje na cultura mexicana.” (SANTOS, 2013, p. 11).

a certeza de que estávamos corretas em usar nossa linguagem marcada pela classe e pela etnia. Eu, por exemplo, me tornei conhecedora e especialista em inglês, para irritar, para desafiar os professores arrogantes e racistas que pensavam que todas as crianças chicanas eram estúpidas e sujas. E o espanhol não era ensinado na escola elementar. E o espanhol não foi exigido na escola secundária. E mesmo que agora escreva poemas em espanhol, como em inglês, me sinto roubada de minha língua nativa.” (ANZALDÚA, 2000: 229-230)

Encontra nesse processo de *autoexpresión* uma possibilidade de problematizar politicamente, socialmente e geograficamente as determinações centradas tanto em seu ambiente de convívio quanto fora dele. Portanto, a fronteira metafórica percorre quesitos psicológicos, sexuais, espirituais, movendo-se para contemplação do contato entre culturas, mas também de si mesma. Enuncia, com evidência, que “as fronteiras e paredes que supostamente mantêm as idéias indesejáveis fora são hábitos enraizados e padrões de comportamento; esses hábitos e padrões são o inimigo interno. Rigidez significa morte. Somente permanecendo flexível é capaz de esticar a psique horizontalmente e verticalmente.” (ANZALDÚA, 1987, p. 79, tradução nossa)²³ Seja a mestiza, o caribenho, a brasileira, o cubano, entre outras tantas referências, todos fazem parte desse grande mix cultural, que encontra diferentes influências, e contribuem para a *interseccionalidad* até então, promovendo debates.

“Através da resignificação dos conceitos relacionados às questões de gênero, etnia e orientação sexual disseminados pelo poder hegemônico, Anzaldúa cria um discurso que aponta para a legitimação da voz triplamente diferente — mulher, mestiça e lésbica.” (SANTOS, 2013, p. 65) E está presente nesse entre-lugar a qual se vê, a chance de avistar as subjetividades que a compõem - que é *queer* pela sua diferença excêntrica e descentralizada -, trazendo a contemporaneidade e suas medidas discursivas referenciais (centro/periferia, local/global) apresentando uma visão desconstruída dessa lógica. Tudo torna-se parte de uma discussão cultural, demonstrando a hibridação como parte dessa transição, dessa fuga de ser o Outro, de entender o mundo a partir de um empreendimento decolonial,

²³ “The borders and walls that are supposed to keep the undesirable ideas out are entrenched habits and patterns of behavior; these habits and patterns are the enemy within. Rigidity means death. Only by remaining flexible is she able to stretch the psyche horizontally and vertically”.

evidenciando identidades que são decorrentes de relações, mas também se diferenciam no todo social.

A mesma ainda ressalta a posição de situação:

“Como mestiça, eu não tenho País, minha terra natal me despejou; no entanto, todos os países são meus porque eu sou a irmã ou a amante em potencial de todas as mulheres. (Como lésbica não tenho raça, meu próprio povo me rejeita; mas sou de todas as raças porque a *queer* em mim existe em todas as raças). Sou sem cultura porque, como uma feminista, desafio as crenças culturais/religiosas coletivas de origem masculina dos indo-hispânicos e anglos; entretanto, tenho cultura porque estou participando da criação de uma outra cultura, uma nova história para explicar o mundo e a nossa participação nele, um novo sistema de valores com imagens e símbolos que nos conectam um/a ao/a outro/a e ao planeta. Sou um ato de amassar, sou um ato de juntar e unir que não apenas produz uma criatura tanto da luz como da escuridão, mas também uma criatura que questiona as definições de luz e de escuro e dá-lhes novos significados.” (ANZALDÚA, 1987: 80-81, tradução nossa)²⁴

Zela em explicar isso como uma maneira de abrir espaço para autorrepresentação, superando a tradição de silenciamento, e mostrando que apesar da discriminação em sua própria cultura, cria a possibilidade do vir-a-ser incômodo aos fundamentos patriarcais e femininos-normativos, porque a *categoria homossexual* (assim como a transsexual, travesti e drag) cruza muitas fronteiras, não apenas no quesito de seus interesses, ou devido às aproximações com as marginalizações, há relevância pela ação de se deslocar sempre para algo que age além de uma situação repetitiva dos padrões quando explorado tal propósito. É em razão disso que Anzaldúa elucida o seguinte: ““minhas “histórias” são atos encapsulados no tempo, “encenadas” toda vez que são falados em voz alta ou lidas em silêncio. Gosto de considerá-las como performances e não como objetos inertes e “mortos” (como os estéticos da cultura ocidental pensam das obras de arte).”

²⁴ “As a mestiza I have no country, my homeland cast me out; yet all countries are mine because I am every woman's sister or potential lover. (As a lesbian I have no race, my own people disclaim me; but I am all races because there is the queer of me in all races.) I am cultureless because, as a feminist, I challenge the collective cultural/religious male-derived beliefs of Indo-Hispanics and Anglos; yet I am cultured because I am participating in the creation of yet another culture, a new story to explain the world and our participation in it, a new value system with images and symbols that connect us to each other and to the planet. Soy un amasamiento, I am an act of kneading, of uniting and joining that not only has produced both a creature of darkness and a creature of light, but also a creature that questions the definitions of light and dark and gives them new meanings.”

(1987, p. 67, tradução nossa)²⁵ O contar delas evocam expressões vívidas para contribuir com outras lutas internas e externas daqueles que possuem contato com suas criações ao redor do planeta, principalmente latino-americanos. Esse elo é uma das formas de se atravessar as fronteiras, e passar a se questionar sobre sua posição de mundo, repensar formas de se intitular.

“Quero poder escolher o que vai me nomear. Mas se tenho que escolher um rótulo identitário na língua inglesa eu escolho “dyke” ou “queer”, apesar de essas palavras de classe operária (anteriormente tendo conotações “doentias”) terem sido dominadas por teóricas lésbicas brancas de classe média na academia. Queer é usada como um falso guarda-chuva unificador sob o qual “queers” de todas as raças, etnias e classes são enfiadas. Às vezes precisamos desse guarda-chuva para solidificar nossas trincheiras contra intrusos. Mas mesmo quando buscamos abrigo sobre ele nós não podemos esquecer que ele homogeneiza, apaga nossas diferenças. Sim, pode ser que todas nós amemos pessoas do mesmo sexo, mas nós não somos iguais. Nossas comunidades étnicas lidam diferente conosco. Eu preciso constantemente afirmar minhas diferenças, preciso dizer: Isso é o que eu penso sobre amar mulheres. Devo declarar: A diferença está na minha relação com minha cultura; a cultura branca pode permitir suas lésbicas que partam – a minha não. Essa é uma forma com que evito ser sugada pelo vórtex da homogeneização, de ser tragada para o abrigo do guarda-chuva queer.” (ANZALDÚA apud BRANDÃO et al., 2017: 408-409)

É de grande significância pensar que a terminologia *queer* também demandou uma passagem pelo processo de *interseccionalização* e interpretação (ora como signo ora como propósito), creditando a quebra de binarismos categóricos se influenciando com os pensamentos produzidos por diferentes nacionalidades, para não se fixar sobre um olhar euro-estadunidense. Anzaldúa foi uma das colaboradoras para que os modos de escrita dissidentes possam ser tão fluidos quanto a caracterização da ideia do nomadismo centrado por algo que tem uma intenção além-teórica. Cabe também a reflexão de pensarmos: “Qual será o futuro desta teoria que corre o risco de ser tragada e comprada a um bom preço pelo sistema capitalista?” (PERRA, 2014, p. 07)²⁶ Se tratando de algo tão aberto a

²⁵ “My “stories” are acts encapsulated in time, “enacted” every time they are spoken aloud or read silently. I like to think of them as performances and not as inert and “dead” objects (as the aesthetics of Western culture think of art works).”

²⁶ PERRA, Hija de. *Interpretações imundas de como a Teoria Queer coloniza nosso contexto sudaca, pobre de aspirações e terceiro-mundista, perturbando com novas construções de gênero aos humanos encantados com a heteronorma*. Revista Periódicus, 2ª ed., nov 2014 - abr 2015. Disponível em: <http://www.portalseer.ufba.br/index.php/revistaperiodicus/index>. Acesso em: jul 2022.

diferentes tipos de leitura em torno da realidade, é possível sofrer desmembramentos arriscados, como se tornar vertente de uma proposta que discuta comercialmente - como já vem acontecendo -, uma tecnologia de gênero posicionado como não-binária. Perguntemos, portanto: “Poderei sonhar que o queer seguirá seu legado de resistência e liberdade de expressão e não se transformará em uma moda ou em uma norma?” (idem, ibidem, p.08) E saibamos responder que a (r)existência trata-se disso, não pelo viés de um propósito que repete o igualitarismo liberal, mas algo que seja libertário e corajoso o suficiente para que as fronteiras sejam locais de risco (com a intenção de afugentar a comodidade) e aprendizado (já que é composto por dissemelhantes enredos).

Borderlands/La Frontera mostra-se perspicaz a discutir as propostas dessas construções sociais que mantêm-se modificando, comunicando com excelência aos latino-americanos que “as suas/minhas/nossas mestiçagens mostram mecanismos que, ao mesmo tempo, nos sujeitam e nos impulsionam para o exercício da liberdade, relacionando-se com as culturas das fronteiras e expondo as feridas abertas.” (ROSA, 2017, p. 41) Tem sua interlocução construída com a presença central dos corpos marginalizados, capturando a ontologia condicional destes, além das demarcações e seus viáveis desvios de circuito, que sabemos que se embebe de um determinismo corpóreo-sexual para demarcar as divisas, travessias e leis. Todavia, é a/e/o chicana/e/o, a/e/o mestiça/e/o, que nos mostra a intervenção, o uso de diferentes elementos, que intenciona recriar como formação de obter a nova cultura dos entre-lugares.

“Em um estado constante de *nepantilismo* mental, uma palavra asteca que significa partido ao meio, a mestiça é um produto da transferência de valores culturais e espirituais de um grupo para outro. Ser tricultural, monolíngue, bilíngue, ou multilíngue, falando um patois, e em um estado de transição constante, a mestiça se depara com o dilema das raças híbridas: a que coletividade pertence a filha de uma mãe de pele escura? (ANZALDÚA, 1987: 78, tradução nossa)”²⁷

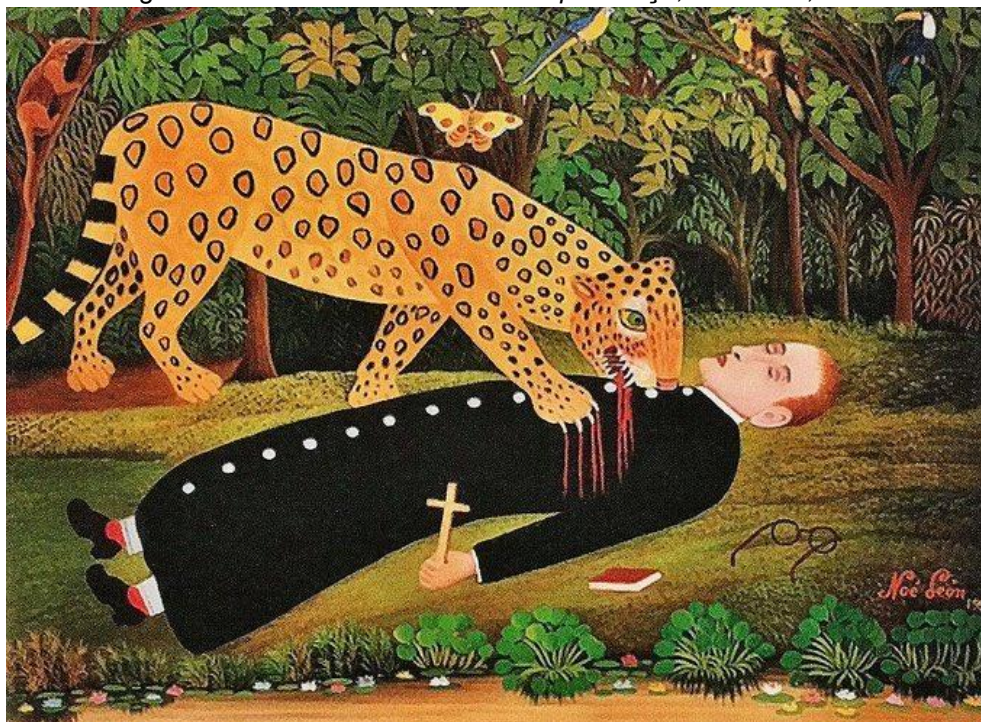
²⁷ “In a constant state of mental nepantilism, an Aztec word meaning torn between ways, la mestiza is a product of the transfer of the cultural and spiritual values of one group to another. Being tricultural, monolingual, bilingual, or multilingual, speaking a patois, and in a state of perpetual transition, the mestiza faces the dilemma of the mixed breed: which collectivity does the daughter of a darkskinned mother listen to?”

Essa temática fronteira encaixa-se no *queer* pelo simbólico da viagem. Essa viagem promove as dúvidas, os medos e os (re)encontros com o Eu volátil. É a porosidade e maleabilidade das incertezas que chama para desconstruir tantos valores e moralidades. A proposta é mergulhar-se nas inversões e indagar-se sobre convicções. Considerável, assim, lembrar: “Sua pele deve ser sensível suficiente para o beijo mais suave e dura o bastante para protegê-la do desdém. Se for cuspir na cara do mundo, tenha certeza de estar de costas para o vento. Escreva sobre o que mais nos liga à vida, a sensação do corpo, a imagem vista, a expansão da psique em tranquilidade: momentos de alta intensidade, seus movimentos, sons, pensamentos. *Mesmo se estivermos famintas, não somos pobres de experiências.*” (ANZALDÚA, 2000, p. 235) Esvaziar-se e reconhecer outras visões de mundo é chocar-se com a ideia de ser possível superar as impossibilidades que são ditadas, tornando-as possíveis ao inventá-las.

A relevância abrangente na linguagem também é a evidência dos deslocamentos. O hibridismo linguístico faz referência a arma de proteção, pois oportuniza algo que é atípico aos olhos colonizados, presos no inalterável, que é a construção da brecha para um novo dialeto, criação de uma identidade outra, a qual é língua de fogo, línguas de serpentes, igualmente “deslinguada/e/o”, e, portanto, dissociada de território. “Dessa forma, a dualidade linguística marcada no próprio título do livro, através do sinal gráfico da barra (/) se resolve ao refletir sobre a linguagem: seu espaço não é o mexicano e tampouco o estadunidense, é o da fronteira.” (SANTOS, 2013, p. 79) Não se reconhece em nada, também não é reconhecida, recontando com sua potencialidade as narrativas universalizadas, pontuando emergências e autenticidade para o novo cultural como ação insurgente, como conservação de concepções excluídas nos meios pedagógicos, acadêmicos, artísticos, entre outros. E também nutre a positivação de termos - como o *queer*, ou inclusive, a *mestiza* - que situa uma renegociação com o conhecimento de si, com os artifícios da autoimagem. Com isso, o *queer* se torna prática libertária quando atinge a personificação de *desconocido*, de transeunte, de dinâmica decolonial, de *frontera* evolutiva, de corporalidade político-móvel.

2.1 CORPO É POLÍTICA: *uma perspectiva latino-americana decolonial* ²⁸

Figura 7 – *Missionário sendo comido pela onça*, Noé León, 1907



Fonte: Reprodução do Twitter - @Karibuxi

Anzaldúa, como produtora de reflexões sobre as condições existentes àquelas/es que fazem parte do olho do furacão das culturalidades híbridas, foi e permanece sendo uma grande contribuição para pensar a decolonialidade. Existe uma insuficiência abismal ao se colocar o prefixo *pós* no contexto colonial, dado que o processo de escrita da História Geral sempre teve os heróis sucedidos (euro-estadunidenses) e os Outros como parte do roteiro - rotulados por selvagens - até a chegada dos conquistadores que se consideravam salvadores. Aproveitando o pensamento da *frontera* é que conectamos os pontos e captamos que a discussão sobre identidade é conflituosa, afinal se desvela na proposta capitalista de criação dos modelos de referência ao longo do tempo para autossustentação e subjugação

²⁸ “O pensamento decolonial reflete sobre a colonização como um grande evento prolongado e de muitas rupturas e não como uma etapa histórica já superada. [...] Deste modo quer salientar que a intenção não é desfazer o colonial ou revertê-lo, ou seja, superar o momento colonial pelo momento pós-colonial. A intenção é provocar um posicionamento contínuo de transgredir e insurgir. O decolonial implica, portanto, uma luta contínua” (COLAÇO apud REIS, Maurício de Novais; ANDRADE, Marcilea Freitas Ferraz de. O pensamento decolonial: análise, desafios e perspectivas. *Revista Espaço Acadêmico*, v. 17, n. 202, p. 01-11, mar/2018.)

de uns muito específicos. É através do punhal cravado nas costas, repleto de sangue, que expõe-se as formações históricas que solidificaram-se através do jogo do balanço comercial, com a mão de obra escrava, os interesses da modernidade, e apontamento neste transcurso dos desviados, dos rebeldes, dos sem alma.

Quijano, sobre a colonialidade, nos evidencia de que “desde o século XVII, nos principais centros hegemônicos desse padrão mundial de poder, nessa centúria, não sendo um acaso a Holanda (Descartes, Spinoza) e a Inglaterra (Locke, Newton), desse universo intersubjetivo, foi elaborado e formalizado um modo de produzir conhecimento que dava conta das necessidades cognitivas do capitalismo.” (2010, p. 74) Isso significa que a necessidade de se conhecer melhor a relação dos inferiores com a natureza era um facilitador para exploração e/ou produção, classificando imediatamente uma estigmatização de ideias que se tornaram “a única racionalidade válida e [...] emblema da *modernidade*” (idem, ibidem) Posto isso, a Cientificação do Racional propôs as lógicas do poder que se introjetaram pelos seus articuladores na América Latina, por exemplo, para estruturar as noções de territorialização e redefinição de bens e transporte, mediante os esforços para potencializarem-se.

Para muitos dos que enxergam a vitória desses colonizadores, colocando como uma espécie de genialidade ter tanta astúcia para dominação de espaços/extensões - que fique claro, não pertencentes a ninguém, diferente do que expõe o liberalismo capitalista -, é onde sabemos da urgência de repensar as práticas violentas e amargas do símbolo das conquistas, descobertas, e até mesmo, da cultura. Não há nada de vitorioso na morte indígena, negra, latina; tampouco beleza no que pensamos ser a vida euro-estadunidense, tão sinalizada de *glamour*, porém realidades são complexas, e as impressões se distorcem por diversos meios, como os midiáticos, e até os paradidáticos. Se constroem com tanta pretensão, porém são cercadas de inexistências criadoras do reforço ideológico da proposta colonial, que sempre coloca locais de enunciação sobre locais de marginalização. E permite-se a marginalização pela venda dos sonhos, dos quais se concretizam pelo raciocínio infértil do mérito, da compra, do alcance da posse.

É relevante, igualmente, pensar os corpos. Nessa *fronteira* submetida à neocolonização há os desafortunados, uniformemente transgressores de coisas tão presas sob pontos fixos, sobrevivendo à História, ao próprio fator da vida que se impregna de diversos terrorismos contra a imensidão de si. Esse *self* por incontáveis vezes esquece que “na tentativa de se tornar “objetiva”, a cultura Ocidental fez “objetos” de coisas e pessoas quando se distanciava delas, perdendo assim “contato” com elas. Essa dicotomia é a raiz de toda violência.” (ANZALDÚA, 1987, p. 37, tradução nossa)²⁹ Essa teoria dicotômica instaura um pensamento místico de um lado e a realidade supostamente sensata de outro, entrecruzando-as quando apropriam-se, entretanto renegando o misticismo quando a sensatez cobra seguir uma medida mais firme. E o mesmo acontece aos corpos: uns têm proporção (e isso comprova valoração), outros não. São instrumentos vivos do saber, da vigília e das modelações.

Em virtude de tantos pesos, “o corpo não pode ser tomado como algo terminado, mas como uma materialidade provisória, mutante e mutável, vulnerável às mais diversas formas de intervenção, sejam elas, científicas, tecnológicas e/ou eclesiásticas, sejam elas transgressivas e/ou marginais, políticas e/ou culturais, clarificando que o corpo não é universal e absoluto, mas plástico, flexível e relacional, portanto, produzido através de sua socialização e coletividade.” (PERES, 2011, p. 71) Algo que expressa uma das dimensões do corpo cuir é o *intersexo*, vulgarmente chamado de *hermafrodita*; expressa o que há de místico (algo considerado episódico e de magnitude) e sensato (algo palpável à normalização) na vasta fronteira. “A família e os profissionais de saúde constroem significados sobre a existência e o corpo da pessoa intersexual e, a depender do modelo assistencial adotado e das representações sociais da intersexualidade, o sujeito é concebido em fragmentos e não na sua integralidade. Esta trajetória diagnóstica se assemelha a um jogo de quebra-cabeça em que os exames clínicos, laboratoriais e de imagem são as peças que, quando encaixadas, revelam ou constroem o sexo ou mais ainda delineiam as fronteiras deste *self*.” (CANGUÇÚ-CAMPINHO, 2012, p. 26)³⁰ Dá-se

²⁹ “In trying to become “objective”, Western culture made “objects” of things and people when it distanced itself from them, thereby losing “touch” with them. This dichotomy is the root of all violence”.

³⁰ CANGUÇÚ-CAMPINHO, Ana Karina Figueira. *A construção dialógica da identidade em pessoas intersexuais: o X e o Y da questão*. Tese de Doutorado em Saúde Pública, Instituto de Saúde Coletiva, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2012.

gênero, identidade e uma vida corrigida àquilo que parece inumano, estranho, verdadeiramente dissociado do alcance dominatório cultural.

Contudo, o corpo também é deslocamento, e expressa suas oscilações além de uma determinação, o que leva a ser devir ético, estético e manifesto, inclusive, porque

“Há algo de convincente em ser ambos homem e mulher, em ter uma entrada nos dois mundos. Ao contrário de alguns princípios psiquiátricos, metade e metades não sofrem confusão de identidade sexual, ou mesmo de uma confusão de gênero. Do que estamos sofrendo é uma dualidade despota absoluta que diz que somos capazes de ser apenas um ou outro. Alega que a natureza humana é limitada e não pode evoluir para algo melhor. Mas eu, como outras pessoas queer, sou dois em um corpo, tanto masculino quanto feminino. Eu sou a personificação dos hieros gamos: a união de qualidades opostas dentro.” (ANZALDÚA, 1987: 19, tradução nossa)³¹

O corpo kuir latinoamericano decoloniza-se quando se revolta! Isso, porque credita um cuidado inaugural, por saber como foi suprimido disso tantas vezes ao fazerem-no constantemente acreditar nas idealizações propagadas pela trivialidade e na superioridade hegemônica, que são os responsáveis pela escrita anti-desviante. Todavia, ampara-se e reforça a mente de que há “muitas formas de fazer-se mulher ou homem, as várias possibilidades de viver prazeres e desejos corporais [que] são sempre sugeridas, anunciadas, promovidas socialmente (e hoje possivelmente de formas mais explícitas do que antes). Elas são também, renovadamente, reguladas, condenadas ou negadas.” (LOURO, 2000, p. 07) O primordial está em recuperar do pensamento de Anzaldúa a quebra das barreiras do silêncio, dar um significado orgânico às coisas que tentam exorcizar e matar diariamente, inclusive do eu-interior, intencionando cadáveres funcionais por serem de fácil leitura. A *mestiza*, assim como a própria mestiçagem, é uma referência do pensamento de superação da hegemonia. Enquanto é o que é (ao mesmo tempo que ‘está’ - é ser passageiro), atíça a curiosidade, porque evidencia a habilidade

³¹ “*There is something compelling about being both male and female, about having an entry into both worlds. Contrary to some psychiatric tenets, half and halves are not suffering from a confusion of sexual identity, or even from a confusion of gender. What we are suffering from is an absolute despot duality that says we are able to be only one or the other. It claims that human nature is limited and cannot evolve into something better. But I, like other queer people, am two in one body, both male and female. I am the embodiment of the hieros gamos: the coming together of opposite qualities within*”.

metamorfa e de esboço/rascunho intencional. Vê-se ali e aqui, de diferentes ângulos. É parte da poética desse encontro com tantos estímulos diversos.

“Em alguns séculos, o futuro pertencerá à mestiça. Porque o futuro depende da quebra de paradigmas, isso depende do alcance de duas ou mais culturas. Ao criar um novo mythos - isto é, uma mudança na forma como percebemos a realidade, a maneira como nos vemos e os modos como nos comportamos -, a mestiça cria uma nova consciência.” (ANZALDÚA, 1987: 80, tradução nossa)³²

Essa consciência é revolucionária, pois mesmo diante de tantas violações e inflamações o qual a mestiçagem se encontrou refém, não perdeu a multiplicidade de conhecimentos que se expandiram a partir disso. É o que a *interseccionalidad* - também vista na concepção anzalduana -, se permitiu oferecer para propor as trocas, e ocasionar uma mudança de cenário. “A resposta para o problema entre a raça branca e a colorida, entre machos e fêmeas, reside na cura da cisão que se origina no próprio alicerce de nossas vidas, nossa cultura, nossas línguas, nossos pensamentos.” (ANZALDÚA, 1987, p. 80, tradução nossa)³³ É uma forma de oficializar a existência de diferentes vozes, e muito além disso, possibilitar a crítica sobre acontecimentos historiográficos, sociais e políticos.

Em questão de assuntos coloniais, como da América Latina,

“Depreendem-se do termo “pós-colonialismo” basicamente dois entendimentos. O primeiro diz respeito ao tempo histórico posterior aos processos de descolonização do chamado “terceiro mundo”, a partir da metade do século XX. Temporalmente, tal ideia refere-se, portanto, à independência, libertação e emancipação das sociedades exploradas pelo imperialismo e neocolonialismo – especialmente nos continentes asiático e africano. A outra utilização do termo se refere a um conjunto de contribuições teóricas oriundas principalmente dos estudos literários e culturais, que a partir dos anos 1980 ganharam evidência em algumas universidades dos Estados Unidos e da Inglaterra.

Como tantas escolas orientadas pelo “pós”, o pós-colonialismo se tornou uma espécie de “moda” acadêmica, tendo penetrado

³² “*En unas pocas centurias, the future will belong to the mestiza. Because the future depends on the breaking down of paradigms, it depends on the straddling of two or more cultures. By creating a new mythos - that is, a change in the way we perceive reality, the way we see ourselves, and the ways we behave - la mestiza creates a new consciousness*”.

³³ “*The answer to the problem between the white race and the colored, between males and females, lies in healing the split that originates in the very foundation of our lives our culture, our languages, our thoughts*.”

tardiamente nas ciências sociais brasileiras.” (BALLESTRIN, 2013: 90)

Porém, a maior importância a se dar diante desses estudos, que também fazem parte da vida cotidiana, como Anzaldúa nos apresenta pela linguagem (recuperações indígenas), pela crença (apresentando as *‘tres madres’* que possuem o povo chicano), pelo aspecto *queer* (que situa uma diferença enorme ao ser terceiro mundista), pela cultura (onde ela transita pelos efeitos e sentidos do Tex-Mex), são somados ao posicionamento da desconstrução de concepções entranhadas. Como nos articula Homi Bhabha, “se o interesse no pós-modernismo limitar-se a uma celebração da fragmentação das “grandes narrativas” do racionalismo pós-iluminista, então, apesar de toda a sua efervescência intelectual, ele permanecerá um empreendimento profundamente provinciano.” (1998, p. 23) Isso serve diretamente a esses diálogos pós-coloniais, pois é nítido que não basta teorizar, é preciso emergência de fatores para ação e torná-las um diferencial dentro dos currículos, das intervenções, de meios que contribuam para debates (como fomentado pelos estudos do Grupo Modernidade/Colonialidade (M/C) nos anos 1990). Esse “coletivo realizou um movimento epistemológico fundamental para a renovação crítica e utópica das ciências sociais na América Latina no século XXI: a radicalização do argumento pós-colonial no continente por meio da noção de “giro decolonial”.” (BALLESTRIN, 2013, p. 89) Abriu-se uma porta para pensar na construção do eurocentrismo, sua reprodução, e agora, seu desmantelamento pelo *modus operandi* latino-americano.

Os traços que nos compõem estão no entre-lugar, primeiramente devido a universalidade historiográfica da América Latina ter um raso aprofundamento, seguido da nossa destruição, em virtude de uma ficção narrativa do Poder que não concebe um real retrato do passado. Contudo, em segundo plano, “esse espaço aparentemente vazio, templo e lugar de clandestinidade, seria o locus do ritual antropófago da literatura latino-americana, no qual ela se realiza “entre o sacrifício e o jogo, entre a prisão e a transgressão, entre a submissão ao código e a agressão, entre a obediência e a rebelião, entre a assimilação e a expressão.” (SANTIAGO apud FIGUEIREDO, 2005, p. 03) Isso marca a passagem das misturas em contato sob os corpos, no qual “temos privilegiado uma leitura da subjetividade que se expressa pela heterogeneidade plural e polifônica, o que permitiria falarmos de

linhas de subjetivação.” (PERES, 2011, p. 72) Essa subjetividade exerce as misturas fragmentadas importadas e nativas, formando a mestiçagem que indefinidamente confere novos sentidos/significâncias.

“Um mundo moderno, homogêneo e coerente vai ceder lugar a um universo pós-moderno, fragmentado, heterogêneo e imprevisível. Misturar, entrecruzar, cruzar, telescopar, superpor, justapor, interpor, imbricar, colar, fundir, são algumas palavras entre tantas outras aplicadas à mestiçagem, que abafam – numa profusão de vocábulos – a imprecisão das descrições e o fluxo do pensamento. Em princípio a expansão colonial misturou o que não estava misturado: corpos puros, cores fundamentais, elementos homogêneos, isentos de qualquer “contaminação”.” (HANCIAU, 2005: 6)

O que passamos a observar é um processo de expansão fronteiriça frequente acerca dos aspectos corpóreos e culturais, que possuem muito mais conflitos que consensos. O tradicional e o desconhecido compartilham de um mesmo espaço simbólico-social, que, sem embargo, é completamente elétrico e diferente. Temos a coerência de que “o corpo se altera com a passagem do tempo, com a doença, com mudanças de hábitos alimentares e de vida, com possibilidades distintas de prazer ou com novas formas de intervenção médica e tecnológica.” (LOURO, 2000, p. 11) E de que os aspectos culturais nascem, se expressam, validam e dão espaço para interpretações multiformes. Isso insere uma perspectiva mais meticulosa do que representa fazer parte de uma contextualização contrária aos propósitos da contemporaneidade, em decorrência do passado. O propósito decolonial permite a abertura da discussão do Outro além da visão subalterna³⁴. Motiva uma ultrapassagem dos pensamentos circunscritos em relação à arte, à política, captando esse sentimento de aversão projetado e condenado ao terceiro-mundista, transformando na ação de tomar de volta sua narratividade colocando outros tipos de sentimento para dar impacto, reivindicação e posição existencial. Ter a libertação das amarras da colonização, velha e atual. “O tempo da libertação é, como Fanon evoca de maneira poderosa, um tempo de incerteza cultural e, mais crucialmente, de indecidibilidade significativa ou representacional.” (BHABHA, 1998, p. 64) Cerca-se de coisas que pedem por um propósito de expressão criativa e abrangente.

³⁴ “O termo “subalterno” fora tomado emprestado de Antonio Gramsci e entendido como classe ou grupo desagregado e episódico que tem uma tendência histórica a uma unificação sempre provisória pela obliteração das classes dominantes.” (BALLESTRIN, 2013, p. 93)

Pensando em todos esses processos inventivos, eis a reflexão: quem são aqueles que estão lendo e aprofundando a América Latina? Sequer se preocupando com elementos que fazem parte de todo o seu contexto e produção de vida e história? Tais questionamentos são o ápice para problematizar uma não presença - que se perdurou/perdura há muito tempo - no que tange os estudos latino-americanos. Há várias coisas a serem detalhadas, todavia a criação de espaços para isso é um trabalho e processos austeros.

2.2 AS SUBALTERNIDADES FALAM! VOCÊ ESCUTA?

Figura 8 – A América Latina representada pelo artista uruguaio Gustavo Wenzel em *All around this World - Latin America* mostrando a enorme riqueza cultural dos países



Fonte: blogs.unicamp.br

A noção de sujeitos subalternizados está ligado propriamente ao modo como a lógica de inferioridades, seja racial, bélica, linguística, econômica e cultural se perduraram durante séculos: o jogo estrito do colono contra o colonizado. Reflexo disso sobrevém, por exemplo, quando discutimos conteúdos produzidos por latino-americanos - inclusive dentro dos centros acadêmicos -, e que não receberam os destaques propícios para serem colocados como pauta discutível e admirável, ou até mesmo, o interesse por pesquisas, perspectivas e pontos de vista elaborados por e sobre latino-americanos. O tornado clássico³⁵ no aprofundamento de diversos

³⁵ “O clássico [...] se mantém de dois modos: como a referência acadêmica essencial à formação e como a reinvenção do passado que supõe essa referência e amplia-a, introduzindo o novo.”

estudos centram-se na condição europeia e estadunidense como um processo de procedência afirmativa, uma vez que se configura os modelos de consciência desde escolas até a Universidade. É uma margem resultante que essa impressão cresça e seja de extrema recorrência: “Apenas 4% dos brasileiros se definem como latino-americanos, ante uma média de 43% em outros seis países latinos (Argentina, Chile, Colômbia, Equador, México e Peru).”³⁶ Essa negação da América Latina (pelo olhar positivado), a falta de contribuição em torno das construções erguidas sobre os diferentes solos culturais latino-americanos, a forma como existe pouca ou nenhuma aproximação com *as/es/os hermanas/es/os* e seus modos de vida, a exclusão historiográfico-narrativa latino-americana na formação expressiva do chamado Novo Mundo e mundo moderno.

Todos esses tópicos são evidências para perceber que tal afastamento é uma sequela, levando em consideração a captura hegemônica que lidamos acerca de temáticas como gênero, sexualidade, direitos públicos e tensões planetárias. Articulações que não deveriam se prender aos panoramas da superficialidade, e que demandam uma aplicabilidade que não se confine tão somente a uma parte-potência, acaba decorrendo e causando o distanciamento dessa perspectiva de descobertas que exterioriza o valor da percepção latina sobre assuntos muito particulares devido às conjecturas.

A ênfase discursiva do subalterno – diante exemplo, a escrita – é, deveras, a projeção da passagem realística manuseada pelos seus conhecimentos dissipados, que se tornam aparentes e dominantes. Sinaliza-se *passagem*, porque não está em mãos reverter o passado marcado por violências (algo que jamais deve ser tratado por simbólico), contudo viabiliza trazer tais evidências para aprofundar seus efeitos no presente e o que decorreu e/ou persiste; e ao dizer dominante, não trata-se de domínio como superioridade ou poder de retórica, sendo assim, não é uma competição para sobressair-se como certo e injustiçado, interessa saber e revelar as instâncias que foram cortadas/diminuídas dos processos e seus indivíduos inseridos.

(ARAÚJO, Carolina. O clássico como problema. Revista Poesis, n. 11, nov. 2008, p. 19. Disponível em: http://www.poesis.uff.br/PDF/poesis11/Poesis_11_clasprob.pdf. Acesso em: jul. 2022.)

³⁶ GUIMARÃES, Thiago. “Brasileiro despreza identidade latina, mas quer liderança regional, aponta pesquisa”. BBC Brasil. Dezembro, 2015. Disponível em: https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2015/12/151217_brasil_latinos_tg. Acesso em: jul. 2022.

Refere-se a um imediato retrato panorâmico, pois irrompe com a problemática de se trabalhar com absolutismos e acontecimentos de verdade pura. Pelo contexto do pensamento popular toda história tem dois lados, e no caso latino-americano, sua oportunidade de relato acontece em segundo plano, devido aos “esquemas dependentistas e as dicotomias que opunham cultura popular/alta cultura, elementos vernaculares e estrangeiros, centro/periferia.” (MORAÑA, 1998, p. 215, tradução nossa)³⁷ Algo que a partir da criticidade decolonial revela a possibilidade de superação e transformação a partir de aspectos que fomentam discussões sobre conhecimentos anti-coloniais.

É nesse processo de exposição criativa que acontece a conscientização para retirar do vocabulário a concepção da *subalternidade*. Ela é um adjetivo delimitado dentro das ramificações do Poder. Seu retrato funciona especificando que tipos de atores produzem, contextualizam, comovem, ou seja, se é o sempre estudado ou o estudioso eloquente do Norte. São duas configurações diferentes da inteligência social - o primeiro se fixa aos meios sempre artesanais da produção do Outro, enquanto no segundo temos a elaboração do euro-estadunidense mantendo-se no complexo da arte ou do artístico, visionário. A imagem está ligada ao olhar paradigmático criado pelas lógicas da ciência que correspondem aos campos da universalidade empírico-epistemológica. As teorias partem de uma planificação que são correspondentes a um determinado espaço de criação ao Norte, que muitos latinos só conseguem/conseguirão destaque quando fora de sua terra natal, sendo assim, migram/migrarão para as localidades que atribuem uma mínima relevância para seu conteúdo, ou sequer usam como parte do contexto contributivo para trabalhos em andamento. Anzaldúa, sendo referencial que vai de contrapartida sobre essa utilidade inevitável de linguagens supremas ante a linguagem do subalterno, já nos revela que “línguas selvagens não podem ser domadas, elas só podem ser cortadas.” (1987, p. 54, tradução nossa)³⁸ E mesmo cortadas, continuam se rebelando, se apresentando singularmente, fazendo trajetos de exteriorização (e não de uma excentricidade de impressão mitológica).

³⁷ “[...] los esquemas dependentistas y las dicotomías que oponían cultura popular/alta cultura, elementos vernáculos y foráneos, centro/periferia”.

³⁸ “Wild tongues can’t be tamed, they can only be cut out.”

Uma questão para trazermos como pauta: “Como redefinir as relações Norte/Sul e o lugar ideológico do qual a América Latina é pensada e construída como o espaço inalienável de uma alteridade sem a qual o “eu” que fala (que pode falar, como indicado por Spivak) é descentralizado, é epistemologicamente e politicamente desestabilizado? (MORAÑA, 1998, p. 217, tradução nossa)³⁹ A chave da trama se constata na centralidade discursiva existente. Voz é um processo manifestante! Apesar disso, não é algo que podemos dizer “faça isso”, “melhore aquilo”, “exponha assim”, pois não se vê abertura à horizontalidade, considerando a observação de problemáticas da globalização, por exemplo. Dado isso, caminha pelo propósito de intervenções, e com a amplitude de meios da rede cibernética (como os blogs e as redes sociais), propicia contatos que antes não seriam imaginados nem facilmente propiciados (apesar de simpósios, palestras, congressos, saraus, performances, entre outras formas possíveis de agrupamento das diferentes diferenças).

A produção latino-americana, independente das dificuldades, é muito válida e inestimável, pois

“As diferentes heranças coloniais e a crescente interconexão global têm trazido à tona um contexto múltiplo, em que se torna difícil pensar na pureza de uma língua e estabelecer fronteiras entre línguas e culturas nacionais. Diante desse quadro, Mignolo (2003) defende a necessidade de uma nova forma de pensar, que supere os modelos teóricos oferecidos pela ideologia colonial e que aposte na diferença resultante das colonizações.

Essa nova forma de pensar é batizada pelo autor como pensamento liminar, uma epistemologia que emerge do estado atual de interconexão global e que tem como características principais a possibilidade de teorizar a partir da margem (no sentido de limiar e liminaridade) e de uma perspectiva subalterna. Isso significa entre outras coisas, produzir saber acadêmico fora das línguas hegemônicas, entender a prática literária como produção, e não apenas objeto de conhecimento, misturar línguas, provocar rupturas e deslocamentos. Segundo Mignolo (2003, p. 300) a idéia de homogeneidade linguística foi criada para atender aos interesses coloniais. Dessa forma, o pensamento liminar

³⁹ “¿Cómo redefinir las relaciones Norte/Sur y el lugar ideológico desde donde se piensa y se construye América Latina como el espacio irrenunciable de una otredad sin la cual el “yo” que habla (que puede hablar, como indicaba Spivak) se descentra, se desestabiliza epistemológica y políticamente?”

(descentrado) nos ajuda a pensar as línguas de outra forma.”
(SANTOS, 2009, p. 76)

Essa condição subalterna e as insurgentes contrarrespostas são fragmentos dos Estudos Culturais, que na sua maturação já demonstram a possibilidade de alternativas para escapar dos projetos e soluções de Primeiro Mundo, e (re)ver as internalidades distintivas do Sul Global. “Neste contexto, a importância da revisão de um conceito como o de cosmopolitismo parece inegável inclusive por suas potencialidades de aplicação como uma terminologia muito mais precisa e aceitável que “relativismo cultural” ou “internacionalismo”.” (PRYSTHON, 1998, p. 02) Essa visão cosmopolita está em constante mudança e a periferia ganha uma ótica modificada a partir do foco de suas relações com diferentes campos de análise, vivências e deslocamentos:

“Uma conceituação contemporânea do cosmopolitismo tem que levar em conta os seguintes fatores: 1) uma nova configuração urbana que torna caduca a noção da vivência da cidade como base do cosmopolitismo: algumas das maiores metrópoles do mundo não estão no centro, mas na periferia — Cidade do México, Jacarta, São Paulo, Istambul; 2) a dissolução do chamado Segundo Mundo; 3) a emergência dos países asiáticos como potências econômicas; 4) a hibridização cultural da maioria dos países periféricos e especialmente dos países centrais (embora, simultaneamente veja-se o crescente isolamento cultural de alguns países muçulmanos); 5) a diáspora dos intelectuais da periferia para o “Primeiro Mundo”; 6) o avanço gigantesco das redes de comunicação: canais de tv a cabo, conglomerados da imprensa abrangendo vários países e, fundamentalmente como maior revolução, a Web, a Internet. Estes seriam os principais elementos para que se fundem novos parâmetros para as culturas periféricas.” (PRYSTHON, 1998, p. 02-03)

As instâncias para se comunicar, mediar resgates, e até estar (presença de si), todas são variadas. Os estudos kwir a partir do subalterno é a noção de dimensionar a fuga dos binarismos em união às exclamações das condições de sobrevivência (demonstrando algo que não está somente nas resoluções ou percepções do Norte Global). E é uma luta constante para que não seja, ou é dada a vitória ao universalismo, e a morte das figuras que abarcam essas quebras de conceitos em outros locais (principalmente os *undergrounds*⁴⁰), de acordo com

⁴⁰ “O Underground representa todo um cenário capaz de abraçar e confortar vários movimentos e tribos. E há o momento que o Underground se torna uma cena musical complexa, onde artistas independentes podem apresentar seus materiais para o público. Serve para representar um estilo, uma pose, uma imagem adotada por jovens e seus grupos.” (OLIVEIRA, Bruno Pereira de. *A cultura punk e o underground: um estudo no cenário de duas cidades do interior paulista*. 2014. 106 f.

recortes que superam as limitações da mentalidade terceiro-mundista, mas que também deve se atentar para a não generalização. “O conceito de subalternidade não é novo no imaginário latino-americano. No discurso dos libertadores - discurso “autorizado” pela legitimidade da práxis política - o termo aparece incluído para se referir aos despossuídos e marginalizados pelo regime colonial, mas a conotação difamatória do termo impede que ele seja usado como uma interpelação dos vastos setores aos quais o utopismo da emancipação deve abraçar.” (MORAÑA, 1998, p. 219, tradução nossa)⁴¹ Por isso, a ocorrência de tornar termos positivados e utilizar de recursos como o *essencialismo estratégico*⁴², tornando-o método de sobrevivência e ação política.

A principal intervenção a ser dada sobre a discussão de quem melhor detém a atribuição científica das teorias dá-se no *confronto*. Nele, é possível resgatar a mentalidade de que independente do corpo que se habita, há condição de pensamento, e que as interferências causadas pelo tempo-espço não mensuram a qualidade da produção (e sua assertividade). Muitas e muitas vezes são essas transições repentinas que enriquecem as análises, contextos e dados elaborados/levantados, tal como na proposta kquir, que vigora seu processo discursivo mediado contra a normatividade, sendo assim, quem escreve/lê e age expõe/detecta o sangramento e fortalecimento das diferentes armas contra o tabu e o considerado costumeiro. Com isso, a pertinência do contexto está na potência da voz - que é o resgate simbólico e linguístico da memória acerca de uma visão sobre um apagão coberto por outras influências - e não simplesmente uma obsessão por sistematizar o gênero e binarismos para dentro do complexo do conhecimento.

Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2014. Disponível em: <https://repositorio.ufscar.br/handle/ufscar/2737>. Acesso em: jul. 2022).

⁴¹ “*El concepto de subalternidad no es nuevo en el imaginario latinoamericano. En el discurso de los libertadores - discurso “autorizado” por la legitimidad de la praxis política - el término aparece incluido para hacer referencia a los desposeídos y marginalizados por el régimen colonial, pero la connotación denigratoria del término impide utilizarlo como interpelación de los vastos sectores a los cuales debe abarcar el utopismo de la emancipación*”.

⁴² “É possível evitar as armadilhas do determinismo histórico ou da imutabilidade estereotipada mesmo ao usar o essencialismo de forma prudente e conscienciosa. Spivak chama o uso tático e intencional da tipologia essencialista de “essencialismo estratégico”: “um uso estratégico do essencialismo positivista com um interesse político escrupulosamente manifesto” (SPIVAK, 1996)”. (BAHRI, Deepika. Feminismo e/no pós-colonialismo. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, 21(2): 670-671, maio-agosto/2013. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ref/v21n2/18.pdf>. Acesso em: ago 2018.)

Sobre esse impulso da memória, é importante ressaltar que “adquire grande importância nesta busca de entendimento do ato de tornar visível o próprio processo de metamorfose.” (TRINDADE, 2016, p. 05) Além de, com artimanha, capacitar o prospecto de resgate de situações que sabemos terem sido encobertas através de circunstâncias arbitrárias, repletas de alusão à dimensão da barbárie. “Essas marcas se configuram em rastros e nos desafiam a sentir o que vemos para compreender as mudanças estéticas e políticas da contemporaneidade, seja através de suas origens nas cidades, nos corpos e no próprio ar que respiramos.” (idem, ibidem, p. 08) São passagens que, mesmo pouco refletidas, nunca foram perdidas, sempre estiveram presentes de alguma forma, entretanto, sem grandes contribuições de se apresentarem, algo que tem sido posto em cheque, principalmente na proposta interseccional.

E criamos a possibilidade de criticar e repensar diretamente isso:

“A centralidade do conhecimento (da informação, da produção do conhecimento e de sua difusão) e a implícita mudança da concepção de conhecimento parecem ser uma ideia para a qual convergem todos os discursos, todas as propostas, todos os chamados atores sociais. Afinal, não se pode negar que o impacto da globalização, associado à revolução tecnológica, impõe um novo padrão de conhecimento: menos discursivo, mais operativo; menos particularizado, mais interativo, comunicativo; menos intelectual, mais pragmático; menos setorizado, mais global; não apenas fortemente cognitivo, mas também valorativo. (MIRANDA, 1997: 41)⁴³

Nos traz a cisma das reações inquietantes, afinal quanto mais operativos (o que agrava as trocas), interativos (devido a uma proposta universalizante de englobamento das relações), pragmáticos (no sentido de “tapar os olhos” e/ou dar resoluções baratas para os problemas que se expandem na América Latina, por exemplo), mais globais (tratando tudo sistematicamente por um procedimento não individualmente interpretado e desconsiderando as diferenças circunstanciais), e valorativo (que denota uma constante atribuição de valor que não permite uma noção de qualificação, mas sim de quantificação de corpos, vidas e elaboração da divisão do trabalho marcado pelo neoliberalismo). Isso constrói uma quebra de

⁴³ MIRANDA, G. M. Novo Paradigma do Conhecimento e Políticas Educacionais na América Latina. Cadernos de Pesquisa, São Paulo: Cortez/FCC, 1997, pp. 37-48. Disponível em: <https://publicacoes.fcc.org.br/cp/article/view/766/778>. Acesso em: jul. 2022.

diálogo inicialmente, mas se refaz em segundo plano, por sua agilidade, pelo seu não pertencimento controlador, diferente do que impera a lógica da propriedade privada. É a atitude epistemológica e metodológica que ganha lugar para os atritos, para ações de contestação, algo que exterioriza o compartilhamento e se torna ferramenta colaborativa (mesmo tendo viés - dependendo das ocasiões de encontro - para ser arma de dominação, afinal a linguagem possui seus fins de Poder), porém, também tem todas as oportunidades para se fazer alicerce para maturação pessoal, intelectual, social, fomentando os vínculos.

Designa, em vista disso, a consequência da coragem. Para retomar essa esfera de enunciação, ou seja, sair da zona da subalternidade e deixar claro que pode agir, pensar e ter as orientações motivadoras em movimento, expressando-se das mais diferentes formas, ainda mais em relação aos Estudos Quyr; é emergencial reinventar-se nas mais diversas propostas de elaboração e envolvimento. Isso está na estética antifascista, na tradução de materiais, na contribuição construtiva de uma Nova História e de um novo “si”, sem perder o meio de resgatar memórias, sentimentos e reavaliações.

2.3 REINVENTAR-SE: *uma diferença incômoda*

Figura 9 – Trabalhadores e trabalhadoras LGBT+ em manifestação pública contra a ditadura civil-militar brasileira, lutando por sobrevivência e contra a discriminação



Fonte: averdade.org.br / Foto: Reprodução/Arquivo

Levando em consideração todo um retrato influente, que apresenta esse aval do confronto enérgico para ocupar os diversos espaços com efetividade e fazer disto uma reinvenção em diferentes estâncias na travessia da fronteira, vários aspectos críticos, principalmente na América Latina, expõem os limites da lógica do aceitável, da violência e do heteroterrorismo. Anzaldúa elucida sobre esses limites - abordando um entendimento identitário -, dizendo:

“Identidade não é um monte de cubículozinhos abarrotados respectivamente com intelecto, raça, sexo, classe, vocação, gênero. Identidade flui entre, sobre aspectos de uma pessoa. Identidade é um rio – um processo. Contida dentro do rio está sua identidade, e ela precisa fluir, mudar para continuar um rio – se parasse seria um corpo de água contido, como um lago ou um tanque. As mudanças no rio são externas (mudanças no ambiente – leito do rio, clima, vida animal) e internas (dentro das águas). O conteúdo de um rio flui por entre suas margens. Mudanças na identidade, da mesma forma, são externas (como outras/os percebem alguém e como alguém percebe outras/os e o mundo) e internas (como alguém percebe a si mesma/o, autoimagem). Pessoas em diferentes regiões nomeiam as partes do rio/pessoa que veem.” (ANZALDÚA apud BRANDÃO et al., 2017: 411)

Esse pensamento configura um panorama para imaginar vidas a partir da marginalidade e do descontínuo, sem a docilidade das aceitações resilientes como efeito. Sabemos que é incontestável a precisão de abordar questões e pautas LGBTQIAPN+, nunca negando a presença de lutas e direitos para um legítimo senso de sobrevivência.

Entretanto, a entrada do Q como sigla é uma problemática contraditória, pois foge da proposta de uma não-identidade demarcada, como previamente discutido e relatado no subcapítulo 1.2. Principalmente quando favorecida pelas mãos do Estado, o que leva ao pensamento de um olhar recém-comprado pela lógica assimilacionista e inaugura um questionamento: tornou-se ou está se tornando o kuir uma identidade inamovível?

Hoje, diferentes fontes apresentam detalhes informativos e os registros de violências verbais e físicas ou fatais como base demonstrativa de mortalidade LGBTQIAPN+ no Brasil e no mundo. O agravamento disso, examinando de um maior ângulo, sonda esse relacionamento latino-americano com os estranhos, com esses Outros do Outro, observando a ressonância a respeito da tratativa inumana circunscrita pelas motivações enraizadas, como a *masculinidade autêntica*⁴⁴, que leva às situações de extrema força em torno das configurações de um novo patriarcado e modelações funcionais do machismo e da misoginia, tornando concretista as situações de viés abstrato, relativo, intercontextual, (auto)narrativo, portanto, aprimorando as tecnologias complementares em função de estereótipos, justificativas com ações destrutivas e um constante ciclo da linha tênue entre o tolerável e o irascível.

Essa demonstração genuinamente nos revela que, mesmo sobre as dimensões estatais, com suas cartografias em prol da segurança, da assistência, do recurso da cidadania, das políticas públicas protecionistas, das incorporações heteronormativas e performáticas, permanece nítido o extermínio dos sujeitos latino-americanos que reconhecem alguma orientação e/ou identidade sexual e

⁴⁴ Consultar o Capítulo 1 de “QKCUIER... Uma Indefinição!” na íntegra para entender detalhes sobre o funcionamento dos processos masculinos que compõem regimentos e *hermandad* tóxica na figura do “Outro” masculino que regula o seus “Outros” antagônicos não-masculinos.

lutam/militam em prol dela. Na contrapartida, intensamente pior àqueles que vão além de uma dimensão do coerente e correto pelos detalhismos da moralidade, do olhar de criticismo, uma vez que destrói nas constantes saídas, impactantes fugas da normalidade – é nômade, é um *ciborgue*⁴⁵. Impossível, ainda, pensar que tal reinvenção não teria uma consequência socialmente, politicamente, cientificamente e até academicamente. Faz parte do retrato da reinvenção reconhecer cuidadosamente muitas maneiras que são e devem ser mais radicais, afinal o contexto kuir lida com a explosão de gênero, novos desejos à sexualidade, menos explicações sobre o sexo, mais interrogações sobre a vida e seu funcionamento. É colocar tudo à prova, e com isso sair do grau da cegueira para um despertar delicado e fascinantemente incômodo. E é incômodo, porque desconstruções acontecem, ou precisam acontecer, para abandonar tudo aquilo que a cultura reproduz com constância, desde o tabu ao conservadorismo, até noções de comportamento e performatividade, que não se moldam apenas sob aspecto de convivências abertas, mas em situações de intimidade tanto quanto. Essa viagem que elabora-se com vitalidade própria, a qual podemos nos fundir, ou simplesmente entrar por acidente, ou conflituosamente, anuncia as diferenças (fora da equação neoliberal), e possibilita diferenciar massa de *multidão*. A massa está no volume, na homogeneidade, enquanto as multidões⁴⁶ são potências de diferenciações, que invocam a pulsação, permitindo apontar a falha do unitarismo (da existência de um Eu sem influências, sem trânsito), levando a reflexão da união de trocas (sem deixar se conduzir por uma ideia de irmandade iluminista, mas que, de fato, propicie diálogos não centralizados) e da separação, quando necessário (para refletir as especificidades de si, de questões particulares, mas que não se perdem dessas

⁴⁵ “Um ciborgue é um organismo cibernético, um híbrido de máquina e organismo, uma criatura de realidade social e também uma criatura de ficção. [...] Por fim, somos ciborgues, porque não podemos mais apontar onde terminam as máquinas e começam os humanos e vice-versa.” (HARAWAY apud CHIODI; REPOLÊS, 2015, p. 101).

⁴⁶ “Não há diferença sexual senão como uma multidão de diferenças, uma transversalidade das relações de poder, uma diversidade das potências de vida. Estas diferenças não são “representáveis” dado que são “monstruosas” e põe em questão, por isso mesmo, não só os regimes de representação política, senão também os sistemas de produção de saber científico dos “normais”. Neste sentido, as políticas das multidões queer se opõem tanto as instituições políticas tradicionais que se apresentam como soberanas e universalmente representativas, como às epistemologias sexopolíticas heterocentradas que dominam, todavia, a produção da ciência.” (PRECIADO apud SANTOS, Kwame Yonatan Poli dos; DIONISIO, Gustavo Henrique. Pelo direito de ser um monstro. *Artefactum*, v. 1, n. 5, 2013, p. 08. Disponível em: <http://hdl.handle.net/11449/127232>. Acesso em: jul. 2022.)

trocas, apenas agregam ao campo das ideias), sempre deixando fluir em momentos dissemelhantes.

“Questionar sobre o que nos faz seres humanos, quais as normas e os requisitos que cumprimos para gozarmos deste *status*, é, simultaneamente, perguntar o que faz com que alguns de nós não sejam tão humanos assim. É perguntar sobre as formas de vida que são menos legítimas ou até mesmo ilegítimas dentro da inteligibilidade de nossa ontologia, ontologia esta sexo-genericamente normatizada.” (CHIODI; REPOLES, 2015: 97)

Cabe aqui levarmos em consideração o impacto às consideradas *vidas nuas*, pois trata-se de uma “vida sem valor ou indigna de ser vivida [...], uma vez que não tem direitos e nem relevância à sociedade e ao poder.” (CASTRO, 2018, p. 12)⁴⁷ Ao mesmo tempo, [...] “há a configuração da biopolítica, isto é, uma política de segregação sobre a vida.” (idem, ibidem, p. 11) Com os estudos cuir/Transviadys, foi possível articular uma análise sobre esses alvos, essas marcas (quase *neon*) nos corpos, operar contestamentos e quais são as motivações às aceitabilidades, e os percursos para contradiscursos e despatologizações, quebrando com os determinismos científico-biológicos e culturais.

“Nos estudos transviados os discursos médicos passam a ser analisados como engrenagens discursivas que limitam a existência da diversidade dos desejos, dos gêneros, das sexualidades ao âmbito das estruturas fixas corpóreas. E assim se estabelece uma disputa epistemológica onde o corpo passa a ser um significante com múltiplos significados, uma estrutura estruturante em permanente processo de transformação.

Os cromossomos, hormônios, estruturas cerebrais, “diferenças naturais” entre homens e mulheres, são inseridos em contextos sociais e políticos onde a própria noção de corpo natural é posta em suspeição. Questões como: O que diferencia o homem da mulher? São recolocadas em outros termos: O que é um homem e uma mulher? Para que serve este lugar de gênero? Só é mulher quem tem um útero?” (BENTO, 2014: 49)

A sagacidade do kuyr decolonial em aprofundar sobre as diversidades dos desejos também ganha espaço como obra de reinvenção e presencia um dano à lógica monogâmica, heterossexualizante, unicamente reprodutora, distanciada de

⁴⁷ CASTRO, André Giovane de. Estado, punição e vida nua: o poder disciplinar penal e o controle biopolítico de privação de direitos na prisão. In: *I Congresso Nacional de Biopolítica e Direitos Humanos*. 2018. pp. 01-14. Disponível em: <https://publicacoeseventos.unijui.edu.br/index.php/conabipodihu/article/view/9274/7938>. Acesso em: jul. 2022.

um prazer de si ou colaborativo. É outra amostra do incômodo ao que seria ou é visto como perverso, obsceno, devasso, promíscuo, impróprio, e associado ao extremismo pornográfico. Cria-se uma importância além da regulação do sexo, mas quais corpos se sexualizam, por quais vias, com quais intenções, e o que experienciam de novo a partir do momento que quebram as barreiras do usual sexual e liberam uma nova articulação de suas práticas. E na especificidade latinoamericana, a hiperssexualização⁴⁸ faz parte de um panorama corpo-capital profusamente justificado, criando versões de realidade e tornando a condição de ser Outro, algo também animalesco e depravado. E essas práticas extravagantes - aos olhos do Ocidente, ao menos -, entram em acordos e tratativas entre as pessoas envolvidas, estabelecendo outras formas oportunas de envolvimento, que vão do sexo a três (ménage), a quatro (swing) ou grupal (orgia, bacanal), até resoluções voluntárias de amizades coloridas⁴⁹, curtição, entre outros formatos acordados para envolvimento sem conexão direta com algo fechado, exclusivo e moralmente concebível (como o BDSM).

Além disso, é com esses esquadrinhamentos transviados que daremos evidência à arte-paródia *drag* e *crossdressing*⁵⁰, a presença trans/travesti/intersexual como arma de combate contra naturalismos e heranças culturais, além da incessante presença médico-psiquiátrica para reformulações que distanciam as autodeterminações, enterrando na cova a patologização e intensificação do binarismo. “Daí o incômodo em pensarmos em termos de “identidade de gênero das pessoas trans” [ou uma ‘compreensão transformista’ definitiva ou ‘órgão definidor’], quando o que se observa nas interações do mundo da vida é uma multiplicidade de arranjos resultado do cruzamento complexo dos marcadores sociais da diferença. O

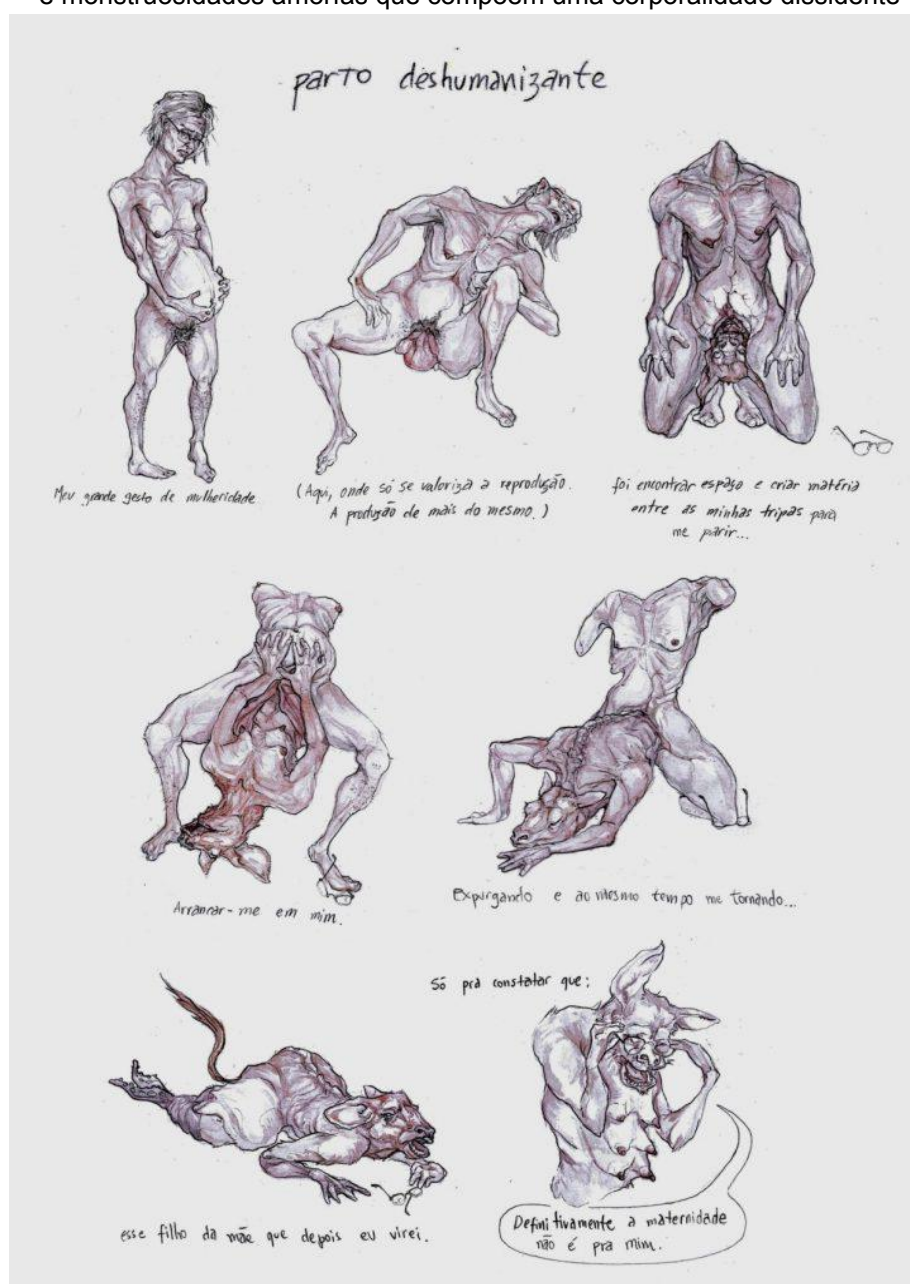
⁴⁸ Torna-se uma característica exótica ao padrão latino, pois articula uma construção em torno do corpo que é propício a tal situação, seja pelas suas considerações físicas (por exemplo, o falocentrismo discursivo no caso “masculino”) e a interpretação de uma sensualidade imaginária.

⁴⁹ Trata-se de estabelecer amizades envolvendo “benefícios” (práticas sexuais), sem intervenções de contextos/relações vigilantes e estritas ou compromissos quase-matrimoniais e cobranças conjugais monogâmicas em torno dessa forma de se relacionar.

⁵⁰ “Crossdressers: são os indivíduos que se vestem e agem como o sexo oposto ao seu. Neste caso, são homens que esporadicamente usam roupas femininas por motivos relacionados com sua libido ou pulsões sexuais.” (BELLO, Caio Henrique Costa; DE ROJAS, Isadora Matsuda Sanchez; ZANNI, Pedro. Conta pra ela!. Revista Brasileira de Casos de Ensino em Administração, [S.l.], p. c9, jul. 2014, p. 04. Disponível em: <http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/gvcasos/article/view/27010>. Acesso em: jul. 2022)

que significa afirmar que antes de ceder à tentação de construir modelos explicativos gerais (ou de longo alcance) o mais eficaz seria pensar as práticas dos sujeitos em contextos concretos onde classe social, religião, região, raça/etnia, geração/temporalidade, nacionalidade/espço, sexualidade e outros possíveis marcadores sociais da diferença (Brah, 2006) se articulem.” (BENTO, 2014, p. 55-56)

Figura 10 – Quadrinho ‘Parto Deshumanizante’ do livro *Monstrans: experimentando horrormônios* de Lino Arruda - artista transmasculino brasileiro -, que trata sobre animalidades híbridas, seres fantasmagóricos e monstrosidades amorfas que compõem uma corporalidade dissidente



Fonte: Revista OGrito!

É retirar a noção de vidas nuas (a falta de amparos autogestionados), anular a subalternidade que vem impregnada ao *projeto latino* durante tanto tempo, e lembrar - aquém de uma cegueira ideológica de ismos - da busca desses seres “pelo reconhecimento social de sua condição humana”. (idem, ibidem, p. 51) Equivale a uma briga contra os efeitos do convencimento sobre algo verdadeiro, afinal: o que deveria significar sentimentos masculinos e femininos em um infinito de constantes socializações modificáveis que sofrem de suposições e idealizações sobre papéis de comportamento?

O hábito da localização e percepção confortável é cem por cento mais cômodo. Olhar, identificar, dar um nome, um significado, uma retribuição equivalente ao juízo de valor feito, isso em qualquer parte do mundo - além de um retrato latinoamericano -, é indubitável. O desconhecido, ao ter mais chances de se modificar, se reinventar, se fazer algo a mais do que o esperado, origina uma contrapartida, inclusive antropológicamente extra, já que o renovado processo antropológico tem por exercício descrever outros mundos, facilitando a experimentação e a análise do presente e futuro, afastando-se da aparência de uma leitura somente do passado. É um momento para descrever o apreço de corpos em brasa, falando línguas de cobra e agindo decolonial pelo hoje e o amanhã. “Somente a partir do corpo é que podemos nos posicionar no mundo: ouvir, falar, sentir o gosto do alimento, cheirar, sentir o tato das coisas, nos relacionar com os outros e, principalmente, pensar. O corpo, portanto, como parte de um projeto político, precisa ser afirmado, precisa tornar-se visível, precisa recuperar sua resistência ontológica.” (BERNARDINO-COSTA, 2016, p. 516)⁵¹

A interrogação como parte de um contexto contribuinte em estudos e atitudes promovidos na América Latina também pode ser vista como um incômodo. Entretanto, o que seriam dos locais/pessoas/contextos marginalizados sem causar incômodos? Quais seriam os impactos dessa resiliência, levando em consideração que a presença da violência ainda é um tópico agravante no Sul Global? De fato, seria validar a concepção de um papel euro-estadunidense influente, tanto em linguagem como em representatividade, quanto aceitar uma posição central que

⁵¹ BERNARDINO-COSTA, Joaze. A prece de Frantz Fanon: Oh, meu corpo, faça sempre de mim um homem que questiona! *Civitas - Revista de Ciências Sociais*, v. 16, n. 3, pp. 504-521, 2016.

desconsideraria uma participação (sequer minimamente simbólico-democrática, ainda assim) de uma escrita da memória, da História e de como teorias podem soar distante dos seus locais de origem (como nessa abordagem não-binária). É dar a chance de escritas/leituras que não são duramente frias (acadêmicas), porque embalam somente uma característica da racionalidade; é dar um outro toque, assim como a escrita anzaldiana, para uma elaboração próxima, de carne, osso e fluidos, que cause uma sensibilidade expressiva, que convoque demônios para mais perto e abra os olhos, as pregas e motive possibilidades. “Leitorxs queers querem interagir, repetir em resposta ou refletir ou espelhar, mas também mais que só refletir em resposta e espelhar – adicionar ao diálogo.” (ANZALDÚA apud BRANDÃO et al., 2017, p. 413) É apresentar os graus de dificuldade em percorrer por dentro da *frontera*, exibindo o medo em estar ali, sempre maior ou menor dependendo dos passos dados, de quais forças são atadas ou desfeitas, de quais estradas foram percorridas, de que expectativas se quis fomentar ou negar a partir da prática e experiência.

Essas percepções de si contribuem para um ativo engajamento sociopolítico, resultando na resistência por um viés de ações diretas. Elas aparecem no momento onde os muros, o anatômico e o Estado são jogados à sua própria fogueira, abrindo portas a uma relação antropofágica da Teoria, fugindo de uma tradução literal que impera a cartilha de execuções, dando acesso ao ameaçador carnavalizado. É, deste modo, destronar prenoções e mastigar o imprevisível. É criar uma verdadeira bomba, que pelo meio coletivo, consiga ultrapassar as barreiras pela cooperação, explodindo o dispositivo da sexualidade - que ousa operar em torno de seus limites -, e a intenção é cruzá-los.

Persiste na América Latina produções e invenções de táticas que permitam burlar a sistemática da morte e construir potências de sobrevivência no mundo, sempre a duras penas, porém ser perder a alegria e os afetos que complementam sentimentos eufóricos de autonomia e movimentação.

O mover-se é uma das áreas de estudos decoloniais de Achille Mbembe. Através de seu pensamento sobre não focar somente na Necropolítica, mas como manter-se viva/e através do movimento, o próximo capítulo possui um

aprofundamento sobre o autor, trechos dessa teorização, entre outros recortes favoráveis à contextualização sobre reflexões do necropoder, introduzindo a dimensão além-morte, contraconduta à morte e o vínculo da sociabilidade, associando essas ideias ao objetivo desta pesquisa em burlar a morte a partir de saberes libertários cuiryzades, associando também no capítulo 4 uma conexão dialógica à metodologia fronteira de Gloria Anzaldúa.

3. A AMPLITUDE DE MBEMBE

Figura 11 – Fotografia de Achille Mbembe



Fonte: Revista CULT - UOL

Achille Mbembe nasceu na República dos Camarões em 1957. Hoje, professor de História e de Ciências Políticas do Instituto Witwatersrand, em Joanesburgo, África do Sul. Autor de livros como *'Sair da Grande Noite'* (2010) e *'Crítica da Razão Negra'* (2013), traz contribuições pontuais acerca de temas como: neocolonialismo (a partir de um contexto que avança ao neoliberalismo), escravidão dos povos de África, negritudes politizadas e decolonização (fazendo um processo contrahegemônico detalhado a partir da noção de História Universal), entre outras temáticas muito importantes, impactantes e sensíveis.

Abordar o pensamento mbembeano é fluir em uma jornada de várias reflexões profundas e tocantes. Uma delas trata-se da compreensão histórica - a partir de Franz Fanon - acerca da criação do conceito de raça/racialidade como constructo da modernidade burguesa provinda da exploração de pessoas pretas até a consolidação do racismo no século XIX por meio das questões complexas do capitalismo, pactos capitais, relações do homem cis-hetero branco com seu *ipse* e transformações sociais até os dias atuais.

Pensando o próprio Fanon, pensador fundamental sobre questões da colonialidade e poder, que em sua própria autonarrativa enquanto pessoa preta e entendendo a negritude como posição política de existência, mas vivendo os conflitos de sê-lo numa sociedade embranquecedora, higienista e racista, traz essa reflexão a nós em seu livro '*Pele Negra, Máscaras Brancas*':

"Eu era ao mesmo tempo responsável pelo meu corpo, responsável pela minha raça, pelos meus ancestrais. Lancei sobre mim um olhar objetivo, descobri minha negritude, minhas características étnicas, – e então detonaram meu tímpano com a antropofagia, com o atraso mental, o fetichismo, as taras raciais, os negreiros, e sobretudo com "y'a bon banania".

Nessa época, desorientado, incapaz de estar no espaço aberto com o outro, com o branco que impiedosamente me aprisionava, eu me distanciei para longe, para muito longe do meu estar-aqui, constituindo-me como objeto. O que é que isso significava para mim, senão um desalojamento, uma extirpação, uma hemorragia que coagulava sangue negro sobre todo o meu corpo?

[...]

Na América, os pretos são mantidos à parte. Na América do Sul, chicoteiam nas ruas e metralham os grevistas pretos. Na África Ocidental, o preto é um animal. E aqui, bem perto de mim, ao meu lado, este colega de faculdade, originário da Argélia, que me diz: "Enquanto pretenderem que o árabe é um homem como nós, nenhuma solução será viável". (FANON, 2008: 105-106)

A contemporaneidade permite que Mbembe aprofunde essa reflexão fanoniana, posicionando à larga escala: a escala planetária da *zona do não-ser*, onde o colonialismo se reinventa constantemente em novas tecnologias (que se camuflam ao máximo sob detalhes, por vezes sutis) para produção de um ódio semiótico, porém sem perder seu caráter estrutural violentamente posto na construção de Outros sem racionalidade, sem consciências de si e sem existências sociais, na qual pode ser reconfigurado/remodelado pelos discursos neoliberais.

Em entrevista ao jornal norueguês Klassekampen, destinada ao jornalista Torbjørn Tumyr Nilsen e disponibilizada virtualmente na íntegra, Mbembe discorre sobre esse assunto e também acerca da *decolonização*:

"Nilsen: Ao usar o termo "escala planetária" aqui, entendo que você vê esse movimento de decolonização como importante também em escala global?

Mbembe: Estou argumentando que para que a ideia de decolonização se torne verdadeiramente uma força política,

teórica ou estética em escala global, uma série de condições devem ser atendidas e muito trabalho ainda precisa ser feito. Por enquanto, é principalmente uma aspiração legítima e, em alguns casos infelizes, um discurso compensatório.

A decolonização nunca significou o retorno a alguma egosfera ou a alguma auto-imagem eletiva que proporcionaria uma identidade estável, proteção, segurança e, eventualmente, imunidade a um eu em apuros. A busca por segurança e imunidade e o medo do risco, tão típicos desta idade, não fazem parte, digamos, do léxico de decolonização de Frantz Fanon, que trata de passar por um julgamento, ou mesmo enfrentar uma provação.” (MBEMBE, 2019, *tradução nossa*)⁵²

“*A quem pertence a Terra?*” - questiona Mbembe na entrevista, justamente pelo olhar ativamente acerca dessa palavra central: *pertencer*. Isso é algo instituído por uma narrativa hegemônica em torno do Sul Global. Séculos a fio de exploração construindo a identidade branca (vulgo, branquitude) enquanto projeto racional, contratual e institucional, fundamentando justificativas inúmeras para derramar sangue dos que possuem valor abjeto, nulo. Tudo se torna elemento experimental: o BBB⁵³ do bestial, primitivo, objeto de grande fascínio ao mesmo tempo que causa repulsa e vive um *continuum* exploratório absoluto sem reciprocidade. O lado de cá do mapa repleto por mundos não europeus colocados numa mesma massa cultural homogeneizada e comprimida ao título de não civilidade, logo, significações abstratas, especulativas e demarcadas territorialmente no universalismo.

O autor explicita isso em seu texto *O tempo que se move* no que diz respeito à visão eurocêntrica em relação ao continente africano:

“[...] quer no discurso vulgar ou quer nos enunciados pretensamente científicos, o continente é a figura mesma do

⁵² “Nilsen: By using the term “planetary scale” here, I take it that you see this decolonisation movement as important also on a global scale?”

Mbembe: I am arguing that for the idea of decolonisation to truly become a political, theoretical or aesthetic force on a global scale, a number of conditions must be met and a lot of work still needs to be done. For the time being, it is mostly a legitimate aspiration and, in some unfortunate instances, a compensatory discourse.

Decolonisation never meant the return to some egosphere or to some elective self-image that would procure a stable identity, protection, safety and security and eventually immunity to an embattled self. The search for safety and immunity and the fear of risk so typical of this age is not at all part of, say, Frantz Fanon’s decolonisation lexicon which is all about undergoing a trial, or even facing an ordeal.”

⁵³ Menção ao programa televisivo *Big Brother Brasil* (TV Globo), a qual os participantes são vigiados 24 horas por dia dentro de uma casa por meio de câmeras espalhadas nos ambientes, que inclui foco em suas privacidades e intimidades para fins de entretenimento.

estrangeiro para si mesmo. Ele é similar ao “Grande Outro” do qual Lacan evocava a inacessibilidade. Nesta extremidade da terra, a razão seria submissa a um processo permanente, e o desconhecido teria atingido seu ponto máximo. Figura acéfala ameaçada de loucura e estranha a toda noção de centro, de hierarquia e de estabilidade, a África seria esta imensa caverna tenebrosa onde viriam se embaralhar todas as referências e todas as distinções, e se revelariam as fendas de uma história humana trágica e infeliz: desordem de semicriação e de incompletude, estranhos signos, movimentos convulsivos, em resumo, abismo ilimitado no oco do qual tudo é feito sob a forma do tumulto, do desprotegido e do caos primordial.” (MBEMBE, 2015: 371)

Segue consoante à fórmula aniquiladora utilizada com criaturas anormais em torno da América Latina: os sem alma do catolicismo regenerador na época da catequização indígena. No princípio cristão onde tudo era verbo, aqui - terra de mitos e credices mundanas - a Criação era ficção divina sem finalidade. Visão estratégica de que “enrijecidas numa relação de puro imediatismo com o mundo e com elas mesmas, tais sociedades [as subalternas] seriam incapazes de enunciar o universal.” (MBEMBE, 2015: 372) Universalismo, esse, que ditou o que é o Homem (masculinidade), quem é o branco efetivamente (colorismo), quais são as correntes filosóficas legítimas (racionalismo/empirismo/materialismo), quem são os sujeitos considerados reais coexistindo (contratualismo/sujeito/indivíduo) e classificações para falar em nome dos e pelos diferentes.

“Na verdade, estamos em presença de um princípio de linguagem e de sistemas de classificação no qual *diferenciar* (*différer*) de alguma coisa ou de alguém, não é somente *não ser como* (no sentido de ser não idêntico ou ainda ser outro). É também *não ser de modo algum* (não ser). Mais ainda, é *não ser nada* (*neánt*).” (MBEMBE, 2015: 373)

No que se refere às correntes filosóficas, existe uma eminente particularidade científica e metodológica de entender essas ideias, principalmente no contexto de salientar conhecimentos, entendimento do pensamento humano, constituição das áreas do saber e manipulação/aproveitamento dos elementos da natureza para a vida moderna. No entanto, é claramente posto quem detém esses artifícios/habilidades, principalmente ao vermos as ciências naturais (biologia, química e física) como parte de uma explicação legitimada como contraposição à forma como os Outros primitivos utilizavam-se desses elementos, da qual o colonialismo garantiu um direito próprio de melhorar/aperfeiçoar tal uso, já que os colonizados não aproveitavam corretamente. Isso garantiu mecânicas de

usurpação/riqueza por meio da violência e extermínio, apropriações escancaradas das diversas matrizes culturais e uma empreitada salvacionista que deu face ao imperialismo (presente até hoje como Potências).

O próprio conceito de *América Latina* vem de um produto ideológico imperial que precisava determinar as hierarquias sociais - localizar os primitivos numa primeira instância e os não desenvolvidos como adição posterior - para uma questão estratégica de mapeamento que contribuísse com o cerceamento dos Outros povos (por mais acobertadas que possam ser as explanações para isso), pois o separatismo geográfico ancorado na demarcação é um empreendimento arquitetônico, uma vez que nomear dá Poder a quem ou ao que instrumentaliza e elege os atributos como legítimos.

“No que se refere a origem conceitual do termo, o mesmo é tema controverso na literatura, de modo que não há apenas uma única interpretação, mas sim, diversas. Contudo, ressalta-se, num primeiro momento, que grande parte da literatura histórica estrangeira contemplava a região a partir de visão negativa e até mesmo discriminatória em relação ao seu povo, sua cultura ou aspectos geográficos.

Tal postura, aliada ao não reconhecimento da identidade da região pelas nações colonizadoras era visto como um problema por parte de intelectuais nacionalistas. Este paradigma, entretanto, perdurou por várias décadas do século XIX e a quem diga, que ainda persista na atualidade em países colonialistas, porém, assumindo proporções mais singelas em relação aos posicionamentos mais enfáticos da época.

Do ponto de vista histórico o termo América Latina segundo aponta Bethell (2009), é essencialmente de origem francesa derivado da terminologia “*Amérique Latine*”, sendo utilizado primeiramente por intelectuais franceses em meados do século XIX, para justificar o imperialismo francês no México sob domínio de Napoleão III. No entanto, Napoleão III segundo aponta Morse (1988), utilizou o termo América Latina quase quatro séculos após a descoberta das índias ocidentais como parte de um discurso “geoideológico” para uma suposta unidade linguística, cultural e racial dos povos latinos em contraposição aos germânicos, anglo-saxões e eslavos.” (SOUZA, 2011: 31)⁵⁴

Considerável, nesta instância, contrastar o colonialismo/colonialidade também com a relação capital em seus fundamentos arraigados, pois é parte do projeto imperialista garantir que os não-brancos adotassem (e adotem ainda por

⁵⁴ SOUZA, Ailton de. América Latina, conceito e identidade: algumas reflexões da história. *PRACS: Revista Eletrônica de Humanidades do Curso de Ciências Sociais da UNIFAP*, v. 4, n. 4, p. 29-39, 2012.

novos meios) categorias verticalmente essencializadas num processo de internalização, modelação e administração da vida, do corpo e até da alma/espírito. Ou seja, reconhecer e comprar a ideia incontestável de subordinação/subalternização/classificação como parte intrínseca e natural, já predisposta, como se não houvesse uma construção hegemônica de inferioridade por trás. O que contribuiu diretamente para a corrida econômica gananciosa de países europeus em busca de bens, afinal não é possível pensar o capitalismo sem o racismo e vice-versa, visto que aproveitaram da escravização, porte de armas letais (feitas por manipulação de agentes químicos como a pólvora), instauração do terror psicofísico e distanciamento comunicativo dos explorados (ao misturar vários povos de línguas e culturas distintas) supondo uma anti-organização prática contra tudo aquilo ou qualquer possibilidade de revolta ao condicionamento abusivo.

“No decurso da evolução dessas características do poder atual foram-se configurando novas identidades sociais da colonialidade – *índios, negros, azeitonados, amarelos, brancos, mestiços* – e as geoculturais do colonialismo, como *América, África, Extremo Oriente, Próximo Oriente* (as suas últimas, mais tarde, *Ásia*), *Ocidente* ou *Europa* (Europa Ocidental, depois). E as relações intersubjectivas correspondentes, nas quais se foram fundindo as experiências do colonialismo e da colonialidade com as necessidades do capitalismo, foram-se configurando como um novo universo de relações intersubjectivas de dominação sob hegemonia eurocentrada. Esse específico universo é o que será depois denominado como a *modernidade*.

[...]

Dentro dessa mesma orientação foram também, já formalmente, *naturalizadas* as experiências, identidades e relações históricas da colonialidade e da distribuição geocultural do poder capitalista mundial. Esse modo de conhecimento foi, pelo seu carácter e pela sua origem, eurocêntrico. Denominado racional, foi imposto e admitido no conjunto do mundo capitalista como a única racionalidade válida e como emblema da *modernidade*.” (QUIJANO, 2010: 74)

Além disso, Quijano (2010) evidencia o fato de que o Iluminismo ajudou a constituir desde o século XVIII uma concepção de *humanidade* bem delimitada. Quem é, de fato, esse humano? E o que hoje, quando falamos de *humanismo*, podemos articular? Linha imaginárias (na qualidade de arranjo) proporcionais às capitanias hereditárias. O que diverge é o fato da *demarcação*: enquanto de um lado, imaginário (falácia) é pensar o Outro como humano, no pacto colonial o imaginário (geoterritorial) está na demarcação política (a qual ainda existem lugares

declaradamente comandados por outros países sem aquela camuflagem de “apenas intervenções necessárias” mesmo sendo ex-colônia).

No que diz respeito ao Capitalismo, Quijano nos elucida que na sua versão “mundial o trabalho existe actualmente, como há 500 anos, em todas e cada uma das suas formas historicamente conhecidas (salário, escravidão, servidão, pequena produção mercantil, reciprocidade), mas todas elas estão ao serviço do capital, articulando-se em torno da sua forma salarial.” (QUIJANO, 2010, p. 79)

Mbembe, avançando degraus dessa discussão à atualidade ao reconhecer as propostas do capitalismo contemporâneo, fomenta as pretensões capitalistas dentro de um contexto neocolonial:

"Uma diferença importante é a escalada tecnológica que levou ao surgimento do capitalismo computacional em nossos tempos. Não estamos mais na era da máquina, mas na era do algoritmo. A escalada tecnológica, por sua vez, está ameaçando transformar todos nós em artefatos – o que chamei em outro lugar de “tornar-se-negro-do-mundo” – e tornar redundante uma grande parte do poder muscular em que o capitalismo se baseou por muito tempo. . Segue-se que hoje, embora seu alvo principal continue sendo o corpo humano e a matéria terrena, a dominação e a exploração estão se tornando cada vez mais abstratas e reticulares. Como repositório de nossos desejos e emoções, sonhos, medos e fantasias, nossa mente e vida psíquica tornaram-se a principal matéria-prima que o capitalismo digital visa capturar e mercantilizar.

[...] O capitalismo contemporâneo ainda depende de subsídios raciais. Mas as tecnologias de racialização tornaram-se cada vez mais insidiosas e cada vez mais abrangentes.”(MBEMBE, 2019, tradução nossa)⁵⁵

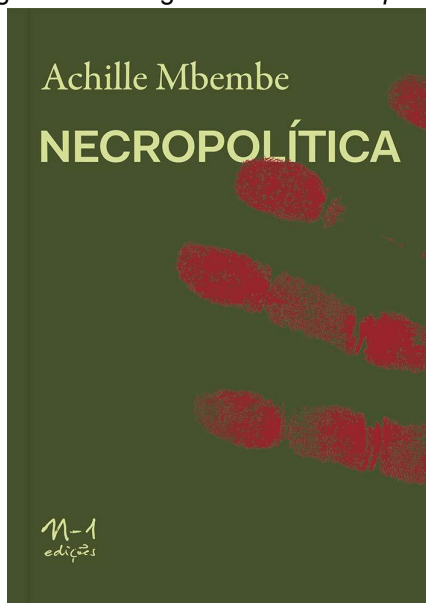
Esses avanços trazidos pelo autor abordam associadamente outro ponto importante nos aprofundamentos políticos mbembeanos: a *Necropolítica*.

⁵⁵ “An important difference is the technological escalation that has led to the emergence of computational capitalism in our times. We are no longer in the era of the machine but in the age of the algorithm. Technological escalation, in turn, is threatening to turn us all into artefacts – what I have called elsewhere “the becoming-black-of-the world” – and to make redundant a huge chunk of the muscular power capitalism relied upon for a long time. It follows that today, although its main target remains the human body and earthly matter, domination and exploitation are becoming increasingly abstract and reticular. As a repository of our desires and emotions, dreams, fears and fantasies, our mind and psychic life have become the main raw material which digital capitalism aims at capturing and commodifying.

[...] Contemporary capitalism still relies on racial subsidies. But the technologies of racialisation have become ever more insidious and ever more encompassing.”

3.1 NA PERSPECTIVA DA NECROPOLÍTICA

Figura 12 – Imagem do livro *Necropolítica*



Fonte: n-1edicoes.org

Um dos célebres tópicos de pesquisa de Mbembe está em seu livro *Necropolítica* (2018), cujos temas principais são: Biopoder, soberania, estado de exceção, política de morte. Um ensaio que “reside, em grande medida, no poder e na capacidade de ditar quem pode viver e quem deve morrer.” (2018, p. 05) analisando processos em evolução de instauração da violência e morte em relação aos corpos por meio das instituições, grupos sociais distintos e, principalmente, em relação a existência preta (mas que pode ser facilmente englobado no que classificamos por minorias societárias).

Entender a modernidade, segundo ele, é entender também as mecânicas da soberania se estendendo ao processo da Biopolítica⁵⁶ a partir de uma perspectiva foucaultiana, contudo englobando pontos importantes sobre colonialidade, escravidão e a própria política da morte como processo de ação estatal, controle,

⁵⁶ “[...] a “biopolítica”: eu entendia por isso a maneira como se procurou, desde o século XVIII, racionalizar os problemas postos à prática governamental pelos fenômenos próprios de um conjunto de viventes constituídos em população, saúde, higiene, natalidade, longevidade, raças... Sabe-se o lugar crescente que esses problemas ocuparam desde o século XIX e que desafios políticos e econômicos eles vêm constituindo até hoje.” (FOUCAULT, Michel. *Nascimento da Biopolítica*. Curso no Collège de France (1978-1979). São Paulo: Martins Fontes, 2008, p. 431)

dominação e instrumentos renovados em torno do racismo. O mesmo coloca que as colônias (p. 35) são esse local onde não há uma ordem judicial estrita, onde tudo é válido no âmbito da violência e que opera a serviço de um conceito de civilidade (dentro da lógica eurocêntrica de civilização exemplar) usando de exploração, violências, castigos, punições, extermínios, entre outras ferramentas para se assegurar enquanto base na pirâmide hierárquica de relações assimétricas.

Levando em consideração que a vida das pessoas não-brancas não tinha propósito, justamente por não serem consideradas vidas, era importante enquanto projeto de expansão mercantil-econômico-espacial mostrar que não podia haver comparações ou assimilarmos; é deixar explícito que são dois lugares posicionados e muito bem delineados sobre onde o sujeito branco e o abjeto animalesco ocupam seus corpos, o lugar de quem manda e de quem definitivamente obedece por coerção ou ruptura de sua existência, dado que além de sofrer a condição inumana, está sujeitado a territórios e pessoas de uma maneira deslocada e zero interacionista.

Sendo assim,

“De fato, a condição de escravo resulta de uma tripla perda: perda de um “lar”, perda de direitos sobre seu corpo e perda de estatuto político. Essa tripla perda equivale a uma dominação absoluta, uma alienação de nascença e uma morte social (que é expulsão fora da humanidade) [...] Não é uma comunidade porque, por definição, a comunidade implica o exercício do poder de fala e de pensamento.. (MBEMBE, 2018: 27)

Esse desmembramento da possibilidade dialógica vem de encontro à soberania. Na colonização, os soberanos possuem as ferramentas de vigília a partir, também, de seus lacaios, a qual são ordenados não necessariamente pela dimensão racionalista (afinal, quem açoita não precisa ser um pensador assíduo, basta ter bons instrumentos e força física considerável, sem ter “pena” dos primitivos ou de usar a fúria em excesso), aplicando, assim, o uso da brutalidade enquanto instrumento punitivo. Uma vez que a punição é o preço por qualquer ato de desobediência, desacordo ou resistência aos mandos e desmandos, a aplicação da penalidade é feita de maneira assimétrica em nome de um acordo que nunca foi estabelecido, pois trata-se de uma jurisdição de via única onde os

submetidos/sujeitados aceitam seu destino ou enfrentam as consequências sem ter aonde recorrer.

Ou seja,

“A conquista colonial revelou um potencial de violência até então desconhecido.

[...]

Um traço persiste evidente: no pensamento filosófico moderno assim como na prática e no imaginário político europeu, a colônia representa o lugar em que a soberania consiste fundamentalmente no exercício de um poder à margem da lei (*ab legibus solutus*) e no qual a “paz” tende a assumir o rosto de uma “guerra sem fim”. (MBEMBE, 2018: 32-33)

Isso porque, a existência da soberania e da figura soberana eurocêntrica representa a “instrumentalização generalizada da existência humana e a destruição material de corpos humanos e populações” (p. 10-11). Lidamos aqui com algo além de legalidades e institucionalidades regidas pelo pacto da branquitude (de brancos para brancos e entre brancos). Negro é mercadoria, índio é misticidade, mestiço não tem subjetividade, configurando apenas “coisas”; um experimento biológico e classificatório, categorias e subcategorias de uma massa sem narrativa, identidade ou necessidade de permanência senão para fazer mais rica a sociedade moderna da Europa em ascensão.

A premissa de uma estrutura estatal a vingar também se coloca como base disso, pois, “a centralidade do Estado no cálculo da guerra deriva do fato de que o Estado é o modelo da unidade política, um princípio de organização racional, a personificação da ideia universal e um símbolo de moralidade.” (p. 34) No entanto, as colônias e lugares invadidos (antes e atualmente) estão postas nessa relação de separatismo evidente onde tudo é permitido. Tudo está centrado no servir ao mestre-colonizador. A estrutura do domínio sobre a vida e no fazer da morte é linha tênue que se estende até os dias atuais por meios tecnológicos, avanços capitalistas e inventividades neoliberais de se apropriar de tudo para assinalar o *espectro da liberdade* - sempre inalcançável, porém esculpivamente vendida -, difundindo os ideais de “seja você mesmo” com “somos todos iguais”.

É possível ser, de fato, o que quiser ser? Há realmente essa igualdade na diferença? Não é o que nos mostra a historicidade a partir do viés libertário e decolonial.

“Como agravante, a colonialidade do saber ignora o racismo como componente principal, fundador e organizador da modernidade. O Estado, indubitavelmente, cumpriu um papel central na estruturação do racismo. Assim, foi o Estado europeu que não só patrocinou, como foi o executor, do colonialismo, da escravidão, dos estupros, das humilhações, das extorsões, da destruição da *pachamama*, do genocídio de diferentes povos. Aliás, o maior genocídio da história da humanidade. Foi essa instituição através de seu militarismo e com apoio das igrejas cristãs que tratou indígenas e negros como sub-humanos ou nos termos de Grosfoguel (2018) como um não-ser, situado em uma zona diferente da do europeu ocidental. A partir dessas constatações, o Estado moderno europeu, se alimentou reciprocamente com o colonialismo, praticando-o, foi, portanto, oriundo como um necro-racista-Estado, manchado pelo sangue e suor das suas vítimas, caracterizado por não reconhecer negros e indígenas como humanos. Os novos Estados latino-americanos, caribenhos e da América do Norte foram gestados a imagem e semelhança dos seus pais. Portanto, continuaram a política da morte e do encarceramento colonialista baseados nas leis ou não.” (MORAES, 2020: 61)⁵⁷

Estar sujeito à morte é parte de uma construção política que ocupa os territórios de uma forma diferente. Existe o confisco, a demarcação dos corpos e do espaço geográfico. A própria geografia é um campo de saber muito importante para reflexão histórico-política do mundo através de um viés libertário, já que o Imperialismo divide as zonas de influência no processo da expansão colonial, cujo foco é promover os termos *extraeuropeus*, justamente porque “essa inscrição de novas relações espaciais (“territorialização”) foi, enfim, equivalente à produção de fronteiras e hierarquias, zonas e enclaves; a subversão dos regimes de propriedade existentes; a classificação das pessoas de acordo com diferentes categorias; extração de recursos; e, finalmente, a produção de uma ampla reserva de imaginários culturais. Esses imaginários deram sentido à instituição de direitos diferentes, para diferentes categorias de pessoas, para fins diferentes no interior de um mesmo espaço; em resumo, o exercício da soberania.” (MBEMBE, 2018, p.39)

⁵⁷ MORAES, Wallace dos Santos de. Crítica à Estadolatria: contribuições da filosofia anarquista à perspectiva antirracista e decolonial. TEOLITERÁRIA - Revista de Literaturas e Teologias, v. 10, n. 21, p. 54-78, 2020.

Expansões napoleónicas (França), expansões vitorianas (Inglaterra), expansões portuguesas e espanholas pela América, tudo isso colocado nos livros de história escolares e repassado por meio do cientificismo cartesiano como descobertas e necessário à evolução desses locais. Esquece-se nesse processo do colonizado relegado a uma terceira zona (p. 39), que é a zona da mão de obra exploratória na condição servil e a sistemática da exceção como estrutura da soberania (p.38). Para além disso, soa como passado distante, principalmente quando a colonialidade ganha um carácter pós-colonial, quando na verdade é *neocolonial*, pois o militarismo seguiu/segue destruindo formas de organização locais como parte de autoridade geográfica e sob a população civil. Contudo, há também acordos que são feitos por baixo dos panos entre líderes: acordos pela democracia, pelo progresso, mas que mantêm-se no âmbito privado de uma política de exceção. Trata-se de invadir locais não-conquistados, anexá-los a uma ordem regulamentadora e divulgar a má fama (revirando ocidentalmente a reputação) de espaços que não querem, não veem de bom grado e/ou denunciam para órgãos globais essa ocupação colonial disfarçada de projetos de desenvolvimento pacífico peculiares.

Figura 13 – Cena do filme *Apocalypse Now* de Francis Ford Coppola apresentando uma perspectiva adaptada de todo horror acontecido durante a Guerra do Vietnã com interferência direta dos Estados Unidos como política de contenção do comunismo durante o período da Guerra Fria



Fonte: huckmag.com

Todo “poder sobre a vida do outro assume a forma de comércio: a humanidade de uma pessoa é dissolvida até o ponto em que se torna possível dizer que a vida do escravo é propriedade de seu senhor.” (p. 29-30) Isso ganha outras proporções com o neoliberalismo e formação dos Estados-nações deliberando vias discursivamente democráticas, construindo bases constitucionais anexadas aos Direitos Humanos e relacionando-as com o capitalismo. Os subalternos agora são livres segundo as constituições estabelecidas e revisadas, podem se dispor igualmente ao mercado de trabalho (formal ou informalmente [sendo autônomo]) e vender sua força de trabalho contanto que não saia do estatuto da legalidade ou jurisprudência. Ou seja: você pode ser um escravo de si. E para certas ocasiões, o Estado também assegura políticas públicas para ingresso em faculdades, profissionalização, mas nunca indo a fundo nos problemas sociais reais.

No fim das contas, fique claro: os Outros sempre estiveram e permanecem à própria sorte nas lutas por justiça social.

“Fato é que apesar dos avanços em questão de Direitos Sociais Fundamentais – dentre outros – a[s] Constituinte[ns] foi[foram] composta[s], majoritariamente, por conservadores que não possuíam interesses reais em uma transformação. Todas as lógicas de manutenção do poder, evidenciadas até agora, estavam presentes. Não se alterou a estrutura colonial de imposição das ideias e pensamentos dos mais fortes, sobre os mais fracos; as mesmas elites se mantiveram no poder; o Estado Nação e as lógicas liberais se mantiveram inalteradas e ainda, contando com a crescente onda do neoliberalismo. Diante disto, importante questionar e compreender de que forma e a partir de que perspectiva os Direitos Humanos foram vistos [...] a partir destas matrizes de poder.” (LOCH, 2019: 42)⁵⁸

Matar, morrer e morte são assuntos estatais, afinal, ainda são levantados os dados de mortalidade como processo de apuração. No entanto, a moral escolhe a partir da frase “bandido bom é bandido morto” quem são os delinquentes, infratores e malfeitores; e eles sempre possuem uma cor de pele específica, uma classe social específica, um preconceito prescrito específico. O que eram “inovações nas tecnologias de assassinato [que visavam] não só “civilizar” as maneiras de matar, mas também eliminar um grande número de vítimas em um espaço relativamente de tempo.” (MBEMBE, 2018, p. 22) tornam-se processos mais inteligíveis:

⁵⁸ LOCH, Andriw de Souza. *Colonialidade do poder e neoliberalismo nos direitos fundamentais: a Emenda Constitucional 95 – uma ofensiva aos sujeitos ausentes*. Dissertação (Mestrado) - Universidade do Extremo Sul Catarinense, Programa de Pós-Graduação em Direito, Criciúma, 2019.

“[...] uma nova sensibilidade cultural emerge, na qual matar o inimigo do Estado é um prolongamento do jogo. Aparecem formas de crueldade mais íntimas, sinistras e lentas.

[...]

Matar se torna um assunto de alta precisão.

[...]

Essa nova era é o da mobilidade global. Uma de suas principais características é que as operações militares e o exercício do direito de matar já não constituem o monopólio exclusivo dos Estados, [...] emerge um mosaico de direitos de governar incompletos e sobrepostos, disfarçados e emaranhados, nos quais sobejam diferentes instâncias jurídicas de *facto* geograficamente entrelaçadas, e nas quais abundam fidelidades plurais, suseranias assimétricas e enclaves.” (MBEMBE, 2018: 22; 47; 52-53)

Exatamente por isso é importante entender que “as máquinas de guerra se caracterizam por sua capacidade de metamorfose” (p. 54), logo, “o Estado pode, por si mesmo, se transformar em uma máquina de guerra” (idem, ibidem) dando aval para discursos de segurança em torno da propriedade privada, defesa patriótica e defesa pessoal ou dos valores familiares, na qual com dinheiro particular pode-se comprar armas e democraticamente votar em projetos de legalização e/ou em pessoas que representam a banalidade fascistóide.

No nosso atual caso brasileiro em relação às armas,

“Em 2018, o Brasil contava com 696.909 mil armas registradas por pessoas físicas nos sistemas de controle do Exército e da Polícia Federal. Passados três anos, mais um milhão de armas foram registradas, totalizando 1.605 milhão.” (CASTRO; MARTINS, 2022)⁵⁹

Isso demonstra o interesse de morte populacional. O discurso da segurança, na verdade, possibilita que o Estado se exime de sujar as mãos. O necropoder enquanto tecnologia adaptativa legaliza o cidadão a ter seus próprios recursos de policiamento, instaura culturas de terror midiático e acompanha a instauração do caos. Como seus assuntos políticos são maiores, a preocupação é garantir armas que ultrapassem o público, “às execuções a céu aberto somam-se matanças

⁵⁹ CASTRO, Nathália; MARTINS, Marco Antônio. “Em 3 anos, registros de armas de fogo aumentaram 219% na Amazônia Legal.” **G1 Online**, Rio de Janeiro, 22 jul 2022. Seção Política. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2022/07/22/em-3-anos-os-registros-de-armas-de-fogo-aumentaram-219percent-na-amazonia-legal.ghtml>. Acesso em: 28 jul 2022.

invisíveis”. (MBEMBE, 2018, p. 49) E os alvos são, também, historicamente renovados: o preto, o índio, o mestiço permanecem, adicionando as mulheres, pessoas LGBTQIAPN+, a população de periferia urbana, imigrantes não-europeus e quaisquer rachaduras na normalidade constituinte às instituições de poder e regulação.

Nesse processo em que o fazer da morte é uma militarização cotidiana (p. 48) que ganha seus apetrechos sob uma pluralidade de funções (p. 55) - o olhar cauteloso sobre si, a imposição ao outro, o sentimento de deslocamento que leva ao suicídio, o extremo discriminatório e de ódio que leva ao assassinato do outro -, tudo se torna uma prisão idealizada na reforma, na (auto)vigilância e nas posturas.

Se a morte é uma legitimação, resta fortalecer as resistências. Onde há repúdios e rejeições, há também potências horizontais de lutas. Lutar é viver!

3.2 O INFLAMAR DA VIDA PARA ALÉM DA MORTE

Traçar todas essas linhas, aprofundando reflexões mbembeanas acerca do neocolonialismo, de questões Norte-Sul Global e práticas voltadas ao movimento do corpo como atitude decolonial, introduzindo, assim, a Necropolítica deve rememorar constantemente que necropoder possui qualidade de introdução de teoria política conscientizadora e elucidação. Devemos, a partir disso, pensar a **VIDA**!

A vida libertária e suas insurgências, a vida e seus fluxos, a vida e suas (re)descobertas, a vida e sua poesia narrativa sendo resistência/do contra. Contra o Estado, contra o patriarcado, contra o racismo, contra a normatização, contra o heteroterrorismo/heterocentrismo, contra o androcentrismo europeu, contra a moralidade hipócrita, contra as múltiplas discriminações, contra o hegemonismo histórico que promove apagamentos, contra a miséria e a fome, contra as tentativas de limitar o estar, contra tiranias, ditaduras e autoritarismos, pois tudo isso está inserido no poder do Estado, logo, resultando em morte.

O conceito sociedade civil (*status* cidadão) e o inserir-se nesse contorno, assim como a civilidade/cidadania, tem um sinistro proceder soberano. Mbembe deixa claro para nós:

“[...] a soberania é a capacidade de definir quem importa e quem não importa, quem é “descartável” e quem não é”.

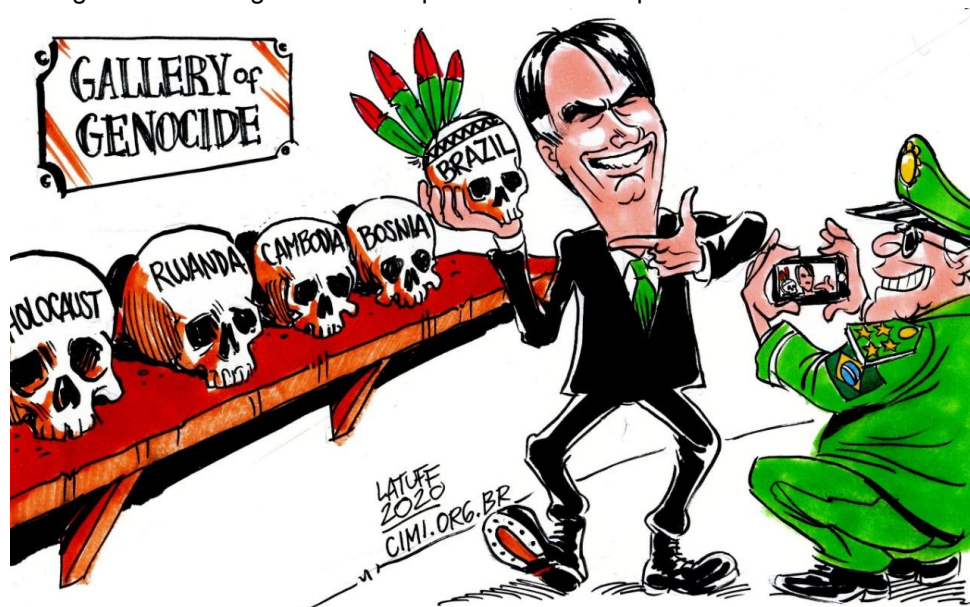
[...]

[...] corpos sem vida são rapidamente reduzidos à condição de simples esqueletos. Sua morfologia doravante os inscreve no registro de generalidade indiferenciada: simples relíquias de uma dor inexorável, corporeidades vazias, sem sentido, formas estranhas mergulhadas em estupor.” (MBEMBE, 2018: 41; 60)

Na página a seguir há duas charges que representam e expressam bem as proporções da soberania e do necropoder em alta escala produtiva da morte. O manifesto artístico vale como recado, transparecendo sua expressão da indignidade, inconformidade, descontentamento. Um manifesto anti-soberania, antifascismo,

antirracismo, antigenocídio. Pelo fim de uma manutenção arquitetônica que empilha corpos/corpos nos formatos ocidentais de reger o mundo.

Figura 14 – Charge de Latuff representando o ex-presidente Jair Bolsonaro



Fonte: Twitter via @LatuffCartoons

Figura 15 – Charge de Junião sobre a herança colonial e escravocrata do Brasil



Fonte: Usina de Valores

Sobreviver não é uma relação feita com base na solidão, no intermédio de uma caminhada isolada. É necessário coletivizar para se revoltar. O *inflamar da vida* se faz no coletivo. Isso é mostrado claramente na historiografia do Brasil e América Latina que há tempos se organizam contra opressões/diminuições e também nos estudos e táticas monstruosas/qkuyrizadas se organizando.

Cabe lembrar que durante os anos de ditadura civil-militar (1964-1985) no Brasil, a organização de sociabilidades e coletivos - anarquistas ou de esquerda - atreveram-se a mostrar todas as censuras, repressões aos grupos sociais opositores ao regime com perseguições e torturas, exílios forçados, abusos físicos, psicológicos e sexuais, bem como opunham-se aos discursos anti-esquerda e anticomunistas (sendo tal falácia do *medo vermelho* ainda presente), expondo as reais motivações dessas Marchas da Família com Deus pela Liberdade enquanto corpos eram aniquilados e estão desaparecidos até hoje. As multidões indesejadas tinham alvos nas costas.

“Segundo a CNV [Comissão Nacional da Verdade] (2014, p. 291-292), tais discursos [contra os anormais e pessoas a favor da democracia ou socialismos] legitimavam a violência direta.” (SILVA et al., 2017, p. 215)⁶⁰ No entanto, as ditas anormalidades - até que se ampliasse a fomentação de noções kuiers libertárias - nunca permaneceram em silêncio, comportadas, esperando o fim de tempos de chumbo. Muito pelo contrário! As atitudes de oposição muito antes, durante a ditadura e após a redemocratização priorizam resistências emancipatórias, bem como ações diretas nas invenções de fazeres diários. Se indignar com o arbitrário é parte da ressignificação de existir inominável com alegria.

O *Lampião da Esquina* - que circulou entre os anos de 1978 a 1981 - foi uma das imprensas independentes e contra o regime e/ou totalitarismos, sendo organizada, gerida e distribuída por sexodissidências e viados, bichas e mariconas, construindo de forma independente arte-ativismo político, despatologização social e científica, registros dos acontecimentos hostis em torno do Brasil e América Latina, abordavam pautas antirracistas, indígenas, feministas e sindicais, trazendo em

⁶⁰ SILVA, Edlene Oliveira et al. Travestis e transexuais no jornal ‘Lampião da Esquina’ durante a ditadura militar (1978-1981). *Dimensões*, n. 38, p. 214-239, 2017. Disponível em: <https://www.periodicos.ufes.br/dimensoes/article/view/16813>.

matérias de capa assuntos e pautas jornalísticas consideradas censuráveis, pois rompiam com o heterocentrismo na busca por liberdade de imprensa democrática.

Figura 16 – Edições selecionadas do jornal *Lampião da Esquina* sobre diferentes assuntos abordados como matéria de capa



Fonte: Colagem autoral de capas via Photoshop

Sujeito às revisitações críticas⁶¹, o *Lampião* é marco simbólico nas práticas resistentes de abordar e coletivizar assuntos acusados de escandalosos, desviantes e de preocupação nacional - algo que ainda paira sob mesma pregação ainda em

⁶¹ Vale lembrar: há pontuações já previamente levantadas em outras pesquisas acadêmicas sobre o modo como aprofundaram tópicos relacionados às vivências transexuais, travestis e intersexuais. Mesmo não sendo à época algo compreendido mais a fundo como hoje, não podemos esquecer que estereótipos do passado permanecem presentes, corroborando com as diversas agressões/assassinatos dessas pessoas ou dando margem à transfobia generalizada.

tempos atuais -. o que despertou nos saberes kuyrs decoloniais anos depois junto às contraculturas e subpolíticas desviantes meios de criar materiais conscientizadores, como folhetins, fanzines e materiais públicos para articulação e provocação do social.

Pensar o necropoder inserido em diferentes contextos sociopolíticos vai de encontro com o objetivo de mostrar aqui e adiante nesta pesquisa como as articulações são imaginadas, inventadas, instigadas, socializadas, distribuídas, porém apagadas da ótica histórica e cultural. Há um perigo em acreditar que as resistências são emparelhadas, possuem formatos únicos de serem ou que não aconteceram porque são narradas por vozes conservadoras com linguagens que favorecem aos que sempre foram favorecidos no espetáculo da mortalidade.

Utilizando das palavras de Jota Mombaça em seu livro *Não vão nos matar agora* (2021) para elaborar o raciocínio antinecropoder e contra apagamentos históricos de todo e qualquer tipo, ela nos incandesce o sentimento de que construir meios combativos e libertários tornam a experiência de viver e estar estando, estar no mundo, estar em movimento, é também estar conectadys às corpos-bomba que seguem como potência de lutas apesar de todo ódio disseminado:

“Não vão nos matar agora porque ainda estamos aqui. Com nossas mortas amontoadas, clamando por justiça, em becos infinitos, por todos os lugares. Nós estamos aqui e elas estão conosco, ouvindo esta conversa e nutrindo o apocalipse do mundo de quem nos mata.

Já não temos tempo, mas sabemos bem que o tempo não anda só para a frente. Não vim aqui para cantar a esperança. Não temo a negatividade desta época, porque aprendi com os cálculos de Denise Ferreira da Silva que menos com menos dá mais e, portanto, nossas vidas negativadas se somam e se multiplicam à revelia. Então vim aqui para cantar à revelia.” (MOMBAÇA, 2021: 5-6)

Mbembe e Jota possuem algo que conecta-se quando pontuam a respeito de um *holocausto naturalizado*. De fato, toda naturalização criada pelo conceito moderno ou descentralização planejada pelo pós-moderno mantiveram os hábitos higienista-coloniais intocados, apenas retocando laços com o Estado e meios de apresentação mais “saudáveis” do capital. A gerência da morte segue a todo vapor, contudo “na luta antissistêmica, trata-se de compreender o que ainda pode se

imaginar junto”. (MOMBAÇA, 2021, p. 4) O inflamar da vida é o que está nas *fronteras* de Anzaldúa, na memória viva das lutas históricas e aprendizados que nos deixam para outras organizações, na experimentação quyrizada como mobilização de pensamentos contraditórias, pois não buscam resultados de ser, mas dissonâncias na estética do devir.

Lembrar as resistências é lembrar porque continuam sendo presentes e corajosas por fora das ofertas de mundo melhor, justo e compreensível aos limiares e cláusulas do necroliberalismo. A brutalidade, o brutalismo, o brutalmente qualificado estão desde as caravelas até às grandes navegações contemporâneas por vias mais trabalhadas com motores ecológicos, sustentáveis e politicamente corrigidos construindo seus especismos.

As espécies consideradas anormais foram ganhando suas qualificações de maneira bem calculada. Voltando ao capítulo 1 brevemente, olhar criticamente os efeitos de uma condição pós-moderna hegemônica tentando cooptar autodeterminações dissidentes e condicionar às agendas políticas e culturalizações de uma comunidade formada por siglas estáveis é averiguar o resultado brutal do necropoder em transformação. Ou seja, se o Estado conseguiu acordos pormenores de paz no interior do antagonismo LGBTQIAPN+, tentará por símbolos de parcimônias democráticas destruir para reformar e assim implantar as compulsoriedades que carregam na busca por absorver criaturas e corpos desviantes que não podem escapar de sua esfera das vigilâncias.

Por isso, é importante validar todos esses câmbios e horizontes, expondo o que é essa tal necropolítica e porque a escassez de imaginação legaliza a morte. Começar de lá pela indefinição, para adentrar as *fronteras* anzalduanas num giro decolonial no capítulo 2 até dimensionar neste capítulo os riscos presentes desses fluxos fronteiriços, resgatando também o viver através das resistências que merecem destaque, trata-se de ir e vir, voltar e seguir, dar passos para trás, para frente, pelos entremeios, entrelinhas, atestando como há ENCRUZILHADAS na corporeidade epistemológica-monstruosa dos saberes kwirs libertários e decoloniais.

Essa relação de estar flutua, muda, e seguirá mudando e não frisando as hipóteses, mas a alegria de passear pelas pistas sem excessos. Isso é, no mais alto grau de gasolina e fogo, a vida para além da morte. As monstruosidades envergam essa composição orgânica porque desaprende humanismos categóricos para aprender a construir ultrajes alienígenas, incluindo formas de saborear a desordem da lógica conjectural para conjuração de antinormatividade em torno das ideias racionalizadas e evolucionistas. Pensar para além da morte não é instituir novos ditames das evoluções, mas movimentar os órgãos à transformação. Mbembe não escreve sobre necropolítica como instrumento de auxílio às máquinas de morte, quer nomear o que precisa ser nomeado para sabotá-las, portanto, o aproveitamento e interesse no kuir por entender isso movimenta o pensamento do autor para erguer máquinas de guerra que não favorecem as guerras de poder bélico; é uma briga em prol de liberdades multifacetadas contra tais horrores.

“Este “mundo da vida” não é apenas o campo onde a existência dos indivíduos se desdobra na prática; é onde eles exercem a existência — ou seja, vivem as suas vidas e confrontam as várias formas de suas mortes.

[...]

Além do mais, o foco no *tempo do enredamento* repudia não apenas os modelos lineares, mas também a ignorância que eles mantêm e o extremismo que eles repetidamente causam.” (MBEMBE, 2017: 38;40)

Esse tempo de enredamento vale ressignificação cuier subalterna para o olhar de “descontinuidades, reviravoltas, inércias e balanços que sobrepõem umas às outras, penetram umas às outras, e cobrem umas às outras” (MBEMBE apud WEST-PAVLOV, 2001, p.14) A produção do tempo é materializada e conflituosa, pois está certificada em ser por narrativas salvacionistas da Terra e de mundos não euro-estadunidenses. Rever esse enredar como conexão de corpos por linhas fronteiriças, mestiças e cambiantes, desgarradas das linhas imaginárias coloniais, mas estando própria dissidência da encruzilhada, nas redes de afeto, apoio, conjunto e metaformose libertária tem potencialidades subversivas a favor das vidas impossibilitadas pela sistemática mortuária de permitir que vivam. Tornar a ficção da territorialidade, das geografias, das demarcações e catástrofes interplanetárias em motim sem coreografias, performáticas e traduções singulares.

Enredamento sem ligar por redes hegemônicas, sem criar testemunhos morais ou testamentos éticos do humano, mas questionáveis o suficiente e por completo: como podemos produzir a permanência de corpos expostos à violência e degradação com sustentação libertária para não cair nas amarras de uma coletividade engessada e reformista? Ou surrupiada por uma comunidade siglada e fabricada pelas agremiações neoliberais no apoio de sua própria mortalidade quando luta por legislações punitivistas para interrupção? Fazeres libertários não são fórmulas, mas construir a afetividade coletiva entre memórias de resistência, possibilidades disruptivas e contra-ataques subversivos pode desnortear para mobilizar ideias e sensibilidades.

Figura 17 – Trecho poética-dissidente retirado do livro *Não vão nos matar agora* de Jota Mombaça

EU SINTO QUE A PRESSA AUTODESTRUTIVA QUE ME CONSUME DO MEIO-DIA ATÉ O
FIM DA TARDE É INVERSAMENTE PROPORCIONAL À CALMA CRUEL E ASSASSINA DO
SERVIÇO DE ESTRANGEIROS E FRONTEIRAS.

EU SOU MAIOR QUE ESSA MATEMÁTICA.

EU SOU MAIOR QUE O SERVIÇO DE ESTRANGEIROS E FRONTEIRAS.

MAIOR QUE TODAS AS FRONTEIRAS. MAIOR QUE AS FILAS DE DOCUMENTOS,
TELEFONES OCUPADOS, OLHARES TORTOS E SAUDAÇÕES À BANDEIRA.

Fonte: Captura de tela realizada por mim do livro da autora

4 CONEXÕES PULSANTES

Figura 18 – Obra do artista Christian de Lima apresentado na exposição "AnarcoQueer"



Fonte: Revista virtual GZH

Considerando as revisitações da pesquisa anterior, aprofundamentos que foram adicionados para aflorar entusiasticamente as discussões, a abordagem dos olhares individuais sobre a *frontera* de Anzaldúa e os detalhes circunstanciais sobre a Necropolítica de Mbembe, é hora de torná-los uma sintonia importante, junto à contribuições de outras vozes anarcodissidentes possíveis que tanto aprimoram os caminhos da explosão sexual, construindo diretrizes radicais de liberdades inventadas, ressignificadas, promovendo autogestão e rompimento com os padrões universalizados pela hegemonia heterocompulsória dominante.

Conexões, sobretudo nas veias de fogo libertárias, são importantes de serem evidenciadas, pois a solidão não é um passo para transformação, afinal, só é possível mutar nadando pelas profundezas das interrogações que são levantadas sobre coisas que nos são impostas, ensinadas e condicionadas como verdade...

4.1 ANZALDÚA E MBEMBE EM SINTONIA

“O sobrevivente é aquele que, tendo percorrido
o caminho da morte, sabendo dos extermínios
e permanecendo entre os que caíram,
ainda está vivo.”
(MBEMBE, Achille, 2018, p. 62)

“Para sobreviver às Fronteiras
você deve viver *sin fronteras*
ser uma encruzilhada”.
(ANZALDÚA, Gloria, 1987, p. 195)

As fronteiras hegemônicas são aquelas que demarcam as territorializações impostas pelos Estados enquanto instituição de Poder, ou seja, dividir, regular, capturar, controlar, expandir, guerrear são parte desse imaginário fronteiriço estritamente geográfico, sem imaginação, com itinerários bem privados e onde ecoa apenas o silêncio, seja da vida ou da morte.

A fronteira [de demarcação ou simbologia] para Mbembe é porosa e permeável, feita exatamente para ser cruzada. Se a mobilidade é parte da transformação inegável da História, principalmente no sentido decolonial (fugas, escapes, permanência/persistência), então é necessário confrontar os gerenciamentos e viver um além-ideário nômade. Inclusive, muitos povos subalternizados sobreviveram em razão do nomadismo. Parar é a morte, vagar é a vida. O andar constante de não se permitir ser capturado, violado, marginalizado.

“O negócio do Estado é conseguir capturá-los. Sem isso, a soberania não significa nada. Soberania significa capturar um povo, capturar um território, delimitar fronteiras. Isso, por sua vez, permite que se exerça o monopólio do território, claro, o monopólio sobre as pessoas nos termos do uso legítimo da força e, o que é muito importante – porque todo o resto depende disso –, o monopólio sobre a cobrança de impostos. Não se pode cobrar impostos de quem não tem endereço. O Estado vê essas pessoas como inimigas – tanto da liberdade, porque eles não a exercem dentro dos limites, quanto da segurança e da ordem. Não se pode construir uma ordem com base no que é instável.” (MBEMBE, 2019)

Portanto, a instabilidade é o risco maior à segurança estatal, sincronicamente sendo a sobrevivência resistente (com certas subsistências) dos

indesejados de qualquer categoria - física e/ou metafórica. Aprisionar deixa de ser apenas uma tecnologia, torna-se um movimento de controle com diversos dispositivos úteis refinando a militarização do ir e vir. O contexto capitalista dita quem pode entrar nos países - principalmente europeus e norte-americanos -, na qual a pobreza não tem abertura, apenas fechamentos, distanciamentos. Quem quer receber quem não pode consumir, gastar, esbanjar, se firmar? Enquanto isso, a decolonialidade reflete: como colocar abaixo essa dimensão colonial? As vias do fazer político-policial - ora autoritário ora democrático - possuem líderes representativos, porém sabemos que caminham sob a mesma sombra ideológica do fascismo, uma vez que ambos são reflexos de escolhas civis (vulgo, Bolsonaro atualmente no poder e a crescente de discursos a favor da ditadura) e apoio à tirania sob todas as medidas.

Ainda que a conjuntura democrática esteja vigente, por exemplo, os Estados Unidos que se nomeia terra da Liberdade, mas cujo Hino Nacional prega: *"Then conquer we must / When our cause it is just"* (Então conquistar nós devemos / Quando nossa causa for justa); mais claro impossível a imersão colonial preservada e orgulhada. O que seria uma conquista justa? Milhões de mexicanos em condição análoga à escravidão, vivendo em lugares deploráveis e sendo deportados e enjaulados? Milhões de negros vivendo segregação, roubo de cultura e arte, apagamentos e brutalidade policial? A misoginia encoberta pelas portas de ouro à la Weinstein em *Hollywood*? Para quem é essa Liberdade tão proclamada?

Seguir uma linha decolonial é traçar a interseccionalidade, recordando também que há as rebeldias. Criar táticas confusas e difusas aos muros, muralhas e divisas. É uma responsabilidade insurgente de construir linguagens e atuações libertárias e de resistência para Outra história. A narrativa aos que se foram indigentes, a narrativa dos que perderam suas linguagens, a narrativa dos que ousaram em tempos sombrios. Estar, continuar estando, sempre percorrer pelos limites: o lugar onde todo tipo de perigo é sancionado, tudo é permissividade ao necropoder, toda empatia vai até a página dois. Principalmente, quando nunca se ouviu tanto o patriotismo pela segurança nacional, acordos antiterroristas e caça aos infratores, delinquentes, CPFs (a serem) cancelados.

“No século 21, torna-se evidente um desejo global renovado dos cidadãos e de seus respectivos Estados por um controle mais rígido da mobilidade. Para onde quer que se olhe, o impulso é em direção ao cercamento ou, em todo caso, a uma dialética mais intensa de territorialização e desterritorialização, de abertura e fechamento. Ganha força a crença de que o mundo seria mais seguro se ao menos os riscos, as ambiguidades e as incertezas pudessem ser controladas, se ao menos as identidades pudessem ser fixadas de uma vez por todas. Técnicas de gerenciamento de risco estão se tornando, cada vez mais, um método para governar a mobilidade. Sobretudo na medida em que a fronteira biométrica se expande para múltiplos domínios, não apenas na vida social, mas também no corpo, o corpo que não é meu.” (MBEMBE, 2019)

Quando mencionado o refinamento militar do ir e vir, associando acima os corpos que não são nossos, retomamos o capítulo 2 a qual Anzaldúa nos mostra que há controle sistemático colonial que vai aprimorando-se no ser e estar também. Não dá para ser nem estar nas fiscalizações governamentais do militarismo.

Ser, no sentido governável, está na base das fáceis identificações: biometria, nome, sobrenome, data de nascimento, endereço, documentações, histórico carcerário, antepassados criminais, logística territorial [origem/destino, ida/volta], comprovação financeira, bens cumulados, status trabalhista, status social, cor da pele, língua falada, condição psiquiátrica e de saúde, nível de escolaridade, posição política, interesses de viagem e tudo mais que possa englobar informações técnico-comportamentais de deslocamento e controle de movimento.

“Não apenas por meio do controle dos corpos, mas do controle do movimento em si e de seu corolário, a velocidade, pois é a isso que as políticas de controle migratório estão de fato relacionadas: controlar os corpos, mas também o movimento.” (MBEMBE, 2019)

Anzaldúa expressa nitidamente isso ao fazer um relato sobre seu primo Pedro em relação às políticas de controle migratório:

“Nos campos, a migração. Minha tia dizendo: “Não corram, não corram. Eles vão pensar que você é do outro lado.” Na confusão, Pedro correu, com medo de ser pego. Ele não falava inglês, não podia dizer a eles que era americano de quinta geração. Indocumentado - não portava certidão de nascimento para trabalhar no campo. A migração o levou embora enquanto observávamos. Eles o levaram. Ele tentou sorrir quando olhou para nós, para levantar o punho. Mas eu vi a vergonha empurrando sua cabeça para baixo, eu vi o peso terrível da vergonha curvar seus ombros. Eles o deportaram para Guadalajara de avião. O mais longe que ele já esteve no México foi Reynosa, uma pequena cidade fronteira em frente a Hidalgo,

Texas, não muito longe de McAllen. Pedro caminhou até o Vale. Eles o levaram sem um centavo ao pobre homem. Ele veio caminhando de Guadalajara.” (ANZALDÚA, 1987: 4, tradução nossa)⁶²

Já o *estar* ao governável é ainda pior, pois está na beira do inexistente. Simplesmente não serve, o mesmo que vazio. É colocado na posição de condição de fluxo apático, são apenas as correntes de mudança do estável, simbologia, mitologia⁶³. É compreendido por situação, causalidade, implicação de estado natural do ser (naturalização). Ainda assim, capturado. Nenhuma legalidade, jurisdição e instituição quer lidar com nada. Torna algo adscrito quando mero dado - no proceder entre contabilizar (estatística) - ou um nada nomeável ao punir, encarcerar. Estar pode ser metáfora para liberdade dentro dos muros da mente e da roda de amigos, jamais fora das normas.

Contudo, Anzaldúa sempre nos leva ao ingovernável fronteiro, às possibilidades de estar nada, habitando tudo ao mesmo tempo sem pertencer, porque nada é estável. A vida, enquanto construção, tem metáforas, mas também fluxos e alicerces culturais de resignificação. Atravessar, encruilhar, cambiar nos Outros mundos (além das projeções euro-estadunidenses) é construir uma narrativa inacabada de si constantemente, igual tudo que possui fluxos ilimitados e exige de nós conscientemente a se dispor para isso:

“Esses movimentos de rebeldia que nós mexicanos temos no sangue surgem como rios descontrolados em minhas veias. E como minha raça que de vez em quando abandona essa escravidão de obedecer, de calar e aceitar, em mim está a rebeldia acima de minha carne. Sob meu olhar humilhado há um rosto insolente prestes a explodir. Minha rebeldia me custou caro - cheia de insônia e dúvidas, me sentindo inútil, estúpida e impotente.

⁶² In the fields, *la migra*. My aunt saying, “*No corran*, don't run. They'll think you're *del otro lao*.” In the confusion, Pedro ran, terrified of being caught. He couldn't speak English, couldn't tell them he was fifth generation American. *Sin papeles* - he did not carry his birth certificate to work in the fields. *La migra* took him away while we watched. *Se lo llevaron*. He tried to smile when he looked back at us, to raise his fist. But I saw the shame pushing his head down, I saw the terrible weight of shame hunch his shoulders. They deported him to Guadalajara by plane. The furthest he'd ever been to Mexico was Reynosa, a small border town opposite Hidalgo, Texas, not far from McAllen. Pedro walked all the way to the Valley. *Se lo llevaron sin un centavo al pobre. Se vino andando desde Guadalajara.*”

⁶³ Mitologia inserida no contexto hegemônico pejorativo de lenda, artificial, banal, apenas entretenimento, ou explicação não-efetiva de origens múltiplas para o mundo e as coisas.

Fico com raiva quando alguém - seja minha mãe, a Igreja, a cultura anglo - me diz para fazer isso, fazer aquilo sem considerar meus desejos.

Recuso. Respondo de volta. Eu era muito atrevida. Eu era indiferente a muitos valores da minha cultura. A insatisfação dos homens. Eu não era boa ou obediente.

Mas eu cresci. Já não passo a vida inteira jogando fora os costumes e valores da minha cultura que me traem. Recolho também os costumes comprovados ao longo do tempo e os costumes de respeito às mulheres. Mas apesar da minha crescente tolerância, para esta Chicana a guerra de independência é uma constante.” (ANZALDÚA, 1987: 15, tradução nossa)⁶⁴

É possível se assimilar, justamente porque existe em nossas veias rebeldias descontroladas e questionamentos recorrentes. Acompanhamos como o “espírito do nosso tempo foi colonizado por imaginários apocalípticos e narrativas de desastres cataclísmicos e futuros desconhecidos.” (MBEMBE, 2019) Isso corrobora com guerras de depurações psicológicas, depurações sexuais, sanções impositivas, até que se estabeleça um certo, verdadeiro, melhor jeito de proferir sobre as coisas. O duvidoso é colocado como danoso. Mas não devemos nós duvidar de nós mesmos? A filosofia, ciências sociais, psicologia, o próprio contexto da literatura são articulações de pensamento que estimulam à dúvida, ao lugar incerto entre inconsciente, curiosidade e expansão de si.

“Hoje está um dia de nada. Hoje é zero hora. Existe por acaso um número que não é nada? que é menos que zero? que começa no que nunca começou porque sempre era? e era antes de sempre? Ligo-me a esta ausência vital e rejuvenesço-me todo, ao mesmo tempo contido e total. Redondo sem início e sem fim, eu sou o ponto antes do zero e do ponto final. Do zero ao infinito vou caminhando sem parar. Mas ao mesmo tempo tudo é tão fugaz.

⁶⁴ “Esos movimientos de rebeldía que tenemos en la sangre nosotros los mexicanos surgen como ríos desbocanados en mis venas. Y como mi raza que cada en cuando deja caer esa esclavitud de obedecer, de callarse y aceptar, en mi está la rebeldía encimada de mi carne. Debajo de mi humillada mirada está una cara insolente lista para explotar. Me costó muy caro mi rebeldía - acalambrada con desvelos y dudas, sintiendome inútil, estúpida, e impotente.

Me entra una rabia cuando alguien - sea mi mamá, la Iglesia, la cultura de los anglos - me dice haz esto, haz eso sin considerar mis deseos.

Repele. Hable pa' 'tras. Fuí muy hocicona. Era indiferente a muchos valores de mi cultura. No me deje de los hombres. No fuí buena ni obediente.

Pero he crecido. Ya no sólo paso toda mi vida botando las costumbres y los valores de mi cultura que me traicionan. También recojo las costumbres que por el tiempo se han provado y las costumbres de respeto a las mujeres. But despite my growing tolerance, for this Chicana la guerra de independencia is a constant.”

Eu sempre fui e imediatamente não era mais. O dia corre lá fora à toa e há abismos de silêncio em mim.

[...]

Viver é mágico e inteiramente inexplicável. Eu compreendo melhor a morte. Ser cotidiano é um vício. O que é que eu sou? sou um pensamento. Tenho em mim o sopro? tenho? mas quem é esse que tem? quem é que fala por mim? tenho um corpo e um espírito? eu sou um eu? "É exatamente isto, você é um eu", responde-me o mundo terrivelmente. E fico horrorizado." (LISPECTOR, 1978: 7; 12)⁶⁵

De fato, devemos nos horrorizar em ser um eu/self com fixabilidades compulsórias armazenadas. Estejamos mais Anzaldúa, mais Clarice... Traçando meios de rebeldia contra a própria realidade que nos oferecem pronta. Não estamos acabadas/os, estamos nos conectando com Outras/os, capturando também os detalhes que nos inconformam, nos permitem novas linguagens, novas possibilidades de cruzar essas *fronteras* permanecendo mais vivas/os que quando pré-pensamos sobre as capacidades de fazê-lo. Sigamos também olhando o viver ao utilizar dos conhecimentos mbembeanos sobre necropoder: a morte não é um resultado da rebeldia, é consequência lastimável, por isso permanecer subvertendo tem profundas marcas entre ser alvo e estar em movimento.

A questão do sexo/sexualidade (bem como gênero/identidade) também está conciliada ao processo de tornar palpável os usos corpóreos, desejos, atividades prazerosas, fetiches e potenciais fetichistas, incluindo os canais interrelacionais ou afetivos, tornando a constituição física sem capacidades experienciais de grandes e sinceras (auto)descobertas, somente uma via única sem volta, quase que estabelecida na pornografia, no modelo decente de erotismo, quando não é assim que funciona, todavia é como tentam transparecer.

"A sexualidade está completamente associada à violência e à dissolução dos limites de si e do corpo por meio de impulsos orgíacos e excrementais. Como tal, a sexualidade diz respeito a duas formas principais de impulsos humanos polarizados - excreção e apropriação -, bem como o regime dos tabus em torno deles. A verdade do sexo e seus atributos mortais residem na experiência da perda das fronteiras que separam realidade, acontecimentos e objetos fantasiados.

[...]

⁶⁵ LISPECTOR, Clarice. *Um sopro de vida: pulsações*. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1978.

Uma vez que o domínio natural de proibições inclui a morte, entre outras (por exemplo, sexualidade, sujeira e excrementos), a soberania exige que “a força para violar a proibição de matar, embora verdadeira, estará sob condições que o costume define”. E, ao contrário da subordinação, sempre enraizada na alegada necessidade de evitar a morte, a soberania definitivamente demanda o risco da morte.” (MBEMBE, 2018: 15-16)

Para isso, Anzaldúa nos oferece um horizonte e nos entusiasma com sua subversão que contraria o risco de morte: uma *dialética do eterno contínuo* decolonial que dá potência ao desmarginalizar o marginalizável. Traz sentido irrestrito ao que tem nome, mas dá outras predileções, sentidos, escolhe os contornos, não facilita os apetrechos da soberania de engaiolar essa dimensão complexa que é o existir, amar, tornar-se, ter vida sexual, (des)dizer a sexualidade.

“O que é uma escritora lésbica? O rótulo na frente de uma escritora a posiciona. Sugere que a identidade é socialmente construída. Mas só para a/o “outra/outro” cultural. Inconscientes do privilégio e absortos em arrogância, a maioria dos escritores da cultura dominante nunca especifica sua identidade; eu quase nunca os escuto dizer: Eu sou um escritor branco. Se a/o escritor/a é classe média, branca/o, heterossexual, ela/ele é coroadada/o com o chapéu “escritor/a” – nenhum adjetivo mitigante depois. Me consideram uma escritora Chicana, ou uma escritora Chicana lésbica. Adjetivos são uma forma de coagir e controlar. “Quanto mais adjetivos você tem, mais apertada é a caixa”. O adjetivo depois de escritora marca, para nós, a escritora “inferior”, ou seja, a escritora que não escreve como eles. Marcar é sempre “rebaixar”. E quando eu defendo colocar Chicana, tejana, de classe operária, poeta dyke-feminista junto a meu nome, eu o faço por razões diferentes daquelas da cultura dominante. As razões deles são marginalizar, confinar, e conter. Meu rotular a mim mesma é para que a Chicana e lésbica e todas as outras pessoas em mim não sejam apagadas, omitidas, ou assassinadas. Nomear é como eu faço minha presença conhecida, como eu afirmo quem e o que eu sou e como quero ser conhecida. Nomear a mim mesma é uma tática de sobrevivência.” (ANZALDÚA, 2017: 2)

Eis um manifesto imprescindível! Comprova que ao longo da História (dos períodos imperiais aos neo-imperiais), diante de narrativas desvantajosas, fomos e continuamos sendo capazes, enquanto Outros, “de demonstrar as capacidades polimorfas das relações humanas por meio da música [assim como por outras artes, literaturas, campos de saberes] e do próprio corpo, que supostamente pertencia a um outro [dominante].” (MBEMBE, 2018, p. 30) Isso é a construção dialógica das Histórias. Não é Global⁶⁶. Não são notas de apoio desvinculadas. Não é uma

⁶⁶ Um dos principais pontos para não pensarmos a História enquanto ‘Global’ está no processo de que não há uma “origem da História” singular. Mesmo que a forma mais Universal seja evidenciada, há narrativas que contam pontos divergentes, com insurgências múltiplas e a partir de uma reflexão

cartografia centro-centro. São rotas de fuga que auxiliam na reunião dos arquivos/ideias de um mundo não excepcionalmente Ocidental. É pensar “as encruzilhadas, os fluxos de pessoas e os fluxos da natureza, ambos em relações dialéticas. [...] Porque não se pode pensar nas pessoas sem pensar nos não humanos. Leia Tutuola, é um mundo de humanos e não humanos interagindo, agindo uns com os outros.” (MBEMBE, 2019) Há recursos naturais, culturas ancestrais, culturas plurais e nosso ímpeto por autogestões e deslocamentos que não deve cessar nem morrer.

Utilizar as corpas para promover esses deslocamentos normativos e tornar evidente rachaduras, pedaços e cacos promovidos pelos riscos visíveis e invisíveis, empreendendo, assim, narrativas autogestionadas como tática de sobrevivência, zona de confronto, autodeterminação e arte-ativismo ético-estético.

Outra ilustre figura a nos apresentar rotas de fuga y fogo para esse processo de kuyrização libertária é Paco Vidarte, que será abordado brevemente a seguir para manifestar suas ideias insurgentes em prol de éticas bixas.

decolonial sobre a distribuição imperial-ideológica do mundo e das vozes deste mundo. Portanto, substituamos ‘Global’ por Histórias Plurais, pois na pluralidade habita uma relação horizontalizada das explicações sobre gêneses do mundo, das interrelações culturais (para além do campo violento das mestiçagens) e saberes não-ocidentais.

4.2 CONTRIBUIÇÕES DE PACO VIDARTE

rotas de fuga y fogo vivenciando éticas bixxxas

Figura 19 – Fotografia de Paco Vidarte



Fonte: Folha de SP

Francisco “Paco” Javier Vidarte Fernández (1970-2008) foi e seguirá sempre sendo um ilustre crítico filósofo espanhol, cuja essência de suas investigações dá-se em torno das questões de sexualidades dissidentes no cenário ativista libertário, inclusive participando do grupo Radical Gai, cujo foco movimentava a dinamitação do heterocentrismo vinculado ao âmbito religioso (especificamente católico) de seu país de origem.

Pensar em Paco é também considerar todas as ressignificações construídas no anterior à sua potência explosiva que desmontara processos de captura referente ao sexo, sexualidade, gênero e identidade, até o ponto onde suas noções sobre o fazer ético insurgente promoveu brechas para uma nova visão/movimento de existências emancipadas de todo pudor moral condicionado aos moldes da cultura que prioriza e anuncia uma pré-relação de todos com a heterossexualidade e demarcações generificadas.

O autor entendia e carrega em seu legado de insurgências - para além do que tudo que escrevia - como sua vida precisava ser uma faísca que interrompesse tal ordem heteronormativa que prega suas cartilhas reducionistas de ordem, força e violências discriminatórias, levando as criaturas indesejadas a não se frisarem em torpores conformistas de uma existência planejada e alçar voos maricas mais fecundos em ruptura, novos desejos e éticas promovidas pelo cú. Seu motivador para pensar uma aliança LGBT subversiva vinha e vem da autonomia excremental que rompe a sistemática de submissão e sujeição para quebrarmos em nós mesmos, de forma coletiva e autônoma, as maquinarias de tipificação da desigualdade, marginalização e egocentrismo classista.

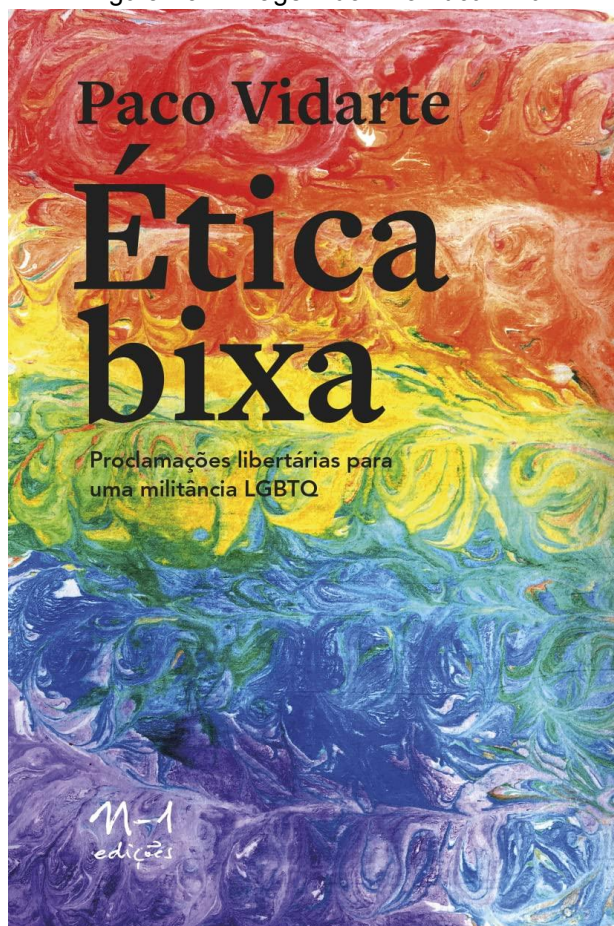
Paco, portanto, foi além da liberação sexual gay e promoção de uma campanha de assimilações à vida heteronormativa. Conseguiu a partir de ações reflexivas e atitudes em sua vida promover um novo sujeito grotesco, monstruoso e maricas nessa trajetória; cus coletivizados que pensam fora de caixas empilhadas e classificadas - cus que são solidários, comprometidos e que possuem uma tarefa transformadora de revolução além-comunidade, sendo assim, uma sociabilidade militante de maricas.

“Acredito que já deve ter uma galera diversa nessa porra de país que vai ler com prazer a minha revolta, minhas ilusões, minha tentativa de fazer algo, a minha apaltronada chamada para a ação, para a crítica, o inconformismo, para rescussitar antigas palavras de ordem, acabar com a fala mansa, aumentar o acirramento do lado de cá - tudo está acirrado menos o mundo gay, não é legal? - mentir, incomodar, xingar, desestabilizar, desmascarar, insultar, arrastar pela lama quem sabemos que veste a carapuça, eu odeio ser arrastado pela lama, lama é barro e eu sou de barro, tenho os pés de barro, a xana de barro. A todos que estiverem a fim de gritar, desabafar, atacar, formar uma frente bixa, qualquer coisa que incomode, incomodar, sair da apatia, ser responsáveis. Creio que esta comunidade de afinidades existe, e não é necessário que todos sejam bixas, lésbicas ou trans. O resto é resto.” (VIDARTE, 2019: 15)

Um dos seus livros mais significativos, cujo trecho fora acima mencionado e será trazido à luz do exposto confrontativo é o “*Ética bixa: Proclamações libertárias para uma militância LGBTQ*” (traduzido para português em 2019), a qual sua insatisfação e irrisignação ganha forma, cores rubras, tom firme, toca em feridas

frente às estruturas de paralisia política existentes, justamente para dizer uma grande NÃO aos silêncios, conferindo voz aos discursos historicamente silenciados e transformados em cinzas para organizar a saída do fundo do poço.

Figura 20 – Imagem do livro *Ética Bixa*



Fonte: Amazon

Seu marco está na forma de escrita em primeira pessoa, que permite uma proximidade e conexão não apenas com Paco, mas com todas as suas pontuações e indignações problematizadas ao longo de seus oito capítulos. O estopim das negociações para entrada de uma militância, segundo o próprio, cachorro louco (p. 71): ou seja, interromper o pensamento de negociação confortável à bolha hetero para escalar uma ética bixa que se faça por outras vias éticas; não mais a ética construída por aqueles que ditam o provável, o pensável e o corrigível. Essa reflexão tenciona uma intenção. Intenção, essa, que deseja dissociar-se da individualidade em busca de “comunicar um modo de vida, de ação, de comportamento, de sociabilidade, de inscrever-se no contexto concreto [...] com o intuito de que suas

propostas sejam compartilhadas e entrar em sintonia com as de outros membros da comunidade gay, sem a qual [...] pode se pensar como indivíduo [isolado].” (p. 21)

Isso deve transbordar, acometer e causar o resgate de memórias, cujo capitalismo, neoliberalismo e formas estatais/normativas de estruturar a ética não permite ser tocada pelo esvaziamento. E não apenas Paco, mas Margareth Rago, Daniel Guérin, Frédéric Martel, Roma De las Heras Gómez, Vikky Storm, entre outros pensadores anarcossolidários e anarco-intempestivos se propuseram a bater de frente com essas imposições de gênero, sexo, sexualidade e identidade.

Permeando essas trilhas de fuga y fogo que tantos autores se dispuseram a refletir e desconfigurar a maquinaria com dissimulações, ameaças e desusos do corpo de fácil leitura, vamos às organizações e lutas que tornam palpáveis as alternativas e cenários libertários de se fazer atitudes éticas inovadoras, livres, independentes e movidas de energia orgiástica dos prazeres impuros nas políticas de desvinculação à norma.

5 ORGANIZAÇÃO E LUTA

Conectando esse propósito de organizações horizontais de solidariedade a aspectos além-pandêmicos, além-Estado e além-burocráticos ou estritamente reformistas-representativos, é vital analisarmos como os estudos kwirrr e as ações diretas libertárias se encontram como práticas de resistências cotidianas na luta LGBTQIAPN+ explosiva, descentralizadora e antirreformista para contribuir com ideias e meios de organizar a revolta, driblar o necropoder, sem perder o ânimo das potencialidades imaginativas e disruptivas.

Muitas pessoas se questionam: *“como diabos estar combatente contra as opressões e normatizações que nos cercam culturalmente e parecem se alicerçar de artifícios prisionais tão rígidos?”* As palavras são: insolências, autodefesa, autodescobertas e fazeres coletivos com afetividade. Nenhuma revolução (seja ela libertária ou de outras características) foi e segue sendo pacífica, autorresolutiva ou entregue em bandejas de prata àqueles que têm questionamentos constantes sobre relações de poderes que mudam sucessivamente.

É possível observar na atualidade (sobretudo a brasileira pós-COVID) muitos armazenamentos discursivos das disciplinaridades pela exaustão. São *cansaços arquitetônicos*. Seres em interações tecnoglobalizadas⁶⁷ imersos sob relações neoliberais (individualistas ao extremo) de meios ultratecnológicos, a qual as marcações do espaço-tempo político se tornam metódicas e esgotantes.

A fadiga vai além do tópico saúde mental e física. As regulações tecnológicas enquanto exercício supra-local criam resiliências ultrasedentárias adoecedoras e discursos de “cair no jogo do fascismo” ao promover uma posição combativa. Com tantas polêmicas, espetacularizações, rotinas excessivas, encargos exorbitantes, violências habitualizadas, (auto)cobranças desenfreadas, relações

⁶⁷ Usa-se a junção dos termos ‘tecnologia’ + ‘globalização’, sendo assim tecnoglobalizadas, uma vez que as tecnologias tornam-se tão avançadas e planetárias, que entram em um contrato dual. Consome-se de tudo em instantes no meio digital, transbordando informações de relações culturais diversas como um efeito “global” e “acessível”. É possível acompanhar notícias, entretenimentos e comunicações com cliques rápidos, automáticos e sensivelmente esvaziados.

virtuais maximizadas, desastres repentinos, funcionalidades remotas, empreitadas capitalistas, medos do amanhã, buscas por felicidades e sensações, controles fármacos, precariedades tornadas artificiais, monetizações da banalidade, *coaches* com fórmulas/tutoriais infalíveis e muitos outros processos absurdos, tudo parece desgastante, enérgico, insolucionável e/ou desnecessário de debater/aprofundar demais. Tudo parece um saco!

Vidas esgotadas dão menos trabalho. Elas mesmas se autorregulam, se autopunem, se autodestroem. Neste processo, as próprias vidas no ápice do cansaço se comprimem, aceitam normatividades, destinações, serventias e que as coisas são como são; aceitam qualquer esclarecimento em nome do falso sentimento de paz e tempo para digerir as informações intoxicantes ininterruptas. Logicamente, essa falsa paz torna reduzido o senso (auto)crítico. O capitalismo sabe onde atingir cada um. Os apetrechos tecnológicos também. Se por um lado a expansão tecnológica nos permite facilitar processos e aproximar realidades distantes (inclusive denunciando casos e os apresentando como não-aleatórios), por outro ela devora a capacidade de um *devoir expressivo*. Ou seja, sabemos os benefícios que as tecnologias trouxeram por dado sentido, porém não anula-se o modo como impôs sobre nós o que é um tipo de fazer revolucionário e favorecido ao privado (mesmo que viralizado ao *cyber-público*).

Entre a força de inflamar pessoas para solidificar lutas públicas ou simplesmente emitir notas contraditórias como *cyber-protesto* - habita máxima adversidade. Esse é um dos contextos das resiliências ultrasedentárias adoecedoras. Nesse sentido, a resiliência ganha um tom de resistência, tom tão cínico, que parece construir uma linguagem humana que aceita as violências civis-estatais com discursos de “lide com as situações de forma mais leve”, “bem estar acima de tudo” e “edueque o seu opressor pedagogicamente para transformar o *status quo*” - piadas prontas! Devemos mesmo nos cegar a esse ponto? Achar que as violências são tão cinicamente simbólicas a ponto de ignorar como atravessam existências marcadas feito pasto, incorporadas em um regime de diminuições, mas toleradas como expressão de uma democracia que por teoria inclui, mas estimula menos revoltas e/ou inconformidades e mais pacifismos e ciladas das incorporações por vias legais, jurídicas e regradas?

Ainda sobre o conceito e o descaramento da resiliência:

“A etimologia da palavra resiliência provém do latim (*resílio*), no qual situa-se como verbo (re+salio), designando voltar atrás, ou saltar para trás, recuar, retirar-se sobre si mesmo, desdizer-se, encolher-se, distender-se. Resílio, ainda, é uma denominação, utilizada para nomear um dos ligamentos entre as valvas, conchas, de um molusco segundo a gramática presente na anatomia zoológica de invertebrados.

Uma anotação inicial já vale ser indicada sublinhando que a palavra resílio é um dos termos atuais, também, recorrentes para intitular investimentos que valorizam a resiliência como conceito-chave para a *gestão de pessoas* voltada aos gerenciamentos de crise, superação de *stress* no ambiente de trabalho, contudo não restritos a ele.” (OLIVEIRA, 2012: 106)

A resiliência impregna-se por diferentes espaços e tarefas humanas, que proporcionalmente ofertam otimizações e adequações positivadas a partir da amplitude de ser vulnerável normativamente às vias de gestões empreendedoras, sendo, como resultado, palavra de ordem para superação da raiva, ódio, contraconduta e alianças emergentes. Um cálculo diretamente produzido à ultra-extensão necroliberal “transmutando os ranços do desempenho, da competência em *performance eficiente*. Em sua atividade incessante de restaurações diante de degradações como forma de governo de restauração do vivo.” (OLIVEIRA, 2012, p. 107)

Seu desencontro com a resistência inflamatória está, sobretudo, no fator de conversão humana ao resílio como estrutura neocolonial linguisticamente e posturalmente eficientes. O apaziguamento de confrontos, conflitos, motins e barricadas por gestos sutis de gentileza e da elevação do espírito, nos cuidados de saúde mental e físico, na profundidade de sua essência etimológica para expulsar multidões, os enfurecimentos, produzindo dinâmicas de paz cravando uma guerra. Logo, prontificando em ser “camadas justapostas de uma concha protetora, conservadora. Não há pérola alguma surpreendente a sair desta ostra. Apenas ávidos negociadores que, dependendo da circunstância, explicitam seu desejo de dizimação, como proto-algozes de seu duplo inerente enquanto condição de assujeitados pelo conceito de vítima indissociável da própria resiliência.” (idem, ibidem, p. 107)

Modelos baseados em normas moldáveis que superam a docilidade dos corpos para absorver atitudes pelo medo das fissuras romperem estes pactos. “Resiliências e o que, e quem, elas produzem não suportam fissuras.”(id., ibid.)

“A resiliência, e suas voltas tautológicas em torno do “ser resiliente”, do “estar resiliente”, do “alguém resiliente”, do “algo resiliente” da recomposição e restauração do SER como resiliente, é a mais perfeita tradução do ápice de gente tornada existência invertebrada, como aspiração de ser alguém melhor na vida, também como duplo complementar da vítima sob a continuidade e redimensionamentos do governo de misérias que se iniciam pelo regime do castigo.

Resiliência, resílio, resálio. A resiliência, com seus resílios, reduz a vida e a saúde a um empreendimento de segurança, protegidas e protocoladas por infundáveis direitos de existir como sobrevivência invertebrada, *sobrevivência e existência dos sem osso.*” (OLIVEIRA, 2012: 108)

Até o ato de fissurar normas tornam-se cômodas, definidas e estáveis no processo ultrasedentário neoliberal *cyber*-proveniente. Protestos virtuais que imobilizam conflitos, abaixo-assinados que beneficiam tão somente institucionalidades, campos acadêmicos que não saem das redomas de vidro, seres vivos que dormem e acordam cedendo aos níveis mais profundos de assujeitamentos. A *cultura da paz* que dá ênfase aos projetos de desenvolvimento que repercutem salvacionismos (*à la* cristão-coloniais), uma predileção por extremas vulnerabilidades como projeto de pacifismo, justiças restauradas para tornar o sentimento de proteção como efetivo. No fim das contas, o resílio se beneficia apenas de um *por vir da esperança* que não atinge graus de colisão alguma, apenas de um autoconforto psicológico pela tentativa, mesmo falhando em resultados. É quase uma técnica econômica ora de viver pela militância virtual ora de introjetar o esgotamento no ofício de solitariamente contribuir dentro da liberdade que nos é individualmente sistematizada pelo capitalismo.

Compreensível que estar exposto em uma manifestação de rua, por exemplo, é automaticamente estar sujeito à violência policial, civil, entre outras, e isso causa medo, pânico e insegurança. Contudo, utilizando-se das palavras de Maria Lacerda de Moura: “Não podemos pactuar com o canibalismo desta sociedade de vampiros a sugar todo o esforço humano e cuja preocupação absorvente é

inventar meios policiais de repressão à coragem heróica da resistência, é criar meios científicos e empregá-los legalmente na técnica da maldade oficializada.” (2021, p. 09)⁶⁸ Por isso, tenhamos a consciência de que os afetos libertários devem ser o pressuposto da coletivização; para além da luta, há os afetos garantindo que os riscos sejam menos impactantes, no entanto, ainda são riscos. Riscos a tantas/es que mesmo produzindo seus discursos virtuais, seguem disponíveis no *offline* à vida real, mesmo sabendo da presença de violentadores infiltrados ou à espreita. Nesse sentido, estar coletivizada/e é construir barricadas de corpes-bomba.

Se a brutalidade é factível, tal qual seja a possibilidade de recusar as hegemonias universais com inventividades, as capacidades de se defender contra agressões e ofensas, de seguir pelas *fronteras* do nosso devir com fúria nos olhos e saber que há meios para participar e/ou montar os próprios coletivos e saberes que auxiliam no processo de organização revolucionária. Usemos o *cyber* como descontinuidade dos projetos de cansaços, tornando-o parte estratégica de chamado às táticas de inflamações e trocas de carne e osso.

Para estimular nossos ânimos inflamatórios, conhecer a artista e ativista libertária Bruna Kury é fabuloso, pois reflete as compreensões além-*queer* hegemônicas unindo-se aos propósitos inseridos nesta pesquisa: pensar dissidências por outras linguagens, com aprofundamentos decoloniais e rompimentos com pactos normativos. A mesma utiliza sua corpa enquanto criatividade e potência de atravessar questões de gênero, classe e raça.

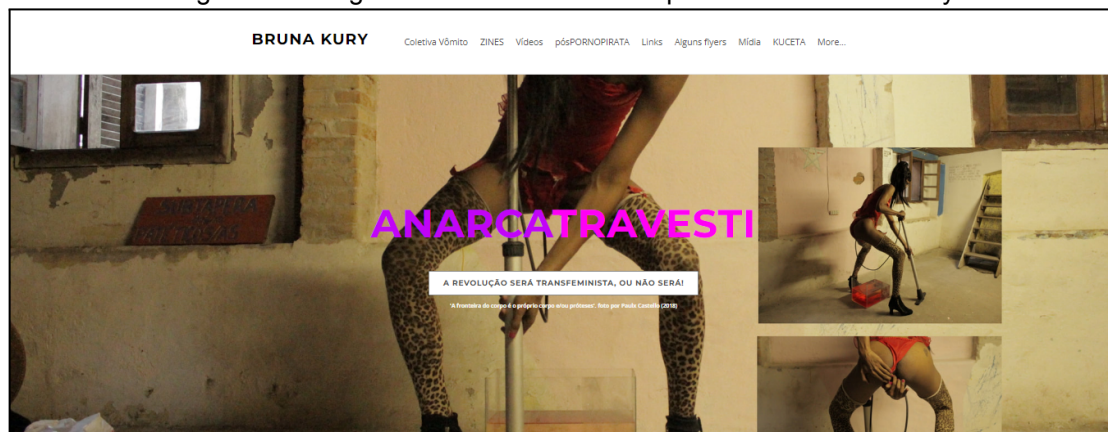
Segundo o *Weebly*, que aborda mais sobre sua trajetória, tanto de existência quanto de resistências contínuas e reflexões libertárias decoloniais:

“Bruna Kury é brasileira, anarcatransfeminista, performer, artista visual e sonora, atualmente reside em São Paulo (BR) e desenvolve trabalhos em diversos contextos, seja no mercado institucional da arte ou em produções de borda. Focada em criações atravessadas por questões de gênero, classe e raça (contra o cis-tema patriarcal heteronormativo compulsório vigente e a opressões estruturais-GUERRA de classes). Já performou com a Coletiva Vômito, Coletivo Coiote, La Plataformance, MEXA

⁶⁸ MOURA, Maria Lacerda de. Serviço Militar Obrigatório para Mulher? Recuso-me! Denuncio! São Paulo: Barricada Libertária, Dança das Idéias, 2021. Disponível em: <https://anarkio.net/wp-content/uploads/2021/03/ServicoMilitarFemininoMLM.pdf>.

e Coletivo T. Colaboradora nos selos Monstruosas e Fera Livre. Atualmente investiga sonoridades no pósporno e a criação de objetuais que são ramificações do trabalho com performance.” (KURY, s.d.)

Figura 21 – Página inicial do *website* independente de Bruna Kury



Fonte: brunakury.weebly.com

Com suas performances anarcas e atitudes decoloniais, Bruna cria experimentações e traz novos olhares para corpos fora do espectro cisheterossexual, entendendo que são corpos sujeitados às violências histórico-socialmente, mas acima de tudo fluem ingovernáveis e descobrem nas ações diretas, no pornoterrorismo da póspornografia⁶⁹ pirata e pelas encruzilhadas de intersecções contraculturais dialógicas, as produções independentes e anticapitalistas como máquinas de guerra contra os discursos cientificistas, estadistas, representacionais, reformistas e higienizantes.

Em sua contribuição cativante y radical com o texto-manifesto “*A póspornografia como arma contra a maquinaria da colonialidade*” no livro de publicação independente e produzido em sociabilidade com as Coletivas Fera Livre e Monstruosas em 2021, também publicado como artigo no livro *Teatralidades Diaspóricas* pela ECA-USP em 2021, as reflexões abordadas voltam-se para a não-reprodução sistêmica do Norte Global em relação às questões pornográficas que condicionam maneiras de industrializar o sexo com foco exclusivo no

⁶⁹ A póspornografia segundo Bruna Kury: “vem para as dissidências e corpos marginalizadas falarem sobre si e vivenciarem prazeres contra hegemônicos.” (KURY, 2021, p. 275) Logo, a prática sexual libertária inserida nesse contexto trata-se da “necessidade de repensar o imaginário sobre as sexualidades” (ibidem, p. 276). No entanto, alerta criticamente: “Tenhamos em vista de onde vêm e o que acessamos de pósporno, queer, punk, e diversas práticas que chegam a nós como subversivas e contestadoras.” (ibid., p. 282)

androcentrismo, normatividade, padrões corpóreos, imagéticas falocêntricas e idealizadas. Um dos pontos tocantes em relação às realizações antissexistas nessa e em outras atitudes libertárias ora de fluídos ora de afetividades está justamente no fato de não ser uma comercialização banalizada nas apropriações mecânicas do capitalismo, logo, potencial de revisitações críticas circunstanciais para não cair nas mesmas armadilhas coloniais que gestionam limitações e meios de se conduzir isso.

“A potência está também em questionar a colonialidade nessas manifestações. O que não significa que a potência de fazermos uma póspornô sudaka, kuir e no Cu do Sul não seja transformadora e até revolucionária. O corpo e a performance como campo de batalha!

É iminente a necessidade de repensar o imaginário sobre as sexualidades, e isso ramifica para vários outros setores/estruturas sociais. Devemos nos atentar as interseccionalidades para desconstruir e destruímos essas caravelas que forçam entrada em nossas mentes nos normatizando.” (KURY, 2021: 282-283)

Considerando todos os instrumentos coloniais e ferramentas de refinamento do projeto modernizador euro-estadunidense esfregados em nossas faces com a normatividade se impregnando universalmente como discursos, ações e conhecimentos, cujos corpos brancos, heterossexuais ou heterocondizentes e clinicamente saudáveis são referência hegemônica para as tecnologias biopolíticas em prossecução, ter “a corpa diaspórica, transgênera, indígena, intersexo, gorda, com diversidade funcional, soropositiva, toda corporalidade que não segue a norma hegemônica branca, magra e dita saudável...” (KURY, 2021, p. 285) é um grito de ódio emancipatório nos ouvidos conservadores, justamente porque cria as emancipações ingovernáveis inventando efervecências anarcakuir desconectando vulnerabilidades ao penetrar nas coletividades desviantes deixando explícito que “essas corporalidades têm que ser respeitadas e não fetichizadas, chega de objetificação dos corpos!” (idem, ibidem)

Os esgotamentos com empreendimentos da categoria Humano oferecidos pela norma é o salto aos posicionamentos que não se reservam a esconder discretamente potenciais vergonhas armazenadas nesses necroliberalismos calculistas que elaboram as próprias diversidades e/ou preconceitos/intolerâncias. Quando chamamos pelo nome que toca na ferida exposta - E X T E R M Í N I O -,

mero proveito mercantil e de controle, passamos a interromper ciclos viciosos da hegemonia capitalista criadora de mazelas, descasos e esquemas de pirâmide, tornando as náuseas em potência, bem como coloca Bruna em seu texto-manifesto: a heterociscastração decú (2021, p. 289) funcionando como ramificação das relações e entusiasmando fissuras intempestivas sem clamores resilientes.

Estando parte criativa e inspiradora de modo totalmente horizontal nas organizações e lutas libertárias, Bruna fundou a Coletiva Vômito⁷⁰, núcleo de sociabilidades libertárias que preza por afetividades subalternas em transformações e mutações compartilhando de performances, que segundo o blog, trata-se de uma “coletiva sin fronteras sobre entulhos de rebeliões acumuladas, merda e purpurina.” (VÔMITO, s.d.) e a motivação inspiradora da palavra V Ô M I T O vem da manifestação dissidente anti-higienista que produz arte com excrementos.

“Vomitamos a nós mesmas para nos reinventar, para não sucumbirmos caladas, para perturbar a norma e implantar desconforto aos que nos subjulgam, vomitamos nossa própria carne, nossa radioatividade, nossos vírus para que todxs se infeccionem, purpurina de nossos ossos.” (VÔMITO, s.d.)

Figura 22 – Logotipos-manifestos de apresentação utilizados pela Coletiva Vômito



Fonte: coletivavomito.wixsite.com

Com alegria anarka e sangria nos olhos, essa pesquisa tem orgulhosamente a participação da Bruna, que para além de contribuições com uma entrevista exclusiva, provoca a mim e potenciais leitoras/es sobre suas impressões políticas sudakas através de cosmovisões pessoais e coletivas de afetos, solidariedades, corpas-resistência, encontrando rotas de fuga nas *fronteras*, movimentos, pelas

⁷⁰ É possível saber detalhes e atualizações sobre a Coletiva Vômito no blog independente na plataforma Wix através do link: <https://coativavomito.wixsite.com/anarcatrans>.

encruzilhadas, a chama que nos evoca a depender minimamente das assistências benevolentes estadistas e amarras dependentes da normatização resultante em necropolíticas para vivenciarmos e aclamarmos corpos sem pregas.

A vontade do convite partiu exatamente dos objetivos contextualizados nos aprofundamentos deste estudo, dando efetividade aos saberes libertários que não se prendem nas mesmices teóricas reprodutoras de uma visão *queer* euro-estadunidense que sempre esquecem locais de enunciação decoloniais, interseccionais, mestiças e/ou expressivamente fora das prisões uniformizadas que apagam a celebração enérgica de fugas, desvios, alteridades e ressignificações libertárias dessas tecnologias de comunicação convencionais, tirando a partir de incômodos das mãos privilegiadas essa obsessão compulsória do poder, garantindo que todas/es as/es vozes sejam parte integrante para adiante dos confinamentos científicos, academicistas e profissionalizantes - A REVOLUÇÃO É SUBALTERNA E FEITA POR ESTILHAÇOS DE VIDRO KUIRKAÓTYK!

5.1 ENTULHOS DE REBELIÕES ACUMULADAS, MERDA E PURPURINA: *uma troca qwyuer-crítica!*

Figura 23 – Bruna Kury na performance *Gentrificação dos Afetos* com Gil Porto Pyrata em 2021



Fonte: Captura de tela realizada na publicação da artista no Instagram

Como reflexão constante e contínua de trocas experimentais, pensar táticas libertárias nas travessias, redescobertas, aprendizagens desprogramadas e fluidez não-normalizante, convidei Bruna para participação ampliadora dos horizontes de reflexões e inventividades em uma troca que fosse mais confortável mediante rotina e agenda da mesma. A partir de conexões com o Coletivo Coiote durante minha pesquisa para Trabalho de Conclusão de Curso em Ciências Sociais entregue à banca em 2018 foi quando conheci virtualmente entre meus escritos os manifestos-performances e trabalhos artísticos realizados pela mesma. Encantady por tudo que expressava já sabia daquela época que queria sua participação caso conseguisse uma bolsa de Mestrado.

Com a preparação e andamento de um roteiro semiestruturado, tomei liberdade de enviar um e-mail a ela em Setembro de 2022 realizando um Convite

Anarcobicha ① para saber sobre seu interesse na participação, o que no dia seguinte Bruna concordou muito carinhosamente, apenas me alertou que estava de viagem e procurei ajustar a melhor forma em vista disso para finalização do roteiro e envio com os termos cobrados pela Plataforma Brasil. Nisso, seguimos umy a outry também na plataforma Instagram para um contato mais prático, além de ser uma alegria imensa, pois ampliou nossa sociabilização e afetividades.

Com a impossibilidade de realizar uma entrevista mais formalizada na época, seja voz ou vídeo, devido sua mudança de país recente e a necessidade de tempo para se organizar e firmar, combinamos algo menos interativo na realização, porém não menos potente. Enviei um roteiro semiestruturado fluído com imenso carinho contendo 10 blocos, cada um com diferentes pontos temáticos e 4 perguntas para cada tópico, somando 40 perguntas totais, a qual dei total liberdade para que respondesse por interesse pessoal, tornando a experiência de respondê-las uma tecelagem mutante aos interesses valiosos para essa pesquisa.

Por ser uma entrevista de perguntas e respostas, não houve necessidade de gravação e transcrição, apenas a rebeldia libertária que a inspira individual e coletivamente em saberes horizontais e de vivências cotidianas para que em união criássemos essa máquina de guerra que efervesce ideias anarquistas por diferentes diferenças em simultaneidades recíprocas. Nos blocos contidos, as temáticas apresentadas foram:

Bloco 1

VIDA PESSOAL

Começando mais leve e descontraída as trocas, permitindo que Bruna se sentisse confortável para pontuar seus devires, transformações e apresentar a si como considerasse mais interessante, nos dando também a oportunidade de se aprofundar e se conectar com ela.

Quem “é” a Bruna Kury para você?

Bruna: Uma pessoa em processos de transições constantes. Artista, ariana, desbocada, intensa, revoltada, sensível, apaixonada pela vida.

Você se identifica com algum gênero, orientação sexual e raça?

Bruna: Travesti/Mulher trans, kuir e negra.

Onde você nasceu e onde você vive atualmente?

Bruna: Nasci no Rio de Janeiro e atualmente vivo em Barcelona.

Como são seus processos pessoais de autodescobertas no dia a dia? Quais são as maiores batalhas que você enxerga na sua vida pessoal hoje?

Bruna: Viver nesse planeta é autodescoberta a todo momento, acredito que nas relações interpessoais que estabelecemos no cotidiano, no coletivo, isso é o princípio para questionamentos e apontamentos sobre possibilidades de felicidades.

São muitas as batalhas, mas ser uma migrante na Europa, racializada e trans é arrebatador.

Bloco 2

VIDA PROFISSIONAL

Aprofundando um pouco mais sobre sua vida, esse bloco permitiu que Bruna entrasse na parte cujo capitalismo neoliberal intitula por profissional, mas que entendemos nas éticas qkwyr que são possibilidades de subversão mantendo-se viva/e nesse contexto de mundo que necropolitiza anormalidades. Mergulho convidativo para trazer detalhes sobre suas performances, produções artísticas libertárias e conexões criativas que geram aquí (dinheiro) para resistir e se manter.

O que você faz profissionalmente em termos de trabalho(s)?

Bruna: **Trabalho bastante com performance e escrita, mas também diversas ramificações desse trabalho com o corpo, como objetuais, pinturas, sonoridades etc.**

Como seu profissional te transforma na vida e no cotidiano?

Bruna: **Estão extremamente entrelaçadas vida e trabalho. É um vasculhar a colonialidade que afeta diretamente nas minhas percepções de mundo.**

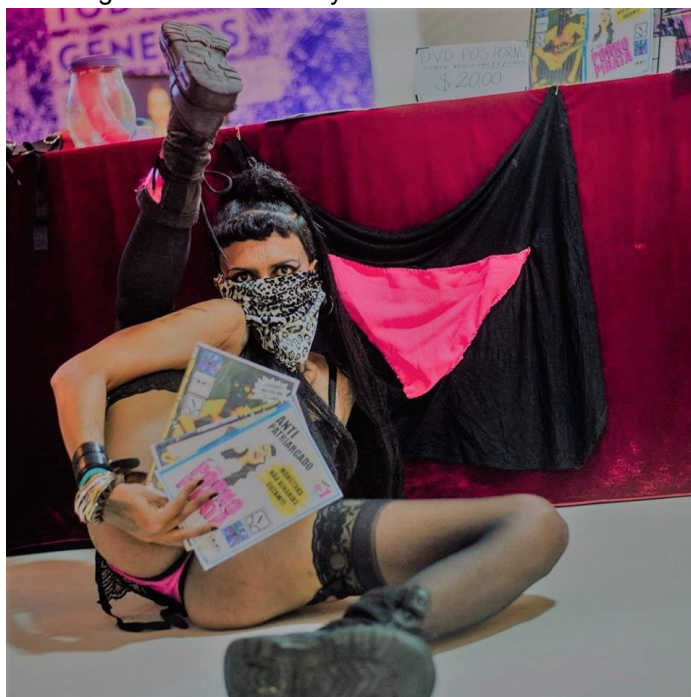
Quais os tipos de impactos que sua(s) profissão(ões) repercute(em) em você e nas pessoas?

Bruna: **Admiração, choque, angústia, identificação, repulsa, desejo. São diversas as afetações. A mim o impacto é a maioria das vezes de conseguir expurgar o que acredito ser pertinente para uma modificação social ou ao menos um declínio da norma estabelecida em favor a outras perspectivas anticoloniais.**

Seus trabalhos são totalmente profissionais ou também são realizados por outras vias?

Bruna: **Como disse, as coisas se mesclam.**

Figura 24 – Fotografia de Bruna Kury na manifesta PORNOPIRATA de 2017



Fonte: brunakury.weebly.com

Bloco 3

ⒶNARQUIAS

Os anarquismos e a atitude anarquista estão sempre presentes, contribuindo com a ênfase de um contra-espetáculo contracultural decolonial, surpreendendo por seus terrorismos chocantes nas contracondutas e anormalidades em criações sem esgotamento. A anarquia transforma as revoltas em forças estranhas que abdicam do controle, mas conjuram novas liberdades não-liberais, mas sim liberdades antifascistas, não-autoritárias e capazes de autonomia individual e coletiva nos fazeres constantes da mutação das existências a partir de ações diretas e artesanatos desafiadores de produção artística.

A política e a corpa estão intrinsecamente ligadas - inclusive por aprofundamentos de estudos da própria Psicologia Social -, permitindo apontar críticas sobre finalidades interlocutoras prontas e cimentadas do extremo racionalismo sobre as pessoas e o planeta. O anarquismo fronteiriço e antinecropoder quebra as barreiras de silêncios, apagamentos e cessações para caminhar adentro os riscos de outras percepções na coragem de dizer verdades que não são persuadidas como a verdade-polêmica neoliberal, explodindo mecânicas que operam pela normatividade e seus efeitos nocivos.

Como parte da vida pessoal e em suas teatralidades anticoloniais do grotesco nas performances dissidentes, essa parte, portanto, apresenta o olhar de Bruna sobre suas sensações e inquietações pelas subversões libertárias e caminhos políticos e subjetivos que a levaram a dizer B A S T A! enquanto descontinuidade aos dogmas e valores que no mundo hegemônico se caracterizam por regimes e tecnologias de poder que cooptam e esmagam violentamente existências monstruosas, contestadoras e capazes de nomearem a si de formas inomináveis pelas dissonâncias e assimetrias.

Como foram seus primeiros contatos com os anarquismos?

Bruna: Quando saí de casa ainda na préadolescência fui acolhida em uma ocupação anarcapunk em Natal-RN. Meus ideais encontraram na anarquia uma forte aliada.

Como você entende os anarquismos nesse fazer diário da vida? Você também participa de coletivos e/ou núcleos de sociabilidades libertárias?

Bruna: Redes de afeto me fazem persistir nesse lugar, os entrelaçamentos de propósitos em comum e articulações que burlem a tristeza do sistema dão força para acreditar em mudanças para além das da roda capitalista. Participo como colaboradora dos selos independentes FeraLivre e Monstruosas, e de alguma forma me relaciono com movimentos libertários em várias parte do mundo, existe um movimento transfeminista que a cada dia se potencializa em novos encontros e formas de resistir.

Bloco 4

TRANSFEMINISMO

Bruna, em sua potência anarkatransfeminista, teve amplitude nessa parte para percorrer por tópicos políticos do feminismo libertário e solidário, suas experiências trans-dissidentes, a dimensão corpórea no impacto da interseccionalidade, decolonialidade, diferentes diferenças e redes de apoio construídas em prol da vida e existência em confronto à morte CISTêmica.

CISTêmica, com o uso do cis, pois é uma morte apoiada e menosprezada simultaneamente pelas pessoas cisgênero da classificação hegemônica e burguesa, uma vez que a normalidade binária procura reformar biopsico-estruturalmente a população trans ao heterocentrismo, cobrando que se entupam de fármacos, terapias e realizem operações de mudança de gênero, assim, violentando com tecnologias generificadas, mas nunca com pretensões de torná-las peças da cidadania no jogo condicional, apenas fiscalizar a manutenção sadia dos binarismos, dicotomias e pretensões neoliberais por discursos de generosidade, o que é uma farsa, pois são patologizações camufladas.

A partir de uma entrevista realizada com Pêdra Costa em 2017, há um apontamento a qual faz unificação imediata em relação ao deslocamento social das monstruosidades - essas corporeidades dissidentes e marginalizadas -, dentro do

espaço social neocolonizado e territorializado tecnoplanetariamente por ideias compulsórias, supremacistas e de demarcações vigilantes:

“O principal desafio, para as pessoas que se reconhecem como kuir no Brasil, é estarem conectadas aos nossos antepassados que desafiaram as normas de gênero herdadas da colonização e conectadas ao conhecimento mágico, ritual e comunitário, de luta e de cura. Não precisamos de teorias para ser potentes, mas precisamos lembrar e nos reconectar, porque o esquecimento e a individualidade são armas do projeto colonial.” (COSTA, 2017: 469)⁷¹

Pensar questões libertárias transfeministas pelos trópicos e Sul Global é provocar o giro decolonial e dialógico não frisando uma nova dimensão de gênero, mas críticas e destruição do gênero, principalmente por ser um fio condutor da modernidade enclausuradora, bem como reexaminar todo esse imaginário de racialização e subalternização de corpos bem específicas.

Entendendo a interseccionalidade como um processo solidário e revolucionário nas trocas recíprocas das diferentes diferenças, qual você acredita ser a importância da interseccionalidade nos feminismos e em sua vida enquanto revolução política?

Bruna: A interseccionalidade é uma tentativa de conseguir entender os privilégios e marginalidades e nessa encruzilhada poder seguir por um caminho que mortabilize menos pessoas nessa roda da morte. Quando cavucamos e descobrimos como foi que as gerações passadas sofreram com a colonização dos seus e depois reverberou em nossos corpos, nossas vidas, podemos justificar o porque de uma reparação histórica urgente por exemplo.

Você participa de algum(uns) coletivo(s) transfeminista(s)? Por que, para você, é importante a existência política potente do transfeminismo? Quais pessoas (publicadas e não-publicadas) na amplitude das discussões feministas você considera importantes para discussões e que a galera está perdendo muito por não ler/conferir ou se aprofundar?

⁷¹ COSTA, Pêdra in: GADELHA, K. DeCulonização e diásporas trans: uma entrevista com Sanni e Pêdra Costa. *Revista Periódicus*, [S. l.], v. 1, n. 7, p. 458–471, 2017. DOI: 10.9771/peri.v1i7.22289. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/revistaperiodicus/article/view/22289>. Acesso em: fev. 2023.

Bruna: **Sou colaboradora dos selos independentes Monstruosas e FeraLivre, ambas transfeministas e articuladas por manas racializadas nordestinas (Akuenda e Linga Acácio).**

Figura 25 – Performance com part. da Diana Pornoterrorista
Festival de Pós porno An*rmal, 'DesCulonización', Cidade do México, 2017



Fonte: brunakury.weebly.com

Bloco 5

ESTUDOS KUIR

Observar o kuir enquanto estudos, práticas e não uma teoria hegemônica expande maneiras como observamos a experiência empírica anarquista em torno de atitudes incisivas que rompem as preferências circunstanciais em favoritismo ao androcishetero branco falocêntrico. A própria relação entre Terror Anal com as políticas ANALéticas são dimensões que fogem ao binarismo científico do pênis e vagina, pois trata-se de explorar prazeres por orifícios, articulações, excrementos e objetos inventados colocando evidência às marginalizações herdadas de um ponto de vista produtora do colonialismo, modernidade e instituições de conformidades e aprisionamentos aos corpos e experiências.

Abolir essa dimensão teórica, estática e euro-estadunidense de *queer* em prol de escritas mestiçadas, flamejantes e dissidentes é negar a incorporação não apenas como sigla identitária, mas como parte dessa captura estatal, reformista e

necroliberal, como já apresentado ao longo da pesquisa. Somando-se a isso, vem a decolonialidade mostrar que as lutas políticas do Sul Global são outras que não podem ser ancoradas por ideias do Norte, que as diferentes diferenças compartilhando dialogicamente experiências não devem nem querer se ancorar na revalidação do colonialismo, o olhar crítico de que enquanto criam-se teorias em bolhas privadas e acadêmicas, existe algo externo, horizontal e público que pulsa: a luta de rua, a luta viva, o movimento que se constrói em conjunto para provar que são ações diretas sem fórmulas, finitude ou afirmações de mega desconstruídas com tons comerciais de retenção e salvacionismo interligados.

Bruna, compreendendo e fazendo parte disso, principalmente por utilizar sua corpa como atitude política sexodissidente e por tornar essas vivências das performances, instalações, práticas com objetuais, textos-manifestos e participações de seu interesse, sem ser, mas estando parte de sua vida por indefinição mutante antirrepressão enquanto luta afetiva e solidária, pôde expor suas críticas e tecer suas apreciações a partir do que a comove, impulsiona e reconsidera nessa temática caleidoscópica e que não abrange evolucionismos, caminha com inseguranças, fracassos e alegrias da contraconduta.

Como foi seu primeiro contato com a terminologia 'queer'? Você considera importante situar a palavra fora dessa terminologia mais amplamente divulgada 'queer'? Você tem realizado novos aprofundamentos e/ou projetos recentes a partir dos estudos e práticas kwir?

Bruna: Minha amiga e artista Pedra Costa foi uma das pessoas que visibilizou o queer no Brasil com o projeto Solange, tô Aberta! E como ela mesmo pontua, chega no Sul do Mundo através de professores homens brancos gays, daí já dá pra perceber que os pontos de partida, eua-europa-branquitude formam um combo que não abarca vivências marginais radicais, que no Brasil são as travas, o movimento negro, indígena, etc.

O que você pensa dessa proposta LGBTQIAPN+ de tornar o 'Q' (vulgo Queer) como termo guarda-chuva na sigla? Para além disso, como você enxerga essa proposta

euro-estadunidense de tornar o Queer como uma captura identitária de “sou/ser” fixo e digerível?

Bruna: **Como o neoliberalismo se atualiza a todo momento e faz cooptações para depois tornar tudo digerível e assimilável, não me surpreende a captura. Tornar o Q um termo guarda-chuva da sigla pode facilmente se tornar o “novo” movimento GGGG ou QQQQ.**

M O V E R P A R A N Ã O M O R R E R
N Ã O M O R R E R P A R A M O V E R
P A R A N Ã O M O R R E R M O V E R
M O R R E R N Ã O M O V E R P A R A

Bloco 6

DECOLONIALIDADE

A decolonialidade é uma força libertária que se conecta às análises oportunas - jamais confundir com oportunistas - de observar epistemologicamente e nas lutas de rua, associadas a outros pensamentos de correntes emancipatórias, horizontes de realidades contra processos históricos que se transferem à modernidade hegemônica do saber, poder, natureza e absolutismo interpretativo que colocam sujeitas/es demarcadas/es à margem em exploração e abominação como resultado do progresso e estadolatria.

Boaventura de Souza Santos ilustrará essa ideia apontando-a como *epistemicídio* em seus estudos sobre colonialidade/modernidade, García Dauder abordará isso em suas pontuações sobre a psicologia a partir de saberes feministas por intermédio da substituição do *mito da ausência*, já nas ruas e nas lutas convocamos e enunciamos a abandonar esse *complexo de vira-lata*. De diferentes características podemos nomear essa saída ilusória do Éden do Norte Global para lembrar que corpos do Sul Global perduram condicionados à escravidão, exploração e extermínios, mas também, seguem células de fogo para sobrevivências, resistências e revoluções como maior foco e importância.

Decolonizar saberes é trazer para compreensões históricas a quebra de ficções narrativas que apenas apoiam mecanismos inventados para organização da vida. Mas quais vidas? As vidas que importam (e pasmem), são bem seletas e não incluem subalternos e territórios adjetivados por exóticos e selvagens. Por mais que queiramos acreditar que há mudanças, elas persistem, motivando a incomodar, radioativizar e gerar revoltas coletivas para criação de novos cenários invalidados. Sentar e esperar não é uma solução. Organizar-se e alterar-se são os confrontos que impressionam - escapes da brutalidade que internamente reviram os órgãos, tiram do lugar normal costumeiro essa dimensão orgânica mercantil para um despertar orgânico de oposições e antíteses políticas/antipolíticas. Políticas por inventividades coletivas coexistindo antipoliticamente com as proporcionalidades impostas por uma simetria de vassalagem capitalista.

A partir desses pontos já transitados com táticas e contracondutas dissidentes múltiplas e mutantes por Bruna, é importante enquanto sua posição de negra em um mundo que embranquece, heterotipifica e espelha iguais por entre diferenças invisibilizadas, desumanizantes e derogadas, intrigar suas revoltas libertárias e decoloniais com intensidade, proposta central nessa parte.

Na minha pesquisa utilizo muito dos saberes de Frontera da Gloria Anzaldúa, que é essa visão metafórica para nossas insurgências mutantes de corpo e existência e ao mesmo tempo uma visão estrita dessa territorialização imaginária civil-militar e colonial feitas para serem atravessadas e estar em movimento. Como você enxerga essa noção de Frontera? Qual a importância que você entende de um campo kwir fronteiriço?

Bruna: Fronteiras, do corpo, da mente, geográficas, impostas por instituições, estados.

Na questão da colonialidade do poder, como você ainda percebe as violências coloniais sobre seu corpo e vida? E quais são as lutas decoloniais que você posiciona como ação direta para esses atravessamentos violentos?

Bruna: O tempo inteiro percebo. As lutas que posiciono como ações diretas acontecem de diversas formas e em paralelo muitas vezes. Desde o fortalecimento entre manas e dissidências em acolhimentos.

Em uma parte da minha pesquisa, eu trago alguns apontamentos sobre neocolonialidade/neocolonialismo, que é exatamente essas extensões hegemônicas imperiais que perduram e se restauram para novas mecânicas de opressão e exploração. Para você, quais as ferramentas e tecnologias neocoloniais no Brasil e América Latina que seguem reiterando um valor colonial mesmo falando-se tanto sobre democracia, liberdade e globalização?

Bruna: A idéia da salvação é sempre uma mentira. Passamos por buracos muito estreitos no campo da sobrevivência, as políticas são mancomunadas, a lógica do menos pior é só para protelar ainda mais extermínios em massa, que alias, continuam acontecendo. O capitalismo nos engole. Quando mulheres brancas feministas começaram a reivindicar direitos trabalhistas ainda mantinham suas pessoas negras em escravidão. Quando o casamento igualitário homossexual é aprovado, ainda se mata travesti sem nenhum clamor público. Vida, felicidade e acesso são destinados a uma parcela muito pequena.

Por que você considera importante a dimensão dos saberes decoloniais nos anarquismos, nos feminismos - em especial, o transfeminismo - e nos estudos qwyrizados? Além disso, como você compartilharia às pessoas em busca de sair dessa prisão colonial de pensamento, universalismo e hegemonias no sentido de formas que podemos tornar nossas vidas mais decoloniais no fazer diário de existência e resistências?

Bruna: Entender que gênero binário é aliado da colonialidade, que heterossexualidade é um artifício de podar prazeres e forças motrizes de revoluções, venho a exaltar a vida em coletivo ancestral, da terra, das outras comunicações e saberes, que os anarquismos e feminismos não abarcam porque a branquitude está se vangloriando do conhecimento, do estudo, de saber mais, ou seja, colonizando até quando fala sobre decolonialidade.

Figura 26 – Faixa/bandeira feita por Bruna Kury escrito "MATE O BRANCO DENTRO DE VOCÊ" (frase do ex pantera negra e anarquista Lorenzo Kom'Boa)



Fonte: brunakury.weebly.com

Os blocos 7, 8, 9 e 10, por opção de Bruna, não foram respondidos, respeitando integralmente sua disponibilidade e interesse em escolher as perguntas que considerasse mais instigantes e estimulantes para respostas. O bloco 7 tratava-se de CORPOREIDADES, o bloco 8 de PÓSPORNOPIRATIA, o bloco 9 da COLETIVA VÔMITO e o bloco 10 de RESISTÊNCIAS. Blocos específicos que fazem conexões temáticas ligadas e coexistindo à essência da pesquisa, afinal, corpos labaredas, sexodissidências, sociabilidades libertárias e atitudes criativas de (r)existir são fragmentos, pulsões e sentimentos vivos de amar abertamente o que encarregam de nos fazer odiar dentro dado às normatividades engessadas, eclesiásticas e institucionalizadas.

Retomando uma frase da Bruna: “Viver nesse planeta é autodescoberta a todo momento”. Sem sombra de dúvidas estar estando é uma *frontera* a se percorrer invadindo, ocupando e ilimitando, sem medir qualidades/defeitos, bondades/maldades, isso ou aquilo, é constante dentro da assimetria da inconsistência de nunca mais querer ser nada, para viver tudo, pelas ruínas, espaços, afetividades, tempestividades, criando fragilidades que tocam diferente os sentidos internos e externos, porque não é colonialmente definido, é puramente indefinição subversiva.

Disso brotam as coletivas anarkokuiris - do chão de escombros, entulhos e lamaçal para nos manter de pé. Na solidão não é possível enxergar fora das paredes da branquitude, do privilégio, do medo, das crises, do ego. O agir coletivo ensina pelas trocas que não pertencem a ninguém senão a todas/es. Junto com a

Bruna teve essa chance de absorver novas demolições por dentro, verbalizando línguas de fogo na maniFESTA, na capacidade de narrar sentidos ingovernáveis de desejos e afetos, tornando-a amiga e fôlego. Que isso reflita em você, leitora/e, no interesse de persistir em suas alternâncias sem fonte teorizada de origem, contudo na validade das inspirações. Coletivizar ideias é uma maneira decolonial, deCULOnial e descolony de contribuir com o fim das mazelas criadas por aqueles que se eximem de descer dos pedestais, das placas de rua, das esculturas patrióticas e nacionalistas. Vamos derrubar, pixar e acabar com todas para rebelar nossas indignações e fazer jus aos que se foram, mas nunca sem luta!

5.2 SUBPOLÍTICAS DESVIANTES:

desprogramações sociais por coletivos latino-americanos

Para além da Coletiva Vômito realizando performances libertárias de contracondutas e desmantelamentos dos rótulos universais de gênero, identidade, sexualidade e higienização do sexo comportamental, há também outras organizações subpolíticas e *performers* do imundo realizando ações diretas a partir de uma percepção e ressignificação sudaca⁷².

Porém, antes de adentrarmos nelas, retomemos em Anzaldúa o sentimento dessa rachadura rebelde que aumenta mais e mais quando desafiamos as instituições, o social e nosso próprio psicológico a ser recusa de tudo que nos impõem goela abaixo:

“Eu não consigo ficar fora do meu próprio caminho. Sempre tive consciência de que existe um poder maior do que o Eu consciente. Esse poder é o meu eu interior, a entidade que é a soma total de todas as minhas reencarnações.

[...]

De repente, sinto como se tivesse outro conjunto de dentes na boca. Um tremor percorre meu corpo das nádegas ao céu da boca. No meu paladar sinto uma sensação de formigamento e cócegas, então algo parece cair em mim, sobre mim, uma cortina de chuva ou luz. O choque me tira o fôlego. O músculo do esfíncter se puxa para cima, para cima, e o coração na minha boceta começa a bater. Uma luz está ao meu redor - tão intensa que pode ser branca ou preta ou naquela conjuntura onde os extremos se transformam em seus opostos. Ela passa pelo meu corpo e sai do outro lado. Eu desmorono em mim mesma - um delicioso desmoronamento em mim mesma - implodindo, as paredes como palitos de fósforo se dobrando suavemente para dentro em câmera lenta.

[...]

Algo pulsa em meu corpo, uma coisa fina e luminosa que fica mais espessa a cada dia. Sua presença nunca me deixa. Eu nunca estou sozinha. O que permanece: minha vigilância, meus mil olhos

⁷² Sudaca é um termo pejorativo e xenofóbico utilizado por espanhóis para expor depreciativamente pessoas sul-americanas. Esse termo, assim como “viado”, “bicha” ou “trava” foi incorporado ao vocabulário de resistência sul-americana, sendo ressignificada positivamente como uso político de (auto)expressão e (auto)consciência.

de serpentes insones piscando na noite, para sempre abertos. E eu não tenho medo.” (ANZALDÚA, 1987: 50-51, *tradução nossa*)⁷³

Uma metáfora incrível para o que a criatividade permite que esse sentimento vibrante alinhado às atitudes possa criar conscientemente. Pode ser a faísca que sentimos por dentro, naquele entalar de garganta, alterando a realidade que nos cerca e incentivando um posicionamento mais crítico. Pode ser o fogo incendiando as barricadas, os *molotovs* e a participação em manifestações e revoltas populares. Pode ser algo íntimo ardendo intensamente como um chamado para se sentir mais completa/e/o na insolência às tradições e performáticas. Pode ser a raiva coincidindo com a coragem de existir, mesmo sabendo que se vive num campo minado de conflitos que enrijecem, contudo as recusas são certamente mais estimulantes e enérgicas. Pode ser a (auto)descoberta do corpo e do sexo em construção constante de gozos livres, sem tabus, sem aparelhagens de prazer, fomentando uma linguagem sexual que rompe com a pornografia monótono-hetero-higienista. Pode ser qualquer coisa. Pode significar qualquer coisa. Pode te implodir de várias formas. Pode te transformar para sempre.

De volta aos coletivos *qwiers* latino-americanos, onde corpos, vidas, mutações e guerrilhas radicais são coligadas como núcleo de revolta - tal qual a metáfora anzalduana nos fortifica -, temos um reviravolta transvyada fluindo da expulsão dos ininteligíveis culturais e abjetos da moralidade nessa dimensão pública estruturada para a criação das enunciações contraculturais e pondo em questão o que é a autodenominação da ficção identitária e as problemáticas da cooptação estatal-científico-acadêmica, justamente por propor atitudes de antíteses pelo desprendimento e desassimilação com todas as características de resguardo

⁷³ “I can't seem to stay out of my own way. I've always been aware that there is a greater power than the conscious I. That power is my inner self, the entity that is sum total of all my reincarnations.

Suddenly, I feel like I have another set of teeth in my mouth. A tremor goes through my body from my buttocks to the roof of my mouth. On my palate I feel a tingling ticklish sensation, then something seems to be falling on me, over me, a curtain of rain or light. Shock pulls my breath out of me. The sphincter muscle tugs itself up, up, and the heart in my cunt starts to beat. A light is all around me - so intense it could be white or black or at that juncture where extremes turn into their opposites. It passes through my body and comes out of the other side. I collapse into myself - a delicious caving into myself - imploding, the walls like matchsticks softly folding inward in slow motion.

Something pulsates in my body, a luminous thin thing that grows thicker every day. Its presence never leaves me. I am never alone. That which abides: my vigilance, my thousand sleepless serpent eyes blinking in the night, forever open. And I am not afraid.”

traduzível ou sistematicamente doutrinado e “civilizatório”. Em resumo: as atitudes cuir não está nem um pouco preocupada em fazer parte dessa cultura previsível, das pautas que perpetuam heterocentrismo, de ser parte de teorias universitárias, pós-estruturalistas ou pós-modernas, de criar um “método de ser e/ou fazer”, de colaborar com vínculos ontológicos ou ser parte de uma conversão de signos e símbolos de representações estagnadas. A preocupação está na existência diária pela antipolítica⁷⁴ libertária e na explosão de tudo que tornam estáveis essas impressões qualificadoras e classificatórias da realidade.

Para isso, utilizam-se das táticas. Táticas são subversões, diferentes dos mecanismos, que são repressões. As táticas se organizam pela ordem horizontal de participações e contribuições, além da proteção de seus comuns em luta. Diferentemente da ordem vertical do Estado neoliberal que se constrói por artifícios de controle, punição, individualismo, cárcere, exploração, obediência e contratos. Sendo assim, estamos falando de experiências sociais e produções performáticas dos incômodos que renomeiam sentimentos e não prezam pela fácil digestão das invenções coloniais subsidiadas na violência.

Geni Núñez, também conhecida por Geni Papos - pesquisadora em Psicologia Social, indígena Guarani e anticolonial - trouxe em seu Instagram um post de título “*Orientações sexuais e identidades de gênero: mitologias coloniais.*” cuja legenda produz impacto direto com a expressividade do que os coletivos libertários de multidões dissidentes expressam a respeito da decolonização anti-hegemonismo e pulsões antissistêmicas:

“A colonialidade precisa da gente reféns de seu reconhecimento e tutela. Que escolhamos dentre o cardápio que ela nos oferece, desde que jamais o recusemos como um todo. É no momento do não e da recusa que vemos seu ego enfurecido: “como assim você não aceita Jesus como seu salvador? Ele tanto te amou, ingrato!”

A mitologia de gênero faz parte da visão cristã, especista e racista de mundo. Poderia ser só mais uma ficção entre muitas, mas essa

⁷⁴ Antipolítica, aqui, não está ligado a uma ideia de recusa ao entendimento dos cenários políticos (fundamentalismo) nem de tom de neutralidade acerca do político-social (flerte fascista). Antipolítica libertária traz em suas percepções uma noção de contrariedade com os formatos políticos que projetam e beneficiam as estruturas de poder colonial, heteropatriarcal, sexual-identitário reformista e que possuem suas “minorias” bem delineadas nas distribuições do necropoder e sistemáticas de resiliência e *designs* comportamentais.

produz violências. A hierarquia é sua base: humano x animal, branco x não branco, pobre x rico, etc.

Querem que lutemos por uma branquitude boa, por uma heterossexualidade não violenta, por uma cisgeneridade saudável. Que lutemos por sua reforma e manutenção. É preciso compreender que o fim da heterossexualidade será também o fim das homossexualidades, bissexualidades. Que o fim da branquitude será o fim da negritude e da indianidade genérica. Que o fim do especismo será o fim do humano.

Em nenhum desses casos estou me referindo a uma morte concreta, necessariamente, mas ao fim de uma ficção que hierarquiza vidas e por isso normaliza suas mortes. Esse fim só será possível com reparação histórica.

As identidades coloniais são parasitárias, ou seja, só se positivam negatizando outras.

Homossexualidade não vai deixar de ser pecado enquanto heterossexualidade não deixar de ser o modelo do saudável. Não dá pra querer o fim do inferno, sem querer o fim do céu.

“Mas a sociedade lê de tal forma”. Quase 90% da população brasileira se afirma cristã, nem por isso me intimidarei com sua predominância cultuando-a apenas porque a maioria o faz. É possível reconhecer os efeitos dessas ficções, combater suas violências sem fechar um pacto íntimo com elas.

Liberdade não é escolher entre as opções que a colonialidade nos dá, mas ter a coragem e ousadia de poder questionar sua própria oferta. Máximo respeito a quem busca ressignificar o que/quem é masculino e feminino, homem x mulher, mas que seja respeitado também o direito a não acreditar nesses pares, independente do tanto de matizes que tenham, da pluralidade com que se apresentem. A não conversão a essas lógicas não é falta de consciência/respeito, mas não exijam culto aos seus deuses.” (GENI, 2021)⁷⁵

O Coletivo Coiote (Brasil), Ludditas sexxxuales (Argentina), Manada de Lobxs (Argentina), Colectivo Queer Resistance (México), entre outros que vão se formando em localidades latino-americanas ao longo do tempo sob diferentes circunstâncias e formatos, constroem e promovem narrativas anormais, artes excrementais, linguísticas terroristas e magnitudes antifascistas grotescas. Para sociedades normativas, ultra-religiosas e reacionárias é considerado explícito, ilegal e radicalismo extremista e exibicionista, associados aos discursos de ideologia de gênero⁷⁶ e imoralidade contra instituições sagradas - e a ideia é exatamente chocar

⁷⁵ GENI NÚÑEZ. **Orientações sexuais e identidades de gênero: mitologias coloniais**. Santa Catarina (SC). 17 abr. 2021. Instagram: @genipapos. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CNxWrtpn9YP/>. Acesso em: out. 2022.

⁷⁶ Importante destacar que “ideologia de gênero” é utilizado como discurso falacioso e reacionário com o intuito de impedir e reprimir o conhecimento de crianças e adolescentes sobre sexualidade (em

e importunar. Pensar a contrassexualidade é pensar no apocalipse caótico do descabido multicombativo em resposta à barbárie bio-essencialista que oferece misérias e morte aos que não seguem as lógicas do conhecido hetero-estrutural.

Figura 27 – Foto de Performance Coletivo Coiote na Marcha das Vadias no Rio de Janeiro (Copacabana) em Julho de 2013



Fonte: Medium.com - @colombinasanglant

Figura 28 – Ação “lxs desgeneradx” de Ludditas sexxxuales na exibição do livro e ensaio filosófico *Ética amatoria del deseo libertario y las afectaciones libres y alegres*



Fonte: gastv.mx - @lxsdesgeneradx

vários aspectos importantes), por meio do discurso “protecionista” camuflado, principalmente, de heteroterrorismo e transfobia, pregando que esse tipo de conhecimento as tornam influenciáveis a serem desvirtuadas sexualmente. A “ideologia de gênero”, na verdade, deve ser traduzida pelo seu nome correto, que é **heterocompulsoriedade**. A única imposição vista até hoje sobre crianças e adolescentes (e até mesmo adultos) é a necessidade de serem a todo custo moldadas para uma vida regulada pela heterossexualidade. Quebrar com essa corrente é falar sobre sexualidades e identidades de gênero enquanto afirmação política resistente e expansão de diálogos que respeitem e criem dimensões de cuidado para autodescobertas e autoafirmações sem medos e/ou tabus.

Figura 29 – Colectivo Queer Resistance em manifesto ANTI-PRIDE & A.C.A.B. na Cidade do México em Parada do Orgulho LGBTQ+ em junho de 2019



Fonte: terceravia.mx / Foto: Raúl Cervera

Promover atitudes de revolta e performances do inconciliável é onde se expressa toda raiva contra o Estado, capitalismo, religiosidades impositivas e organizações heterossexuais do social. Não quer reconhecimento de ódio legítimo como incentivo civil-legal para suas táticas. A expressividade da revolta e do ódio vive na ilegalidade contramanifestante da subversão tranxxxvyada que não se limitam às burocracias militantes engessadas pela institucionalidade de discordância dentro dos jogos de regime do poder político regulatório. A desobediência civil é um marco anarquista importante de desestabilização das conveniências e perfeições simétricas - totalmente ilusórias - de corpos conectados por um lugar de verdade que expressa as garras coloniais de existir, podar e condicionar formas de prazer, formas de viver e formas de ser para todo o sempre.

Bucetas e cus ingovernáveis que expressam “sobre penetrar nos lugares e, por meio da intervenção e da manipulação, tensionar e fissurar as narrativas e as práticas que dizem sobre as dissidências.” (ALMEIDA, 2021, p. 74) Logo, um pensamento incendiário sobre fracasso: “Cabe reiterar que o fracasso foge dos binarismos – que, por sua vez, produzem e sustentam os saberes e as lógicas coloniais. Portanto, o fracasso não está em oposição ao sucesso, o fracasso é um desejo de fugir das lógicas de dominação coloniais.” (ibidem, p. 74) Tem por intenção ser fracassady de todos os projetos de vida universalizados por uma dimensão logística e produtiva de existir: é a renúncia mutante que afeta o transitório

previsível, os sentimentos e orifícios limpos, os paradigmas do que é tolerável, aceitável e inaceitável, repudiando completamente essa dignidade humana tão seletiva, essa disciplinaridade que permite violências atingirem alvos tão específicos, esse processo mercadológico de criações artísticas, essas sanções jurídicas que ditam o permissível ou criminoso.

A utilização explosiva e radioativa de vômitos, merdas, escarros, mijos, lixos e “proibições” nas performances atravessam os olhos recatados e “de bem” que não aceitam a contaminação pelo colapso, mas permitem pessoas comendo seus restos pelas ruas devido à pobreza extrema, adoram consumir pornografia homoesbotrans normohigienista no privado, protegem a todo custo as propriedades e instituições privadas que usurpam lutas e criam misérias, constroem padrões corporais aceitáveis para se relacionar sexual-monogamicamente nas práticas prescritas (quase sob cartilha cultural), repudiam crianças e adolescentes terem informações através dos muros prisão-escolas para reconhecerem e denunciarem abusos ou expressarem suas sexualidades com (auto)consciência oferecendo “narrativas de perdão” para abusadores, pedófilos e tirânicos, assistem sentados nos confortos de suas casas as tragédias midiáticas exibindo corpos fadados ao necropoder sem mover um dedo e discursando palavras de racismo, xenofobia, LGBTQIAPN+fobia e misoginia. Pedem pelo retorno de ditaduras e ditadores, mas morrem de medo de serem reprimidos e perseguidos nas mecânicas fascistas de penalidades e repressões policiais. É possível montar uma lista extensa sobre o que é esse desejo elementar de não ser comparado e reduzido à abjeção. O ponto é: a eliminação, humilhação, tortura, aniquilamento, precariedade, brutalidade e muitos outros processos de erradicação são espetacularizações do social (entre arranjos das polêmicas e *panis et circenses* reprogramado) que aceita aos outros indesejáveis todo tipo de desprezo para manter intocáveis discursos asquerosos como “Deus, Pátria e Família” e outros slogans desprezíveis.

O pensamento crítico em relação a tudo isso deve mover à ação direta de potências que não reconstroem, mas criam - pela afetividade do amor contrassexual e fronteiriço - suas próprias narrativas descontextualizadas das pressões sobre sair da margem para entrar nas masmorras torturantes que monopolizam imaginações e masculinizam utopias.

“Não pode haver ética possível a partir de uma moral humana heterossexual que recorta o corpo como mera engrenagem de uma realidade social para produzi-la e reproduzi-la. Qualquer experimentação sexual-afetiva que se afirme “rebelde” precisará criar – e não simplesmente recriar – a relação entre o uso e o lugar político do corpo no quadro das novas sexualidades e suas práticas de prazer reflexivo e de amizade política. “Criar” uma ética de amor libertária carregada como uma arma implica então admitir que não se pode nem precisa ser regida por cânones morais que não são construções de quem se vê condenada a reproduzi-los, nem que a ditadura da biologia e da heterossexualidade tem o poder de nos obrigar a reduzir o uso do nosso corpo como entidade meramente reprodutiva da espécie e de uma hetero-ordem social dominante e concomitante.

[...]

A sexualidade pode ir além do gênero, e precisamos usá-la para isso.” (LUDDITAS sexxxuales, 2013: 25-26, tradução nossa)⁷⁷

Portanto, “para se opor a essa ordem e como forma de tornar mais vivível as vidas daquelas pessoas cuja expressão de gênero, ou prática sexual, ou manifestação corporal que não condiz com as heterorreguladas, não se trata de celebrar a diversidade, mas de criar e defender as condições que permitem abrigar e proteger e manter vidas que resistem aos modelos de assimilação.” (LUDDITAS sexxxuales, 2013, p. 29, tradução nossa)⁷⁸ Revolte-se por si e coletivamente, resista alegremente a tudo que endurece a vida em uma determinação identitária inquestionável e que retira o devir nômade de existência pela angústia e amargura.

⁷⁷ “No puede haber ética posible sobre las bases de una moral heterosexual humana que recorta al cuerpo como mero engranaje de una realidad social para producir y reproducirla. Cualquier experimentación sexo-afectiva que se pretenda como “insurgente” necesitará crear -y no simplemente recrear- la relación entre el uso y el lugar político del cuerpo en el marco de las nuevas sexualidades y sus prácticas de placer reflexivo y amistad política. “Crear” una ética amatoria libertaria cargada como un arma implica entonces admitir que no puede ni tiene por qué regirse según los cánones morales que no son construcción de quien se encuentra condenada a reproducirlos, ni que la dictadura de la biología y la heterosexualidad tenga potestad para obligarnos a reducir el uso de nuestro cuerpo como entidad meramente reproductiva de la especie y de un hetero-orden social dominante y concomitante.

[...]

La sexualidad puede desbordar al género, y es menester que la usemos para ello.”

⁷⁸ “Para oponerse a este orden y como modo de hacer más vivibles las vidas de aquellas personas cuya expresión de género, o práctica sexual, o manifestación corporal no condice con las hetero-regladas, no es cuestión de celebrar la diversidad sino de crear y defender las condiciones que permitan albergar y resguardar y mantener las vidas que resisten los modelos de asimilación.”

6. MENOS QUEDAS, MAIS TRAVA LÍNGUAS:

revirando o existencialismo com Linn da Quebrada

“Lo que yo soy es más que cotidiano. (...) Yo soy algo que se escapa del binarismo de género, me gusta la disidencia sexual y ese es el mensaje que quiero provocar en ti, para que te des cuenta de las normas y las estructuras y programaciones que te hacen pensar de una determinada forma y que en realidad es fácil pensar, porque es gratis, y darse cuenta de que las cosas no son como nos las pintan. Muy bien sabemos que el viejito pascuero no existe y el ratoncito de los dientes de leche tampoco y así podemos ir soltando los globos que alguna vez nos hicieron agarrar con tanta fuerza”. (PERRA, Hija de. 2013)⁷⁹

A inventividade expressiva de Lina Pereira dos Santos, conhecida por *Linn da Quebrada*, travesti artista multimídia e cantora brasileira que teve em *QKCUIER... Uma Indefinição!*⁸⁰ uma análise aprofundada de seu álbum de estreia *Pajubá*⁸¹ (2018), continua presente nesta trajetória fronteiriça, híbrida e dialogicamente interseccional como parte *molotov* de toda subversão sagaz contra o que busca demarcar existências com a estabilidade de uma metamorfose tão comum, tediosa e simétrica, quase ingênua.

Pronta para entregar mais reflexões em seu segundo álbum nomeado de *Trava Línguas* (2021), experimentando de novas sonoridades e trazendo composições que flutuam entre mutação, corpo-experimentações e visões de mundo - mundinho que merece a tormenta da desconformidade anormaleska y explosiva -, transforma sua obra em extensão com desdém linear à sua produção antecessora.

⁷⁹ PERRA, Hija de. Canal Revista Fill. *Entrevista Hija de Perra & Wincy*. Youtube, 23 de janeiro de 2013. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=lkmKJey7ZXI>. Trecho retirado de 1:19 a 1:56. Acesso em: dez. 2022.

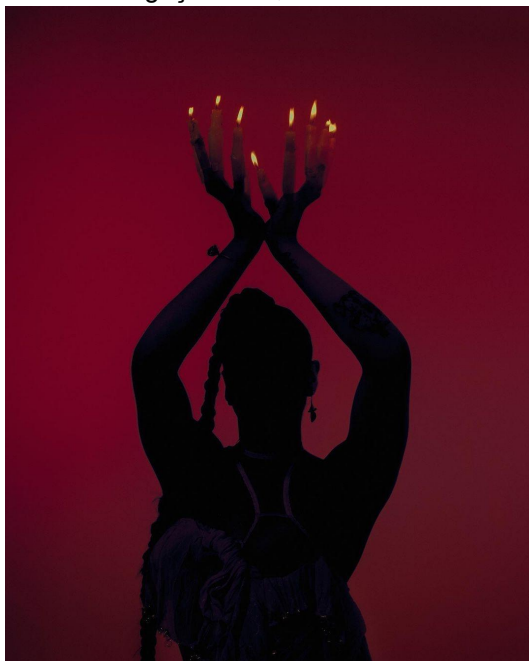
⁸⁰ Para conferir a análise completa do álbum *Pajubá* da Linn da Quebrada, consultar o capítulo 3, subcapítulo 3.3 (pp. 95-104) em: CORREA, Rafael A. M. *QKCUIER... Uma indefinição!* 2018. 120f. Trabalho de conclusão de curso (Bacharelado em Ciências Sociais). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2018. Disponível em: https://issuu.com/kucetaerratika/docs/qkcuier_uma_indefini_o.

⁸¹ O título do álbum de estreia faz menção direta ao vocabulário de origem iorubá e nagô (grupos étnico-linguísticos africanos), sobretudo utilizado por travestis como “dialeto secreto” e também nas performances-resistência, explicitando olhar não-normativo na comunicação, valorizando as culturas afrodescendentes e construindo subversão da cisheteronormatividade.

Mover-se, afinal, é mover-se viva/e. Mover-se outra/e sempre. Mover as estruturas para contar histórias nas entranhas do indefinido.

“Com Trava Línguas proponho uma conversa franca com o mercado: quem eu sou nesse sistema? Os algoritmos, os rótulos, os gêneros... Onde é que vocês vão me colocar agora? Onde eu vou me colocar agora? Trava Línguas é minha tentativa de subverter os cálculos desse jogo com base na ancestralidade. Pois, se tudo que existe hoje em dia foi imaginado primeiramente em algum momento passado, então que este disco evoque a ‘plantação cognitiva’ de que nos fala Jota Mombaça: com Trava Línguas eu desejo o plantio de novos mecanismos. Mecanismos de mercado, de narrativas, de consumo. Mecanismos mais saudáveis e sobre os quais espero colher cada vez mais, no futuro e no coletivo.” (QUEBRADA, 2021, Portal Pepper)⁸²

Figura 30 – Divulgação de *Quem Soul Eu* no Instagram



Fonte: Captura de tela do perfil da artista no Instagram

Se em Pajubá, Linn estava pronta para colocar seus dois pés na porta e deixar de cabeça para baixo todo horrendo heterofalocentrismo, violências normalizadas, racismo e transfobia sistêmicos, em Trava Línguas arriscara explorar desordenadamente o que há do outro lado dessa porta. Utilizar-se de novos jogos de palavras poeticamente insaciáveis é o grande estopim: questionar nossa

⁸² QUEBRADA, Linn da. Em “Trava Línguas”, segundo álbum da carreira, Linn da Quebrada reverbera nova sonoridade. Portal Pepper, 19 jun. 2021. Disponível em: <https://portalpepper.com.br/em-trava-linguas-segundo-album-da-carreira-linn-da-quebrada-reverbera-nova-sonoridade/>. Acesso em: dez. 2022.

existência é corriqueiro, posicionar a mudança das identidades rigidamente cambiantes é equivalente, contudo questionar com deboches é o que torna o desejo de não-resposta mais emocionante. Por mais que a questão sobre *ser/sou* esteja presente pelo decorrer das faixas, o retrato contestador quando cantado, na verdade, é sobre a autossatisfação do desconhecimento. Um convite claro a parar de viver de consolidações para tornar o devir ético-estético uma sensibilidade afetiva pessoal, coletiva e desenfreada. A jornada do *ser/sou* de Linn para nós não é a afirmação do que anula, mas a anulação daquilo que afirma. A certeza tem um sabor cruel e soturno para quem interrompe suas possibilidades criativas de desmembrar, refazer, ultrajar e gozar gostoso

Figura 31 – Álbum *Trava Línguas* no Spotify



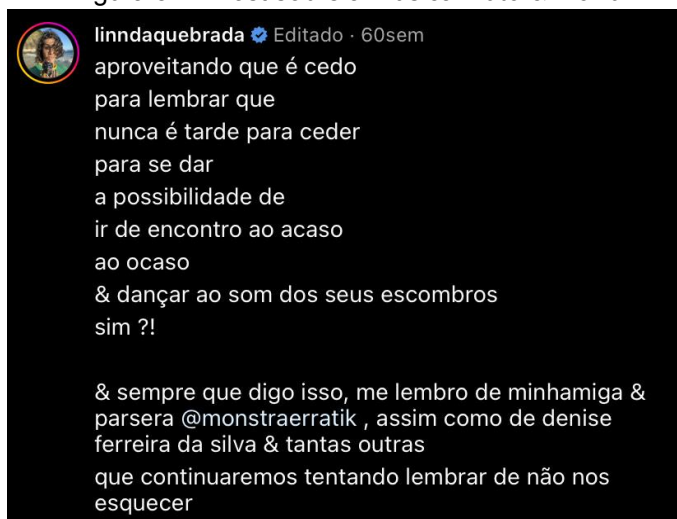
Fonte: Captura de tela realizada por mim na plataforma de streaming musical

Três composições em especial terão uma análise aprofundada com a temática quyrizada: ‘mate & morra’ (faixa 8), ‘eu matei o Júnior’ (faixa 9) e ‘quem soul eu’ (faixa 11), analisadas sob premissa de confrontar, inquietar e desestabilizar, desmembrando os roteiros heteronormativos em pedacinhos enquanto projeto determinista e higienicamente roteirizado. Faixas selecionadas por seus conteúdos que *enviadescem*⁸³ as transgressões e desterritorializa o esperado. As políticas

⁸³ Enviadescem vem do termo ‘Enviadescer’, posicionamento político e música de Linn da Quebrada - que segundo a mesma: “é um posicionamento, uma atitude, que celebra nossos corpos transviadxs !! em tempos onde gangs de machos ainda se vangloriam pelos seus paus estupradores eu grito BLAS FÊMEAAS !!!” (QUEBRADA, Linn da (Linn da Quebrada). Postagem da cantora. maio. 2016. Facebook: mclinndaquebrada. Disponível em: <https://www.facebook.com/mclinndaquebrada/posts/1726603497578215/>. Acesso em: dez. 2022.)

anais, as metáforas ácidas, a sabotagem aos mecanismos reguladores, a ressignificação entre vocábulos para atacar o (in)consciente desabitado de duvidar de si e do que é oferecido fragilmente enquanto símbolo de normal e virtuoso. Inclui a todas/es/os para dentro dessa outra porta, passagem por fronteiras, encruzilhadas, desvios, ultrapassagens, rotas de fuga y rotas de fogo!

Figura 32 – Post sobre a música *mate & morra*



Fonte: Captura de tela realizada na publicação da artista no Instagram

"Sophisticated
No, Rafaella, no
No, Rafaella
Quédate, quédate mas un poco
Sophisticated
No, Rafaella, no

O que existe entre nós é muito diferente
Entre nós tem sentimento, tipo algo envolvente (caliente)
Quando eu sento, eu sei que você sente

Sente, sente, sente, sente, sente
Eu aguento (vai!)
Sente, sente, sente, sente, sente
Quédate, quédate, quédate
Sente, sente, sente, sente, sente
Eu aguento (vai!)
Sente, sente, sente, sente, sente
Quédate

Bota, empurra, empurra, bota
Bota, sente, sente, sente, sente, sente
E bota, empurra, empurra, bota
Bota, sente,
Empurra, sente
E bota, sente
Empurra, sente, bota, sente
Empurra, sente
Bota, sente

Empurra, sente, bota, sente
Empurra

Boquinha de outro planeta
Tá chupando o meu cu como se fosse uma buceta (eita!)
Puta linguada fatal
Puta linguada, puta linguada fatal
Quanto mais cê passa a língua mais eu vou passando mal

Sexo selvagem, mó tesão da porra
Eu digo: sexo selvagem, tesão da porra
Sexo selvagem, mó tesão da porra
Eu digo: sexo selvagem, mó tesão da porra

Seus viado, galinha, piranha, cachorra
Mó tesão da porra, mó tesão da porra
Eu vou te dar minha cucetinha
Depois quero que cês morra!

Mate, morra!
De prazer
Mate e morra!
Mó tesão da porra
Mate, morra!
De prazer
Mate e morra!
Mó tesão da porra

Mate em você
O macho, branco, senhor de engenho
Colonizador, capataz
Que pensa estar sempre à frente
Mas vive para trás

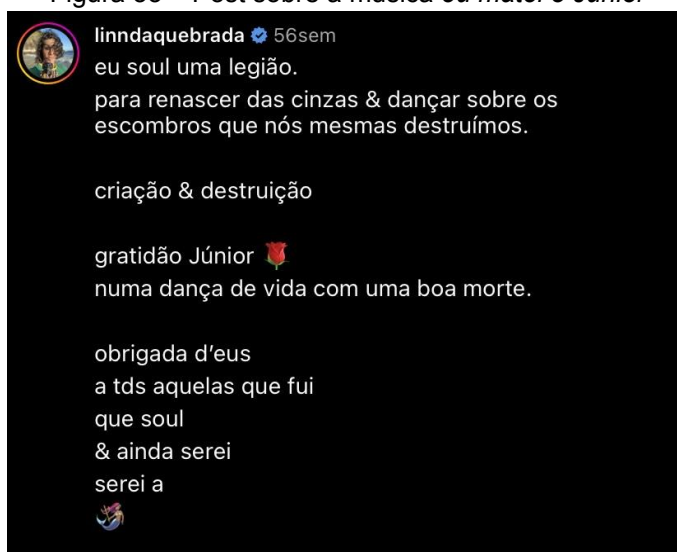
Mate, morra!
Em você
E sinta você também a força dos meus ancestrais”

(LINN DA QUEBRADA [part. Badsista], “mate & morra”)

A repetição de palavras é intencional e entrelaçadas como trava línguas, cujo propósito é justamente mostrar que corajosamente há diferentes diferenças acontecendo ao que soa repetido. Mesmo na repetição, há subversão dentro das incertezas do instável - ora no orgasmo, no revisionismo, nos afetos e nas vivências. Ao utilizar do prazer subversivo como provocativo às estruturas, tornando o cu (sempre visado como zona erógena imunda) como parte da dança central e nos convocando para sentir algo atraente e envolvente, ‘mate & morra’ torna tudo que é pudico em confusão e morte pessoal do que convém, do que é estorvo colonial. Matar a si, matar as certezas, matar a narrativa, matar o tesão e morrer em si, morrer de fuder, morrer para rever - e *renascer!*

Será possível descobrir prazeres anti-mecânicos em um mundo que nos diz qual tipo de sexo seguir? Que nos vende uma pornografia editada, embranquecida, racista, normativa, previsível, compulsória? Que classifica posições sexuais, os corpos das pessoas e compartilha dicas perfeitas que sejam utilizadas e repetidas por todas/es/os como fórmulas matemáticas? Que segue ajustes higienistas repressivos em relação aos fetiches, aos usos corpóreos, aos interesses não-normativos no uso dos prazeres? Que condena o sexo de um lado, porém visa a reprodução de outro? Você está matando e morrendo tudo que conhece sobre sexo/sexualidade para experimentar e evoluir? Será possível? Matar e morrer envolve a construção de tesões sem medo, tesões múltiplos, afetivos, e libertários, tesão que se sente, questiona, encoraja a mudança da rotina e do estável em busca do fim do mundo que conhecemos. A maior controvérsia para um sistema de sexualizações corretivas é desprogramar a *corpe*.

Figura 33 – Post sobre a música *eu matei o Júnior*



Fonte: Captura de tela realizada na publicação da artista no Instagram

"Histericamente histórica
Historicamente estoica
Estou cá

Pedindo que você, se saia
Se top, se vingue, se manque
Se engane
Para que eu possa voltar

Da cor do barro, do berro
Da prata, do preto, do ferro
Erro

Eu vou vingar
Quem mandou morrer
Quem mandou matar
(Júnior está morto)
Para renascer das cinzas
Antes teve que queimar

Arder
Queimar, arder
Queimar, arder
E se trans for mar, eu rio
E se trans for mar, água de torneira
E se trans for mar, eu rio
Contra a correnteza
Pra me lavar
Pra me lavar
Eu matei o Júnior
(Eu matei)
Eu matei o Júnior
Se vaia
Se traia

Eu matei o Júnior”

(LINN DA QUEBRADA [part. Ventura Profana], “eu matei o Júnior”)

Lina, antes de estar Lina, era Júnior. Como parte inacabada ao existir em justiça ao seu sentimento de não querer os moldes da conveniência, assassinou Júnior - seu lado biológico, essencialista, estável e trajetória do porvir. Júnior foi capítulo na imensidão fronteira do seu *trans for mar* naquilo que não é mais o mesmo hoje, nem amanhã, nem nunca mais. Não-essencialização e não-determinismo biopsicossocial a qual impele à escolha: seguir a fixação da normativa obviedade ou abandonar tudo por novas perspectivas com o peso de rompimentos severamente dolorosos? Tecer narrativas de si é transitoriedade, dizer-se LGBTQIAPN+ é pontualidade política, negar os vestígios da inflexibilidade é necessidade.

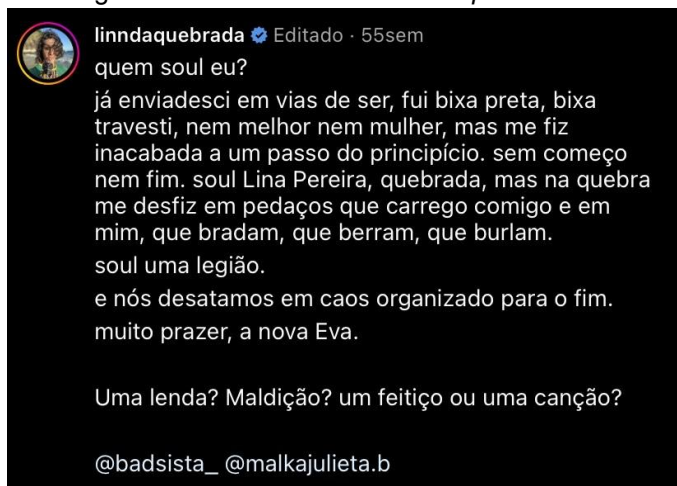
Tornar-se é um processo de camadas disformes, canteiro de obras, sem precisão concreta para firmar, na contínua volatilidade dos fluxos; somente o tornar, enquanto atitude corajosa, dá acesso ao que optamos não mais esperar, mas coabitar em pleno desastre sinfônico. Inclusive, os estudos kuyr vive a constante prática do tornar, usando dos nojos inflamados como discursos em desejos pulsantes de superar os limitadores (expectativas) da normalidade colocadas sobre cada corpo conduzido como experimento higienista. Normal-referência: sempre a

heterossexualidade, sempre a branquitude, sempre a masculinidade, sempre a mesma ladainha... Sempre? Atestado sempre por quem e para quem?

A cantora percorre por símbolos de violência, sobrevivência e resistência: estoicismo - vingança - morte. A historicidade crítica já nos clareia a mente sobre quem são propositais para cair, como organizar-se coletivamente possibilita menos quedas e toda potência pessoal para matar o que não mais contempla. Matar o sexo, matar o gênero, matar a norma, matar o que promove quedas. Ver-se como nada, erro, destroços, escombros, desvio, tormenta, desaforo, entre tantos outros adjetivos possíveis, é criar as possibilidades de sustentar a corporeidade intocável por mãos previsíveis e serventes ao colonialismo.

Matar o que se era conduz em rio transformador a mutação sem sexo, sem pinto, sem olhos, sem obviedades anatômicas, para simplesmente - na inaceitabilidade - suspirar profundamente o *devir*.

Figura 34 – Post sobre a música *quem soul eu*



Fonte: Captura de tela realizada na publicação da artista no Instagram

“Há muitos que latem por poucos quilates
Dizendo que lutam, que lucram, que lacram
Usando coletes à prova de balas
Dizem que são belos, são caros
Têm carros, têm casas, têm casos sem cores
Têm máscaras caras, mais caras que quando caem
Não quebram, não cobrem
Refletem a face, disfarçam a foice
Despertam a fêmea, a fome, a fama
De comida, de comédia

Dizendo que gostam, que gastam, que amam
 Mas que sentem muito
 Que gostam, que gastam, que amam

Eu abro a boca, eu mostro os dentes

Eu canto, eu penso, eu danço
 Eu sento, eu sinto
 Eu canto, eu penso, eu danço

E aqui faço
 Me movo, morro e renasço feito capim que se espalha
 Um pensamento cupim

Ou um vírus que contamina suas ideias
 Eu voo longe, alto eu vou
 Mas eu volto, longe, alto

Feito uma lenda, maldição
 Um feitiço ou uma canção
 Lenda, mal, lenda, maldição
 Lenda, mal, lenda, maldição
 Lenda, maldição, feitiço, canção
 Quem sou eu? (maldição)

Muito prazer, eu sou a nova Eva
 Filha das travas, obra das trevas
 Não comi do fruto do que é bom e do que é mal
 Mas dichavei suas folhas e fumei a sua erva

Muito prazer, a nova Eva
 E eu quebrei
 A costela de Adão
 Eu quebrei (eu quebrei)
 A costela de Adão"

(LINN DA QUEBRADA, "quem soul eu")

M	A	L	D	I	C,	Ã	O	!
!	O	Ã	C,	I	D	L	A	M
M	∇	L	D	I	C,	Ã	O	i

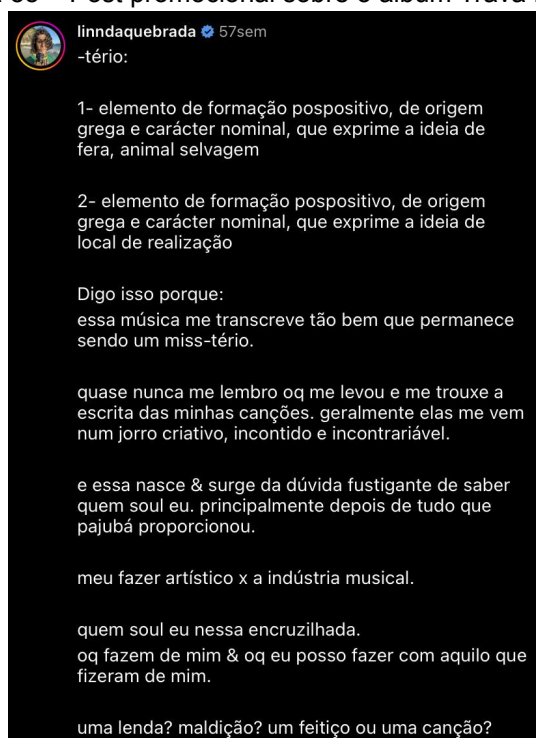
Maldizem a anormalidade, rompe-se a norma. Maldizem vidas dissidentes e subalternas, deturpa-se a sigla e todo familiar-religioso. Maldizem ações, produzem-se barricadas. Quanto mais maldizeres, mais reatividade... Porque se calar não é opção nem condição.

No entanto, nas entranhas do social, em algum momento vem o confronto

da pergunta: “*quem sou eu?*”. De fato, entre o profissional, a identidade pessoal e as trajetórias, há um abismo profundo. Tencionar e flertar com o abismal deve compor o elemento inacessível da definição e do encontrar-se. A música indiretamente nos evoca: *se tiver a resposta, não me conte, não dou a mínima!* Afinal, precisamos? O que se espera tanto encontrar? O que é ficou tão perdido? Perdido, assim, a ponto de causar inquietação? Ou será apenas reflexo do capitalismo neoliberal te cobrando por respostas imediatistas? Há mesmo metafísica bastante ao não pensar em nada, porque o pensar, dentro do racionalismo, é logo existir; Mas será que que nos cabe tanto existencialismo rígido? Recordamos em momentos capital crescente os animalizados como pensadores, existência, narrativa? Todavia, a metafísica dos trópicos tem um valor próprio persuasivo.

Sou! - sou mesmo? Será que sou? Ser, não ser... Três letras, uma prisão. Ser é fragilidade frígida, não há contestação, apenas captura. Estar é desafiador. O estado de todas as coisas que rodeiam simultaneamente, falando com diferentes vozes, cultivando internamente multiculturas, não respondem a nada, propõem mais dúvidas. Isso é sobre *estar estando*, sobre uma potência qwyrizada que se faz na negação, no rompimento com o contrato de ser.

Figura 35 – Post promocional sobre o álbum Trava Línguas



Fonte: Captura de tela realizada na publicação da artista no Instagram.

6.1 DECLÍNIO DA SANIDADE MENTAL

ody à corpa-(r)existêncyá

Voltando ao tópico da aceitação LGBTQIAPN+ tão requisitada pela sigla em torno do contexto necroliberal, sistematicamente nos deparamos com o assunto *sanidade mental*. Pessoas cuja sexualidade/identidade não sejam assimiladas quanto antes recebem em proporções gigantescas cargas emocionais advindas por diferentes circunstâncias performáticas socialmente. A busca por encontrar um lugar não apenas de cidadania, mas entender-se humanizado e como ser humano, produz inúmeras apreensões psicossomáticas. Existe uma consequência da autoimagem e invalidação imensa que não perpassa o medo exclusivo dos julgamentos alheios - algo esperado aos que estão no constante radar da normatividade -, mas que transitam de si para si.

A aceitação, como um real problema de dar poder ao outro enquanto validação, causa a ilusão do conforto ao ouvir: *“te aceito como for”*, tal qual o descompasso da rejeição ao perceber reações negativas ou extremas. Trata-se de uma situação a ferro e fogo projetando a moralidade: de um lado a busca por suporte e apoio e do outro a completa e/ou disfarçada rejeição. Mecanismo entranhado quase sob ultimato para que todos saibam (comparativo a assumir uma doença contagiosa ao dizer em bom tom que se é viado, sapatão, bissexual, trans/travesti...), pois só assim livra a carga emocional ao carregar tal *status*; carga, essa, que nunca foi ou será de alguém, mas fixionada sob tais pessoas, porque é parte da contaminação heteroterrorista e do enquadramento identitário. Um relacionamento abusivo e panóptico, calculista e performático, que dissimula um melhor contar (sair do armário) que ser descoberto (retirado do armário).

Violências, violências e mais violências estabelecidas como corriqueiras. O sofrimento, culpa cristã, peso social, necessidade de validação, autoimposição heterossexual, mecanismos incessantes de destruição sem o coletivo precisar sujar as mãos, afinal: que destruasse sozinha/e! Isso inflige mal-estar, angústia, incômodo, ansiedade, falta de perspectiva e pode resultar em situações extremas. A

normatividade na qualidade de laboratório e seus apetrechos de tortura que o compõem são válvulas de tensão, gatilhos e comprovações sucessivas.

Mesmo que hoje inúmeras campanhas virtuais - principalmente voltadas aos adolescentes e/ou jovens adultos regrados como LGBTQIAPN+ - sejam frequentes durante ou pré/pós-Junho (mês do Orgulho), a vias de exemplo:

Figura 36 – Captura de tela de campanha virtual promovida durante mês do Orgulho por plano de saúde LGBTQIAPN+ *friendly* para conscientização e proteção da saúde mental dessa população



Fonte: Hygia Saúde⁸⁴ / www.hygiasaude.com.br

⁸⁴ HYGIA SAÚDE. *Como combater situações que afetam a saúde mental de jovens LGBTQ+*. jun. 2020. Disponível em: <https://www.hygiasaude.com.br/discussoes/saude-mental/como-combater-situacoes-que-afetam-a-saude-mental-de-jovens-lgbtq>. Acesso em: dez. 2022.

Reforçar o discurso de aceitação é reforçar a norma. A aceitação é um campo minado desenhado ao diferente que tem seus passos pré-condicionados nos limites da jornada sobre onde, como e sob qual finalidade deve circular. A influência do normal no cerne social espera de antemão que para além de dar nome estrito à sexualidade/identidade, não por uma questão política, mas por viés de confissão (retomado da concepção católica de pecado/culpa), ainda incorpore as subculturas (quase estereótipos) do que contorna esses códigos identitários. Se você é x, porta-se como y, se relaciona com z, vive isso ou aquilo etc. São caixas empilhadas sob uma mesa de imposições que ninguém se preocupa em desocupar, apenas adicionar outras mais. O cartesianismo é herança amaldiçoada da modernidade se intensificando agressivamente no neoliberalismo.

Logicamente precisamos cuidar com seriedade do psicológico dos anormalizados e animalizados do lado de cá emergente, principalmente ao levarmos em consideração o retrato latinoamericano de preconceitos, abandonos, extermínios e variadas situações de declínio. Vulnerabilidade é um braço do capitalismo, pois torna todos sem fortuna vulneráveis, porém torna ainda mais àqueles que se opõem a essas mentiras da aceitação ou vão contrários a um mês exclusivo do ano. Ah, esse arco-íris... Manchado por muito sangue e necropoder! Até mesmo se entendemos eminentemente que a política por si só já é *necro* quando o Estado faz seu papel de patriarca maior em um sentido pátrio permanente. Ter essa necessidade de mais cuidados psicossociais não significa que eles existam/existirão. Significa, apenas, que são uma parte da tamanha ausência e descaso que existe para tal *comunidade*.

Por isso é importante - inclusive reforçado pelas atitudes kwiryzantes de estar estando na coletividade libertária e solidária -, a necessidade de organizar-se em coletivos em prol de outros tipos de cuidado. O Estado não cuida de ninguém, sua mecânica funciona para matar, o que fica vivo está relacionado em um jogo de poder que não se cria debaixo para cima, está por todos os lados. Observá-las e não ceder é um viver constante de sagacidade e pele áspera. Criar esses outros cuidados, principalmente relacionados à mente, segue ao redor de cuidados que não esperam habilitação para funcionalidades capitalizadas, como o ciclo *trabalhar* -

pagar contas - gastar - ter uma vida operante e exemplar, mesmo que para isso seja oportuno fazer a alegria da indústria farmacêutica ao entupir de remédios o corpo, desembolsar em terapias individuais/grupais com eficiência mais concreta possível, construir os medos e as angústias para que a anormalidade torne-se normalidade facilitando acesso às coisas externas. Estamos falando no kquyrrr de cuidados de afeto transformadores, cuidados de si que direcionam a lugar nenhum senão às experiências da modificação, reflexões sobre alegrias organizando revoltas; lembrar de ser feliz enquanto se organiza as revoltas é sobre abrir mão da sanidade mental, jamais de coisas que impulsionam por dentro e em conjunto.

Vivenciar a anormalidade é saber que a sanidade mental nunca será uma escolha. Não há também busca por alguma escolha. Por incontáveis vezes, para ter sanidade mental é preciso se moldar à normalidade. Não mirar a sanidade, mas mirar a *autodeterminação*, além das afetividades solidárias, é descobrir que se pode olhar pela mente através de um reflexo não-convencional e não moldado aos conformes da individualidade. O coletivo tem muito a oferecer em suporte, sensibilidade, apoio, entendimento e construção de coisas novas do que a recomendação de cuidados do capitalismo estatal causadas pelo próprio capitalismo estatal.

Paul Preciado⁸⁵, autor trans não-binário e contribuinte às reflexões e atitudes cuiers, em seu livro *Eu sou o monstro que vos fala*⁸⁶ traz à tona um pouco de sua experiência do local anormal resultantes do social impactando em suas construções de si e questionamentos muito profundos, ligando-se diretamente a esse tópico da sanidade mental.

Segundo ele:

⁸⁵ Paul Preciado é filósofo e escritor espanhol, professor na Centre Georges Pompidou em Paris e um dos principais pensadores contemporâneos sobre questões de corpo, gênero e sexualidade.

⁸⁶ O livro “Eu sou o monstro que vos fala” vem do episódio em que o autor realizou uma intervenção em sessão plenária na 49ª Jornada da Escola da Causa Freudiana de 2019 cujo tema foi “Mulheres em Psicanálise” e a plateia de psicanalistas presentes riram, reagiram com gritos ou pediram pela saída do mesmo da palestra. É possível acompanhar na íntegra seu discurso e o acontecimento através desse link: <https://www.youtube.com/watch?v=UEKaKjUG7fY>. Isso o impulsionou a publicar seu discurso por meio deste livro, cujo subtítulo é um provocativo direto em relação à situação.

“Ao sair da gaiola da diferença sexual, experimentei exclusão e rejeição social, mas nada disso teria sido tão desastroso e doloroso quanto a destruição da minha força vital que a aceitação da norma teria exigido. Na verdade, tudo em que me tornei talvez se deva a essa indiferença à saúde mental que se desenvolveu em mim durante a minha adolescência, apoiada por livros, naquela cidade espanhola onde o meu futuro parecia ter sido escrito pelo próprio Deus e posteriormente traduzido em várias línguas por médicos e psicanalistas.

Minha vida fora do regime da diferença sexual é mais bela do que qualquer coisa que você poderia ter me prometido como recompensa por consentimento para a norma.” (PRECIADO, 2020, sem paginação)

Figura 37 – Fotografia de Paul Preciado



Fonte: frenchculture.org

Como Paul claramente nos certifica: o preço que se paga com a ilusão do bem-estar é altamente caro. Não literal precificação, mas obviamente autodegradação. Não há projeções sobre o que a pessoa foi ou será, mas sobre o que obrigatoriamente tem que ser. Incorporar a todo e qualquer custo para descobrir que ainda assim não é possível alcançar a saúde mental. Neoliberalismo é um

arsenal de necropoderes que discursa aos seres humanos que não importa o que você faz da sua vida, não importa qual sua sexualidade, identidade ou gênero, não importa ser diferente ou de outra cor, porque há espaço para todos; no entanto, esse espaço é claro: o da *exploração*. Além disso, cada coisa sim importa, porque essa mecânica do capital só pode continuar se reinventando e se sofisticando a cada vez que consegue se apropriar, devorar e regular as lutas que existem. Neoliberalismo não é espaço de liberdades, mas a clausura da servidão voluntária repaginando-se para ter todos em caixas.

Como já mencionado anteriormente, o Estado precisa da imobilidade. Podemos atravessar continentes, mas dificilmente isso acontece sem identificação, cujos aspectos amontoados são ornamentos de acomodação, repressão, adequação, resignação, aniquilação. Existe, portanto, escolhas? De fato, existe a rebeldia! O que é indomável não tem paz, pois jamais será ofertada, concedida, priorizada. A paz neoliberal se mune de condicionamento serviente e prolongado, um tratado sem promessas ou comprometimentos, cada um por si com sua sanidade, sua parte do acordo em incluir segue desempenhada, legalizada, juramentada e cheia de falhas. Proclamaram inclusão, incluído está, não é o mesmo que priorizar. O Estado sabe bem quem quer priorizar, mas o capitalismo precisa que ele trabalhe sob cautelas e dinâmicas, valorizando a falácia da cidadania e, principalmente, as alianças fortes, longínquas e perduráveis.

A reação qkwir sobre todas essas coisas que reduzem existências a quebra-cabeças não é apenas pelo artístico anti-colonial ou performance do terror. Está em uma atitude de expor verdades duras politicamente, anarquicamente, raivosamente, pois não é possível querer desse mundo que habitamos que a transformação aconteça com floreios e petições online. Cobrar por justiça, condições de vida, respaldos legais é inaudível. Que justiça temos, senão, o cárcere, a punição, o óbito? Isso é realmente definição de justiça? Para além disso, consolidamos a saúde e a sanidade mental quando a burguesia nos advoga? Ou apenas gostaríamos de sentir que é possível e tangível? Expor verdades duras é tomar para si o que nunca foi de outros, apenas apossado historicamente, fomentando essa velha pirâmide hierárquica entre silêncios e acumulações.

O ode à corpa-resistência é olhar novamente para as páginas dessa História Geral e causar pânico. Discursos de exótico, excêntrico, excepcional são discursos da norma, adjetivos concentrados em absorção ou desolação. A única ruína a ser aceita é a ruína de si para si, arruinar-se para reinventar-se, arruinar-se abdicando das qualidades de uma boa mente, uma mente considerada saudável, para estar-estando outra coisa. Coisa, tão coisa, que estar enquanto coisa é motivo de alegria e inflamação. O gorfo das coisas que não é bem-vindy em nenhum lugar, mas está encorajady pela potência dos afetos, de esgueirar os espaços, penetrar a arquitetura heterocentrada e desmanchar as paredes, o teto, a estrutura. Tal qual a corpa é suscetível de alternâncias, jamais reformas. Aquilo que se reforma se reconhece por deteriorado, estragado, danificado, diferente da percepção alternante que propicia observar as *fronteras* como fluxos, deslocamentos, movimento vivo, risco consciente e envolvente.

“Eu sou “metamorphose impossível”, situando-me, segundo a maioria de suas teorias, além da neurose, à beira ou mesmo na psicose, incapaz, segundo você, de resolver corretamente um complexo edipiano ou tendo sucumbido à inveja do pênis. Bem, é a partir dessa posição de doente mental da qual você me manda embora que eu me dirijo a você como o símio-humano de uma nova era. Eu sou o monstro falando com você. O monstro que você construiu com seus discursos e suas práticas clínicas. Eu sou o monstro que se levanta do sofá e fala, não como paciente, mas como cidadão, como seu monstruoso igual.” (PRECIADO, 2020, sem paginação)

Apontar a si sob indefinição imprecisa de monstro, estar na narrativa de tal monstruosidade, construir essa monstificação desenfreada e irrefreável é o que há de mais belo na desistência de ser são. A sanidade, por mais aclamada, discutida e pautada que seja - principalmente nos *workshops* e palestras motivacionais -, é resultado discursivo da catástrofe alimentada pelo capital em extrema ebulição. Um clique aqui, uma solução ali, tudo para se viver vários instantes vazios tratados como metódicos e especializados em busca da procura de algo que jamais se alcança. Porque para cada insanidade, diagnóstico, desconhecimento, há uma cura ou alívio em potencial. Entre fissura, abstinência, desistência, transições, recuperações e rotinas mentais ecoam palavras-chave sempre positivas revestindo as paredes brancas que amenizam a suposta *loucura* e/ou fadiga, amarrando mais apertado que uma camisa de força o corpo, até que exprima o falso senso de felicidade. Até mesmo quando dizem que aceitar a si, aceitar quem você é, significa

equitativamente ser feliz, é necessário retorcer os neurônios para lembrar que é uma felicidade vendida, com prazo de validade curtíssimo e que não torna o cérebro de ninguém menos suscetível ao terror de viver as angústias causadas pelo Estado, capitalismo, sociedade e heranças coloniais-patriarcais.

O ode à corpa que resiste é o ode à corpa que já desistiu. Desistiu de ser, ser e ser... Ser para si, ser para os outros, ser para o Estado, ser para família, ser para tudo-aquilo-que-precisa-de-um-nome-para-existir. Está no aterro, na corpa que falha, que se *monstrua*, que se desfigura, que acende em rebeldia inflamatória. Não corre mais sangue nas veias, corre gasolina. Os dedos são fósforos. Não tem mais nariz nem íris nem boca, é uma mistura de suas encruzilhadas, *fronteras*, pedaços do vir-a-estar sem permanecer. É poeticamente a dança do caos em desordem com o universo cujo planeta insignificante chamado Terra cobra por obediências e controles interplanetários. Cósmico, vômito, fezes, náusea, nó em pingo d'água, descrença, heresia, maresia, solar sem rótulos.

A reação kwyir exige coragem. Não é valentia, destreza, bravura, longe infinitamente da macheza nem incorpora a qualidade de *ser* para título de corajoso. É apenas C O R A G E M! Pois, para viver o nada com sensibilidades ardentes, é preciso abandonar a mente, abandonar convenções, abandonar heranças culturais, abandonar o sucesso, abandonar tudo que é valoração desse mundo de heranças e rótulos, menos a corpa. A corpa resiste! E como resiste... Porque se move, se alimenta, se coletiviza, se reinventa e não pede desculpas para senhor, patrão, polícia, médico, advogado e qualquer figura messiânica pitoresca que aparecer pela frente. Nunca está só: há mil dentro de si fluindo sob a corpa e outras mil fora de si compartilhando do ódio. Quem quer saúde mental polida, higienizada e hetero-determinante quando se pode criar, forjar, excogitar, tecer, rebelar e gozar algo para além de...?

6.2 O FIM DESTE MUNDO QUE CONHECEMOS: *a ascensão de rebeldias inflamatórias*

Figura 38 – Pôsteres virtuais libertários produzidos pela coletiva Monstruosas



Fonte: monstruosas.milharal.org

A experiência qkcuier molotovizando expressividade qkcuieryzada, anarquia e autodeterminação, o deleite da transviadagy, o vadalismo de descer do muro para tornar rebeldias inflamatórias no eterno tornar-se na miríade do terrorismo de gênero e do universalismo, apresentando no lado de cá dos trópicos a voz decolonial para viver criativamente sem cair, de fato fluir. Por entre os becos, vielas, encruzilhadas, travessias, as *fronteras* e o movimento se costuram, apresentam coletividade afetiva e transformação mutante, a construção frenesi de ódios artísticos que não são artes polidas, mas artesanatos caleidoscópicos onde todes tocam, todys sentem, todûs interseccionam dialogicamente na transgredindo obviedades. Monstruosidades, anormalidades, heresias, desconfortos, intensidade, procurando contestações, enviadescendo normas, quebrando condutas, revirando os tabus, símbolos, signos e noções hegemônicas, normativas e a estrutura do necropoder/necropolítica do avesso e de ponta cabeça.

Onde tudo no universalismo ocidental torna do nome ao sexo, do performar ao rotular, do agir ao pensar, do cooptar ao hetero-higienizar, do reformar ao aniquiliar, do embranquecer ao criminalizar, dimensão de aprendizados da infância à velhice em autocobrança, resta desaprender ao questionar. Questões que não cessam, pois há novidades constantes em não querer mais o que é condicionado. Jota Mombaça (2016) quando expressa seu desejo pelo *fim do mundo como o*

conhecemos, está ampliando nossa visão libertária para construir barricadas em direção aos lugares enquadrados às pessoas, distribuído em devidos lugares por manutenção de forças persistentes, porém frágeis quando encaradas de perto. Romper ciclos de violência com autodefesa de si e de companheiras/es é gritar ao universalismo redutivo e prepotente que existências anormais não estão em cima de muros, estão derrubando-os, anarquizando mortes sistêmicas, desistindo de discursos governamentais e estatais e suas migalhas miseráveis em troca de se unir a seita reformista. Nada poderia assustar mais o neoliberalismo tão individualista que a ascensão e permanência resistente de degeneradas/es se apoiando, amparando, trocando fluidos, tornando essa figura patriarca de Estado inútil e recusável.

Entender, por definitivo, que o Estado é violência, bem como o legitimador principal de seus usos descomedidos na sociedade civil regulatória e hetero-compulsória, abre os olhos para repensar que a segurança tem seus prediletos em cor, gênero, sexualidade e conta bancária - considerados, portanto, sujeitos legítimos e civilizados, cidadãos de primeira classe. O que foge à risca está no limbo das pressões por ajustes, submissões e a escolha do viver normal ou morrer miseravelmente como preteridas/es.

“O poder opera por ficções, que não são apenas textuais, mas estão materialmente engajadas na produção do mundo. As ficções de poder se proliferam juntos a seus efeitos, numa marcha fúnebre celebrada como avanço, progresso ou destino incontornáveis. O monopólio da violência é uma ficção de poder baseada na promessa de que é possível forjar uma posição neutra desde a qual mediar os conflitos.” (MOMBAÇA, 2016: 4)

A questão do Poder em torno do social acentua a dimensão do controle para estabelecer essa narrativa ficcional sempre antagonista sobre heróis e vilões. O assunto violência é sempre um reflexo da dicotomia que estabelece critérios: normais/anormais, bons/maus, exemplar/delinquente, pacífico/terrorista, ordeiro/desordeiro, estável/louco, correto/marginal, entre muitas outras definições. Logo, a instituição de discursos por meio de palavras e adjetivos é o que conserva o contrato colonial, patriarcal, hegemônico e heterossexual de modelo de mundo. A má definição dos não sujeitos está impregnada pela ótica do que difere quem são

pessoas por estatuto, contudo o cuыр em toda sua anormalidade não quer ser o resgaste ao sujeito retocado e customizado pelas mãos violentas.

Por isso a diferença ao não ser mais uma possibilidade de sigla Q nesse jogo identitário, cobrando por reconhecimento estatal como a comunidade LGBTQIAPN+ faz. Para qual finalidade? Um cidadão LGBTQIAPN+ não se configura também em uma anormalidade social apenas integrada para ser parte das mecânicas e tecnologias? Se o Estado quer apenas ter o controle da sigla sem dar voz às pautas, como não concordar que a cidadania de terceira, quarta ou quinta classe dessa comunidade é evidente? A disparidade jurídico-legal presente nos termos da justiça burguesa, branca, classista e psico-teorizadas não é descaso, é caso muito bem pensado. Parte dessas ficções que Jota enuncia está em acreditar que assumir que trata-se de discriminação, parcialidade e descaso com direitos populacionais de uma comunidade específica que consome, participa e tem especificidades para suas assistências estatais. O buraco é mais embaixo: a cidadania LGBTQIAPN+ não existe! Para ser cidadão não basta equivaler normativamente, é preciso ser e comprovar, do contrário não há redenção, apenas sucede à regalia da violência e da morte.

“O estado, assim como as polícias, movem-se com e pelo desejo. Quando o movimento LGBT brasileiro luta pela criminalização da homofobia, ele está lutando, no limite, por esse desejo. O desejo de ser protegido pela polícia e neutralizado pelo estado não importa a que preço. Não se considera, por exemplo, a dimensão racista estruturante do sistema prisional, cujo maior alvo segue sendo as pessoas pretas e empobrecidas, inclusive aquelas cujas posições de gênero e sexualidade poderiam ser compreendidas no espectro LGBT. A aposta nessas estruturas normativas como fonte de conforto e segurança para as comunidades agrupadas em torno da sigla LGBT é um sinal evidente da falta de imaginação política interseccional desses ativismos, que estão limitados a lutar no interior do projeto de mundo do qual temos sido reiteradamente excluídas.” (MOMBAÇA, 2016: 6)

Por isso, arruinar os muros em prol de rebeldias inflamatórias é um ponto-chave como parte da superação desses vieses temáticos pacificadores que enfraquecem a vontade de luta. Fala diretamente às corpas de todo mundo, mas também aos corpos que ainda não saíram de suas redomas de vidro impermeáveis e satisfatórias, para sair dos esquemas de solidão, estruturas e limitação. O convite à dissidência é a espontânea vontade de entender o que nasce por dentro e ao redor das sexoafetividades não-monitoradas, abandonar o egoísmo mesquinho e

predatório para coletivamente fortalecer suporte em vista dos abandonos e vulnerabilidades. Inclusive, construir outras formas libertário-decoloniais de amar, pois amar no capitalismo, no necroliberalismo, por meio das hipocrisias do romantismo romântico monogâmico hierárquico e seletivo é alimentar o ódio a si. Pensar os amores plurais concordantes às amizades que se solidificam, levantam, expandem, libertam de amarras advogadas pela normalização de caixas nos jeitos de se relacionar e impor regras.

“Atualmente, as marchas do Orgulho ocorrem em muitos países, mas sabemos que seu sentido mudou significativamente. Em anos recentes marchamos junto a bares, empresas que se dizem LGBTI friendly, embaixadas de países como Estados Unidos e Israel, instituições do governo e partidos políticos, nos quais, em vez de celebrar sua participação, devíamos estar jogando tinta na cara. Muitas vezes, nas convocatórias às marchas se leem comentários que reforçam a misoginia, a homo/lesbo/transfobia e o desprezo por quem não respeita “os bons costumes”.” (BRUNEL, 2017)

O que há para se orgulhar em vista de tantos crimes de ódio, violências sexuais, capitalismo rosa, performatividades cishetero-assimilativas, cobranças por criminalizações e punitivismo? Quando chegamos à conclusão de que o projeto de igualdade LGBTQIAPN+ no mundo é a melhor decisão quando enclausura, confina e dá poder ao Estado no gerenciamento dos afetos, mesmo sendo o mesmo sistema que acoberta e privilegia assassinos dessa comunidade? Em muitos países latinoamericanos como México, Argentina, Chile, Brasil, entre outros, há marchas dissidentes acontecendo em tempos de Parada do Orgulho e organizadas por diferentes coletivas monstruosas/anarcafeministas questionando essas indignações que são postergadas em prol de segregação, despolitização e apertos de mãos para celebrar mercantilmente quando as expectativas de vida são baixas e a memória coletiva de ativistas é jogada às traças. Orgulhar-se é criar espaços de luta, contaminar tudo com a radioatividade kwyrizada, denunciar e combater essas supremacias brancas pelo mundo e tornar a raiva e a crítica parte de manifestações por vir que não preguem por tal mesmice burguesa identitária regulatória e sem solidariedade.

Figura 39 – Manifesto divulgado pela Coletiva Monstruosas com foto tirada na Marcha das Vadias de 2013 de uma performance realizada pelo Coletivo Coiote criticando religiões cristãs supremacistas, cuja intervenção resultou em debate sobre criminalização e questões sobre suposta heresia



Fonte: monstruosas.milharal.org

Junto à figura 39, a Coletiva Monstruosas aborda no artigo que acompanha a discussão um recado claro e instigante sobre não se render às violências e ofensivas sacramentais permeadas de rigorosidade que reforçam a necessidade de ser para poder existir desde que por condicionamentos higienistas e sanatórios:

“Abominamos o nicho de mercado feito para homogenizar e regular nossa pluralidade e rogamos para que as religiões supremacistas brancas, responsáveis diretas pelo nosso extermínio, afundem no próprio inferno que criaram nos vendo gozar ao transformar seus símbolos sagrados em brinquedos do nosso prazer e em lenha para o fogo da nossa paixão escatológica. Queremos construir a liberdade para as relações afetivas e de cuidado entendendo que ser livre não é optar pelo padrão hegemônico dentre outras opções, mas sim construir a política que envolve nossas vidas.” (MONSTRUOSAS, 2020)⁸⁷

⁸⁷ MONSTRUOSAS, Coletiva. *Nunca esqueçam: O orgulho nasceu da revolta!* jun. 2020. Disponível em: <https://monstruosas.milharal.org/2020/06/28/nunca-esquecam-o-orgulho-nasceu-da-revolta/>. Acesso em: jan. 2023

Em torno disso, recordemos que “nomear a norma é o primeiro passo rumo a uma redistribuição da violência, porque a norma é o que não se nomeia, e nisso consiste seu privilégio” (MOMBAÇA, 2016, p. 10) A qualidade normativa que cerca a todos coloca-se tão acima que não implora aceitações ou se cobra de saídas do armário, apenas imprime compulsoriedade em um *continuum* sem devir, diferente da indefinição que prevalece no devir ético-estético cuyrizado. Os projetos identitários constroem os muros, enquanto os saberes libertários nos instigam a arruiná-los até que não sobre tijolo sobre tijolo. É soltar em cima do sistema normativo uma avalanche de interrogações ao deparar que há nome e há muito mais que isso na captura por suas próprias tocaias convenientes e favorecidas por regimes de poderes antepostos, pois “nomear a norma é devolver essa interpretação e obrigar o normal a confrontar-se consigo próprio, expor os regimes que o sustentam, bagunçar a lógica de seu privilégio, identificar suas crises e desmontar sua ontologia dominante e controladora. (idem, ibidem).

A fluidez é uma iniciativa radical interseccional, decolonial, mutante, artesanal, dissidente, errática, antifascista, horizontal e solidária. Fluir, jamais deixar de fluir, jamais ceder no fluir, fluir até o fim do mundo, uma vez que “é sempre uma luta pela abolição do ponto de vista do colonizador e, conseqüentemente, é uma luta pelo fim do mundo - o fim de um mundo. Fim do mundo como o conhecemos. Como nos foi dado a conhecer.” (MOMBAÇA, 2016, p. 15) Lutar por isso sem esquecer de sorrir, de descaracterizar valores e práticas, de construir uma atitude de S U B V E R S Ã O que desprograma o regime sexual binarista, classificatório e moralista.

A subversão é apoio coletivo; está no sangue, suor, gozo, urina, fezes, partes do corpo que estão lá ou não, reforçando o que Anzaldúa, Mbembe e Preciado, além das estudiosas/es dessa prática de estar constante nos evocam: se movimentar pelas *fronteras* com monstruosidade, interferindo exponencialmente nas entranhas do extermínio com motins, barricadas, autodefesas, defesas coletivas, ódio visceral e alienigeny com todas as inquietações em forma de fogo e gasolina. Estar estando, estar vivendo, estar junto, estar corajosa/e, estar na viadagy do devir sem esperas ou esperanças falidas. ORGANIZE A REVOLTⒶ!

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com o objeto principal de aprofundar a subversão kwyrizada latinoamericana, essa pesquisa abordou seus pontos de discussão ao caminhar pelas encruzilhadas e manifestos da indefinição, *fronteras* de fogos mutantes inspiradas por Anzaldúa, à luz de Mbembe seguir viva/e e em movimento contra o necropoder e causando a prazerosa indesejabilidade flamejante da sexodissidência em oposição aos institucionalismos identitários reformistas e retrógrados, afirmando, assim, o intuito de tornar abrangente posições de uma psicologia social ampla envolvendo discussões anarquistas, feministas, decoloniais, interseccionais e de magnitude prática e além-teórica, observando o quyr como uma atitude, rejeitando a inércia discursivo-teórica, justamente por ter teor dialógico e de ousadias que excitam horizontes libertários e emancipatórios.

Se o colonialismo tornara-se tecnologia de programação das subjetividades e contempla sujeitos normais, a anormalidade nos ensina a sabotagem. Sabotar, desprogramar, contraculturalizar, reinventar e sair das amarras do universalismo hegemônico e estadista. No processo artesanal de tecer as artes múltiplas como táticas de guerra e violência - que claramente não se igualam às guerras e violências coloniais e neocoloniais -, há a experiência performática e ético-estética nutrindo coletivamente o senso de desassociação completa com os modelos regulatórios de ser, constituindo a subalternização contestadora desse mundo limitador e suas estruturas de poder que domesticam e promovem saberes científicos, biológicos, psiquiátricos e neoliberais de inserção através de reducionismos, redesignações ou aniquilações, moldando narrativas para todos os corpos e mecanizando vidas em prol do sistema político da diferença sexual e dicotomias inesgotáveis.

Aprender a coexistir afetivamente é aprender a amar kaoticamente; o amor-caos é o amor da sociabilidade em contraposição ao que prega e impregna lastimavelmente o amor da monocultura heteroterrorista, que é sempre monogâmico, reprodutor, pudico e particularizado nos sacrifícios e na eternidade. É por isso que as corpos são Outras, gozando e transando sem absorver as dicas

mastigadas sobre com usar seus paus, cus, bucetas, orifícios, dildos inventados e interceptados na normatividade das sexualidades regulamentadas por higienismo, limpezas, puritanismos e civilidades hipócritas.

Há uma farsa que ressoa nos princípios progressistas, liberais e democráticos sobre a liberação sexual e reconhecimento legítimo das identidades da diversidade. Afinal, não são sujeitos reconhecidos no esplendor societário os que se posicionam como heterossexuais, sendo os mesmos que são ditos íntegros e mantenedores dos bons valores e costumes? Para além disso, o que a esquerda LGBTQIAPN+ tem a ganhar com seus pactos estadistas? Os benefícios da clausura e servidões voluntárias parecem mesmo mais interessantes assim? Vamos mesmo manter os princípios da gestão heteronormativa em pautas de lutas políticas ou podemos aniquilar de vez as ideias de siglas e culturalização/subculturalização das sexualidades à poeira e purpurina escatológica? Pensar no nomadismo sexual, corpóreo e resistente não é uma opção viável, combativa e instigante, em suma?

Muitos podem gritar aos ventos que o anarquismo é uma utopia. Pois que bom! A utopia não é nem nunca será um sonho masculino. Ela, a grande chama libertária, é potência imaginativa com ações diretas e pulsões abertas que permite não confinar os saberes, existências e mudanças em cárceres privados e coletivos. Ao refletir as *fronteras* como ultrapassagem radical e metáfora incandescente, faz-se locomoção da alteridade livre e marginal - olhar aqui, lá, além e entender que múltiplas camadas de significação são possíveis para quem ousa se rebelar, decolonizar e refutar com heresias esses padrões de controle que beneficiam apenas ao Estado, à economia e às tecnologias de controle heterocentradas. Esses projetos humanistas e humanizadores de correntes dos humanismos e humanidades apenas garante a qualidade de um tipo humano - o sujeito que pode ser bárbaro, violento e opressivo por sentir orgulho de sua repugnante normalidade especista e sinceramente contribuinte no extermínio às aberrações.

Por narrativas qkuyr, como podemos observar ao longo de toda a presente pesquisa, *não há espaço para ser Q*. A liquidação das potencialidades subversivas de uma ação kwirizade libertária somente para agradar os militarismos e tiranias que buscam por uma resposta para o que não se entende como homem ou mulher é

apenas mais uma ofensiva violenta da governamentalidade sobre os corpos, desenhando com traços floreados a cooptação, quando a intenção devir ética transviada pretende estar e fluir estando descaracterizada por propósitos nômades, grotescos e apocalípticos de desneutralização e desnaturalização do que sempre será colocado por hegemônico exemplar. Inclusive, vale lembrar que Q é de *queer*, uma forma de escrita norte-americana que não contribui em nada com as discussões decoloniais e interseccionais, pois é designada pelo mercado como gênero, isto posto, não à toa usa-se tantas inovações linguísticas como táticas afrontosas ao sentido normativo, patriarcal-colonial e condicionado por imposições nos discursos e cientificismos, dando dimensões transgressoras erráticas sobre significados, símbolos, códigos, representações e sem binarismos, dicotomias e usos logísticos escorados na rigidez.

O anarquismo como parte do todo no cotidiano é um compromisso e responsabilidade sérios em relação à não render-se por ofertas e apadrinhamentos estatais que buscam como resultado final a aniquilação dos opositores e seus próprios associados de alguma forma. Por isso é importante uma atitude libertária furiosa que não reitere por equivalência os formatos histórico-coloniais e o modelo moral prescrito que reintegra acúmulos de forças - algo machista, misógino e virilizado - para mais uma vez posicionar armadilhas de performatividade. Trata-se de reação combativa, autocuidado e visão crítica que não forneça aos mecanismos politizados uma chance de permanecer como sempre se portou. Inflamar um nomadismo ou qualquer outra expressividade libertária requer repensar as subversões como questionáveis hoje e sempre, pois a subversão, diferente de outros modos de resistências pacifistas, reformistas ou ideologicamente messiânicas, tem em suas raízes o sentido coletivo de construção, destruição e reconstrução constante com várias complexidades.

Isso é o que torna a subversão kwirizante mais apreciada. Os afetos não são contabilizados em trocas de favores, camaradagens, assimilações ou acordos verticalmente simétricos. Todos são protagonistas dissidentes para trocas que confraternizam a sociabilidade e a solidariedade libertária causando terror aos individualismos que gostam de objetificar e esquadrihar as fórmulas da identidade humana perfeita e concebível. Será que realmente é impossível escapar dessas

armadilhas? A melhor chance de decifrar essa charada é tentando, coletivizando-se. Existe uma sistêmica e sistemática impressão no necroliberalismo que estamos sós, fadades à essa solidão e nada nem ninguém nos abraçará, porém conseguimos acompanhar ao longo dessa trajetória de ruínas e conjuração de forças que se unindo com outras/es é possível insubordinar e conturbar a ordem vigente do eurocentrismo, cartesianismo e hegemonismo ensinados como verdadeiros.

Como interesse para novos aprofundamentos, a questão do pornoterrorismo - o *QKCUIER PÓSPORNORIZAÇÃO* -, é de amplo impacto libertário reflexivo, pois trata-se de produções audiovisuais independentes e piratas que descontinuem contraculturalmente as ideias fomentadas pela indústria pornográfica, que é capitalista, higienista, heterossexista, normativa e produz em sua síntese jeitos de se performar o sexo, validando violências sexuais, humilhações, construindo mercantilizações fetichistas, reiterando colonialismo, supremacias, cooptações de sexualidades, padronização das corporeidades, falocentrismo e idealizações compulsórias por meio de fotografias e filmagens editadas.

Com a possibilidade de pensar criticamente as tecnologias em torno dos prazeres, dos desejos e das afetividades sexodissidentes, materializou-se um outro mundo de experimentações artisticamente, politicamente e anti-sistematicamente, pois o foco está em combater a normatividade com a presença de corpos não hegemônicas, bizarras e estigmatizadas, fomentando um olhar alienígena fora das pretensões capitalistas com suas ordenações no uso dos prazeres. É possível excitar desprogramando a subjetividade, bem como pensar o sexo enquanto inconformismo, políticas anais, cucetagens, monstruosidades e emergências de desejos não reducionistas e violentos. É parte das performances terroristas de gênero, ameaçando as instituições com o caos contrassexual sem essas repetições de cenas, gemidos circunstanciais e objetificação estrutural e exploratória.

Concluindo, estar estando é tornar irreconhecível o que se espera domesticar. Não sucumbir é risco, mas isso sempre existirá - logo, transitar e vivenciar alegrias libertárias é não morrer. Subverta-se! Indefina-se! Descubra as potências coletivas na organização das revoltas! Todas as cosmovisões

caleidoscópicas de existências são máquinas de guerra para táticas de guerrilhas contra o que massacra. Seguimos vivas y vives y vamos permanecer!

Figura 40 – Bandeira anarcoqueer



Fonte: Wordpress

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

dialogias de desprogramação

ALMEIDA, A. C. de.; NEVES, C. R. das. A Identidade do “Outro” colonizado à luz das reflexões dos estudos Pós-Coloniais. In: Em Tempo de Histórias. Brasília, n.20, jan-jul.2012. Disponível em: <http://periodicos.unb.br/index.php/emtempos/article/view/19862>.

ANZALDÚA , Gloria. Borderlands/La frontera: the new mestiza. 2. ed. San Francisco: Aunt Lute Books, 1987.

_____. Falando em línguas: uma carta para as mulheres escritoras do Terceiro Mundo. Trad. Édina de Marco. Revista Estudos Feministas, v. 8, n. 1, p. 229-236, 2000. Disponível em: <http://educa.fcc.org.br/pdf/ref/v08n01/v08n01a17.pdf>.

_____. Queer(izar) a escritora: loca, escritora y chicana. Trad. Tatiana Nascimento. In: BRANDÃO , Izabel; CAVALCANTI , Ildney; COSTA , Cláudia de Lima; LIMA , Ana Cecília Acioli (Orgs.). Traduções da cultura: perspectivas críticas feministas (1970-2010). Florianópolis: Editora da UFSC, 2017. p. 408-425. Disponível em: https://brotanoblogs.org/files/2016/01/Queerizar-a-escritora_Gloria-Anzaldua.pdf.

ANZALDÚA, Gloria; KEATING , AnaLouise (Ed.). This bridge we call home: Radical visions for transformation. Londres: Routledge, 2013, p. 03

BALLESTRIN, Luciana. América latina e o giro decolonial. Revista Brasileira de Ciência Política, v. 11, p. 89-117, 2013. Disponível em: [https://www.scielo.br/j/rbcpol/a/DxkN3kQ3XdYYPbwwXH55jhw/abstract/?lang=pt](https://www.scielo.br/j/rbcpol/a/DxkN3kQ3XdYYPbwwXH55jhw/abstract/?lang=pt;);

BARBOSA, Wilson do N. “Neocolonialismo: Um Conceito Atual?” In: SANKOFA - Revista de História da África e de Estudos da Diáspora Africana/Núcleo de Estudos de África, Colonialidade e Cultura Política, n. VIII, ano IV, dez. São Paulo: NEACP, 2011. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/sankofa/article/download/88803/91686>;

BENTO, Berenice. O que pode uma teoria? Estudos transviados e a despatologização das identidades trans. Revista Florestan, São Carlos, ano 1, n. 2, p. 46-66, 2014. Disponível em: <https://www.revistaflorestan.ufscar.br/index.php/Florestan/article/view/64>.

BHABHA , Homi. O Local da Cultura. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998.

BRAIDOTTI, Rosi. Diferença, diversidade e subjetividade nômade. Labrys, estudos feministas, v. 1, n. 2, p. 1-16, 2002. Disponível em: https://historiacultural.mpbnet.com.br/feminismo/Diferenca_Diversidade_e_Subjetividade_Nomade.pdf.

BRUNEL, Emma Álvarez. 7 Marchas dissidentes do Orgulho LGBT na América Latina. Trad. Grupo de Estudos Anarquistas Maria Lacerda Moura. In: Monstruosas [site], dez. 2017. Disponível em: <https://monstruosas.milharal.org/2017/12/25/7-marchas-dissidentes-do-orgulho-lgbt-na-america-latina/>.

BUSSOLETTI, Denise Marcos et al. Pensamento latino-americano: a noção do “não-ser” e a valorização de ideias e lugares outros. Diálogos Latinoamericanos, n. 25, p. 73-81, 2016. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/162/16249406006.pdf>.

CAETANO, Marcio Rodrigo Vale; DA SILVA JUNIOR, Paulo Melgaço; DE GARAY HERNANDEZ, Jimena. Ninguém nasce homem, torna-se homem: as masculinidades no corpo e o corpo nas práticas curriculares das masculinidades. Revista Periódicos, v. 1, n. 2, p. 8-18, 2014. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/revistaperiodicos/article/view/12873>.

CANGUÇÚ-CAMPINHO, Ana Karina Figueira. A construção dialógica da identidade em pessoas intersexuais: o X e o Y da questão. Tese de Doutorado em Saúde Pública, Instituto de Saúde Coletiva, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2012. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/handle/ri/6776>.

CÉSAR, M. R. de A; SIERRA, J. C. Governamentalidade neoliberal e o desafio de uma ética/estética pós-identitária LGBT na educação. Educar em Revista, n. 1, p. 35-51. Curitiba: Editora UFPR, 2014. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/er/a/tS5HHsy53qVfJm7bQr9VLqR/abstract/?lang=pt>.

CHIODI, Vitor França Netto; REPOLÊS, Sofia Gonçalves. Para além do humano: uma perspectiva Queer. Revista Textos Graduados, v. 1, n. 1, 2015, pp. 94-103. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/tg/article/download/16892/15183/28324>.

CORREA, Rafael A. M. QKCUIER... Uma indefinição! 2018. 120f. Trabalho de conclusão de curso (Bacharelado em Ciências Sociais). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2018. Disponível em: https://issuu.com/kucetaerratika/docs/qkcuier_uma_indefini_o.

DE BRAGANÇA, Maurício. Entre a transculturação e o hibridismo: uma questão de identidade para a América Latina. INTERCOM: Salvador, 2002. Disponível em: http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2002/congresso2002_anais/2002_NP13BRAGANCA.pdf

DE TROI, Marcelo; COLLING, Leandro. Antropofagia, dissidências e novas práticas: o teatro oficina. Revista Ambivalências, v. 4, n. 8, p. 125-146, jul-dez 2016. Disponível em: <https://seer.ufs.br/index.php/Ambivalencias/article/view/6004>.

FANON, Frantz. Pele negra, máscaras brancas. Trad. Renato Silveira. Salvador: Editora UFBA, 2008.

FIGUEIREDO, E. Conceitos de literatura e cultura. Juiz de Fora: Editora UFJF/Niterói: EdUFF, 2005, pp. 215-141.

FLORES, V. Esporas de indisciplina: Pedagogías trastornadas y metodologías queer. In: BRITZMAN, D. et al. Pedagogías transgresoras II. Argentina: Bocavulvaria Ediciones, 2018. Disponível em: <https://www.bibliotecafragmentada.org/wp-content/uploads/2019/12/Esporas-de-indisciplina-completo-val-flores1.pdf>.

GIMENEZ, Mariana Quadros. Movimento LGBT, a memória de um espaço-tempo-humano. Temporalidades, v. 7, n. 2, pp. 346-367, 2015. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/temporalidades/article/view/5632>.

GONÇALVES, Cleberson Diego. Queer Art na educação: as relações com a arte contemporânea e produções subjetivas. Itambé: UFPR, 2016. Disponível em: <https://www.acervodigital.ufpr.br/bitstream/handle/1884/51798/R%20-%20E%20-%20CLEBERSON%20DIEGO%20GONCALVES.pdf>.

GUERRA, Suzan M. In The End (Al Fin) We Are All Chicanas (Somos Todos Chicanas): pivotal positions for change a textual collage of cross-cultural exile stories. In: ANZALDÚA, Gloria; KEATING, AnaLouise. This Bridge We Call Home: Radical Visions for Transformation. New York: Routledge, 2002.

HANCIAU, Nubia. (2005). “O entre lugar”. In: FIGUEIREDO, E. Conceitos de literatura e cultura. Juiz de Fora: Editora UFJF/Niterói: EdUFF, 2005, p. 215-141. Disponível em: https://hanciau.net/arquivos/Entre_lugar.pdf.

IANNI, Octávio. Enigmas do pensamento latino-americano. São Paulo: Instituto de Estudos Avançados da Universidade de São Paulo, 2000. Disponível em: <https://www.marxists.org/portugues/ianni/ano/mes/93.pdf>.

KILL, Murilo. Por um vírus bicha. In: NAVARRO, Pablo Pérez (coord.). Histórias da Queerentena. (CES-AL) / NUH - UFMG / Editora Devires, 2020, 1ª edição. Disponível em <https://dspace.uevora.pt/rdpc/bitstream/10174/28821/2/Histo%CC%81rias%20da%20Queerentena%20-%20Pag%20292.pdf>.

KURY, Bruna. A póspornografia como arma contra a maquinaria da colonialidade. In: LEAL, Dodi; RODRIGUES, Éder; DA COSTA, Felisberto (orgs.). Teatralidade diaspóricas [recurso eletrônico]. 492 p. São Paulo: ECA-USP, 2021. Disponível em: <https://www.livrosabertos.sibi.usp.br/portaldelivrosUSP/catalog/download/692/615/2301?inline=1>.

LIMA, Dulcilei da Conceição. Interseccionalidade e ciberativismo: raça, gênero e TIC's. 13º Mundos de Mulheres Fazendo Gênero 11. Florianópolis, jul-ago, 2017. Disponível em: [http://www.en.wwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/1491323274_ARQUIVO_Dulcilei-C-Lima_Interseccionalidade-genero-raca-e-TIC_revisado\(2\).pdf](http://www.en.wwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/1491323274_ARQUIVO_Dulcilei-C-Lima_Interseccionalidade-genero-raca-e-TIC_revisado(2).pdf).

LLAMAS, Ricardo. "La reconstrucción del cuerpo homosexual en tiempos de SIDA." In: Reis: Revista Española de Investigaciones Sociológicas, n. 68, Monográfico sobre: Perspectivas en Sociología del Cuerpo, out. - dez. 1994, pp. 141-171. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/40183761>.

LOURO, Guacira Lopes (org.). O corpo educado: pedagogias da sexualidade. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

_____. Um corpo estranho – ensaios sobre sexualidade e teoria queer. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

_____. Teoria queer – uma política pós-identitária para a educação. Estudos feministas, v. 9, n. 2, pp. 541-553, 2001. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ref/a/64NPxWpgVkT9BXvLXvTvHMr/abstract/?lang=pt>.

LORDE, Audre. As ferramentas do mestre nunca irão dismantelar a casa do mestre. Textos escolhidos. Herética Difusão Lesbofeminista Independente. 2014. Disponível em: https://www.mpba.mp.br/sites/default/files/biblioteca/direitos-humanos/direitos-da-populacao-lgbt/obras_digitalizadas/audre_lorde_-_textos_escolhidos_portu.pdf.

LUGONES, María. Rumo a um feminismo decolonial. Estudos Feministas, Florianópolis, 22(3):935-952, setembro-dezembro/2014. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-026X2014000300013&script=sci_abstract&lng=es.

_____. Colonialidad y género. Tabula Rasa. Bogotá - Colombia, n. 9: 73-101, julho-dezembro. 2008. Disponível em: <http://www.revistatabularasa.org/numero-9/05lugones.pdf>.

MBEMBE, Achille. Necropolítica: biopoder, soberania, estado de exceção, política da morte. Tradução Renata Santini. São Paulo: N-1 edições, 2018.

_____. Thoughts on the planetary: An interview with Achille Mbembe. New Frame Magazine on-line. [Entrevista concedida a] Torbjørn Tumyr Nilsen. 2019. Disponível em: <https://www.newframe.com/thoughts-on-the-planetary-an-interview-with-achille-mbembe/>.

_____. A ideia de um mundo sem fronteiras. Revista Serrote on-line. IMS, São Paulo, 2019. Disponível em: <https://www.revistaserrote.com.br/2019/05/a-ideia-de-um-mundo-sem-fronteiras-por-achille-mbembe>.

_____. Sair da Grande Noite: ensaio sobre a África descolonizada. Trad. Fábio Ribeiro. Petrópolis, RJ: Vozes, 2019.

_____. Crítica da razão negra. São Paulo: N-1, 2018.

MÉRIDA, Rafael J. (org.). Prólogo. Sexualidades transgresoras – uma antologia de estúdios queer. Barcelona: Icaria, 2002.

MIRANDA, G. M. Novo Paradigma do Conhecimento e Políticas Educacionais na América Latina. Cadernos de Pesquisa, São Paulo: Cortez/FCC, 1997, pp. 37-48. Disponível em: <https://publicacoes.fcc.org.br/cp/article/view/766>.

MOMBAÇA, Jota. Rumo a uma redistribuição desobediente de gênero e anticolonial da violência! Publicação comissionada pela Fundação Bienal de São Paulo em ocasião da 32ª Bienal de São Paulo – Incerteza Viva, 2016. Disponível em: https://issuu.com/amilcarpacker/docs/rumo_a_uma_redistribuicao_da_violencia.

_____. Rastros de uma Submetodologia Indisciplinada. Revista Concinnitas, v. 1, n. 28, p. 334-354, 2016. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/concinnitas/article/viewFile/25925/18566>.

_____. Não vão nos matar agora. Rio de Janeiro: Cobogó, 2020.

MORAES, Filipe Proença de Carvalho. Um vírus que desvela as entranhas do capital. Revista Estudos Libertários, v. 2, n. 4, p. 66-89. jan./jun. 2020. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/estudoslibertarios/article/viewFile/34523/19231>.

MORAGA, Cherrie; ANZALDÚA, Gloria (orgs.), This Bridge Called my Back: Writing by Radical Women of Color. New York: Kitchen Table/Women of Color, 1983.

MORAÑA, Mabel. "El boom del subalterno". In: CASTRO-GÓMEZ, Santiago; MENDIETA, Eduardo (coords). Teorías sin disciplina: Latinoamericanismo, poscolonialidad y globalización en debate. México: University of San Francisco: Miguel Ángel Porrúa, 1998, pp. 214-222. Disponível em: <https://people.duke.edu/~wmignolo/interactiveCv/Publications/teoriassindisciplina.pdf>

NOLASCO, Sócrates. O mito da masculinidade. Rio de Janeiro: Rocco, 1993.

OLIVEIRA, Megg Rayara Gomes de. O diabo em forma de gente: (r)existências de gays afeminados, viados e bichas pretas na educação. Tese de Doutorado no Setor de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2017. Disponível em: <https://acervodigital.ufpr.br/handle/1884/47605>.

OLIVEIRA, Paula Parra Alves de. Transversalidades contemporâneas da performance queer na música brasileira: questões de diversidade cultural/sexual. 13o Mundos de Mulheres & Fazendo Gênero 11. Florianópolis, jul-ago, 2017. Disponível em: http://www.wwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/1498770398_ARQUIVO_PaulaParra-ArtigoFazendogenero.pdf.

OLIVEIRA, Salete. 2600 Política e resiliência – apaziguamentos distendidos. Ecopolítica, v. 4, p. 105-129, 2012. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/ecopolitica/article/view/13067/9568>.

ORTIZ, Renato. Anotações sobre o universal e a diversidade. Revista Brasileira de Educação, v. 12, n. 34, 2007. Disponível em: <http://educa.fcc.org.br/pdf/ep/v35n01/v35n01a05.pdf>.

PAJUBÁ. In: Wikipédia: a enciclopédia livre. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Pajub%C3%A1>.

PEREIRA, Pedro Paulo Gomes. Queer nos trópicos. Contemporânea-Revista de Sociologia da UFSCar, v. 2, n. 2, p. 371-371, 2012. Disponível em: <https://www.contemporanea.ufscar.br/index.php/contemporanea/article/view/88>.

PERES, Wiliam Siqueira. "Travestis: corpos nômades, sexualidades múltiplas e direitos políticos". In: SOUZA, Luiz Antônio Francisco de; SABATINE, Thiago Teixeira; MAGALHÃES, Boris Ribeiro de (Org.). Michel Foucault: sexualidade, corpo e direito. Marília: Cultura Acadêmica, 2011, p. 69-104.

PERRA, Hija de. Interpretações imundas de como a Teoria Queer coloniza nosso contexto sudaca, pobre de aspirações e terceiro-mundista, perturbando com novas construções de gênero aos humanos encantados com a heteronorma. Revista Periódicus, 2. ed., nov. 2014 - abr. 2015. Disponível em: <http://www.portalseer.ufba.br/index.php/revistaperiodicus/index>.

PRECIADO, Paul B. PRECIADO, P. B. Eu sou o monstro que vos fala: Relatório para uma academia de psicanalistas. Revista A Palavra Solta on-line, nov. 2020. Disponível em: <https://www.revistaapalavrasolta.com/post/eu-sou-o-monstro-que-vos-fala>.

PROCHET, Neysa. Corpo, Identidade e Globalização. 2010. Disponível em: http://www.achegas.net/numero/30/neysa_30.pdf.

PRYSTHON, Ângela. Estudos Culturais latino-americanos contemporâneos: Periferia, subalternidade, diferença e hibridismo. INTERCOM - XXI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 1998. Disponível em: <http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/7643f9905ff1d18e770a8789e58ea8da.PDF>.

QUIJANO, Aníbal. "Colonialidade do poder e classificação social". In: SANTOS, Boaventura de Sousa; MENESES, Maria Paula (org.). Epistemologias do sul. São Paulo: Cortez, 2010, pp. 84- 130.

RAGO, Margareth. Epistemologia feminista, gênero e história. Masculino, feminino, plural. Florianópolis: Ed. Mulheres, p. 25-37, 1998.

REIS, Maurício Novaes.; ANDRADE, Marcilea Freitas Ferraz. 2018. O pensamento decolonial: análise, desafios e perspectivas. Revista Espaço Acadêmico, n. 2012, p. 1-11.

RIOS, Roger Raupp. "Desenvolver os direitos sexuais – desafios e tendências na América Latina". In: CORNWALL, A.; JOLLY, S. (orgs.). Questões de sexualidade: ensaios transculturais. Rio de Janeiro, ABIA, p. 101-109, 2008. Disponível em: <http://www.sxpolitics.org/ptbr/wp-content/uploads/2009/04/questoes-de-sexualidade.pdf>.

ROSA, André Luís. corpxs sem pregas: performance, pedagogia e dissidências sexuais anticoloniais. Coimbra: [s.n.], 2017. Tese de doutoramento. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10316/42728>.

SALES, Adriana; PERES, William Siqueira. Apontamentos anal-lisadores: corpos travestis, tempos e subjetivadas compreensões do cu. Revista Periódicus, v. 1, n. 4,

p. 22-40, 2016. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/revistaperiodicus/article/view/15420>.

SANTOS, Ana Cristina dos. Fronteiras da identidade: o texto híbrido de Gloria Anzaldúa. In: Revista Digital do Instituto Latino-Americano de Arte, Cultura e História- Universidade Federal da Integração Latino-Americana-UNILA, n.1, 2013. Disponível em: <https://revistas.unila.edu.br/sures/article/view/6>.

_____. A voz híbrida de Gloria Anzaldúa: do marginal à nova mestiça chicana. In: Revista do Programa de Pós-Graduação em Crítica Cultural. Alagoinhas-BA, Pontos de Interrogação, v. 3, n. 1, jan./jul. 2013. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.30620/p.i.v3i1.1567>.

SANTOS, Karla Cristina dos. Tradução, pensamento liminar e plurilinguajamento: vidas na fronteira. Tradução & Comunicação - Revista Brasileira dos Tradutores, v. 19, 2009. Disponível em: <https://seer.pgskroton.com/traducom/article/view/2015>.

SANTOS, Kwame Yonatan Poli dos; DIONISIO, Gustavo Henrique. Pelo direito de ser um monstro. Artefactum, v. 1, n. 5, 2013, p. 08. Disponível em: <http://hdl.handle.net/11449/127232>.

SEGATO, Rita Laura. Gênero e colonialidade: em busca de chaves de leitura e de um vocabulário estratégico descolonial, e-cadernos CES online, n. 18, 2012. Disponível em: <https://journals.openedition.org/eces/pdf/1533>.

SIERRA, Jamil Cabral; CÉSAR, Maria Rita de Assis. Governamentalidade neoliberal e o desafio de uma ética/estética pós-identitária LGBT na educação. Educar em Revista, p. 35-51, 2014. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/er/a/tS5HHsy53qVfJm7bQr9VLqR/abstract/?lang=pt>.

SEXXXUALES, Ludditas. Ética amatoria del deseo libertario y las afectaciones libres y alegres. Argentina: Milena Caserola, 2014. Disponível em: <https://distribuidorapeligrosidadsocial.files.wordpress.com/2011/11/c3a9tica-amatoria-del-deseo-libertarioy-las-afectaciones-libres-y-alegres.pdf>.

TAKARA, Samilo. “Que que é isso que essas bichas tão fazendo?” in: Micropolíticas de resistência em Enviadescer da Mc Linn da Quebrada”. 4º Seminário Internacional de Estudos Culturais e Educação, Canos, RS, jun. 2017. Disponível em: http://www.2017.sbece.com.br/resources/anais/7/1485905641_ARQUIVO_Queeisso_queessasbichastaofazendo-artigoSBECE.pdf

TRINDADE, Denise. Arte e cultura na América Latina: cartografias do esquecimento. Art and culture in Latino America: cartographies of missing. Anais do II Simpósio Internacional Pensar e Repensar a América Latina, 2016. Disponível em:

http://www.hu.usp.br/wp-content/uploads/sites/35/2016/12/TRINDADE_SP12-Anais-do-II-Segundo-Simp%C3%B3sio-Internacional-Pensar-e-Repensar-a-Am%C3%A9rica-Latina.pdf.

VERGARA, Camile. Corpo transgressão: a violência traduzida nas performances do Coletivo Coiote, Bloco Livre Reciclato e Black Blocs. Cadernos de Arte e Antropologia, v. 4, n. 2, p. 105-123, 2015. Disponível em: <https://journals.openedition.org/cadernosaa/970>.

VIDARTE, Paco. Ética bixa: proclamações libertárias para uma militância LGBTQ. São Paulo: N-1 edições, 2019.

ZEN, Rafael Luiz. A supressão do outro no episódio do Queermuseu: A liberdade de expressão sob coerção e o que pode o ativismo queer. Palíndromo, v. 10, n. 21, p. 130-154, 2018. Disponível em: <https://www.revistas.udesc.br/index.php/palindromo/article/download/13431/8542#page=130>.

ZIMMERMANN, R. América Latina – o não-ser: uma abordagem filosófica a partir de Enrique Dussel (1962-1976). Vozes: Petrópolis, 1987.